Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 61.º N.º 20 712
Novembro 1981
Terça-feira
24
15$00

Angola: estamos juntos?

Publicamos hoje o segundo suplemento sobre Angola, realizado por João Mendes durante a primeira metade do corrente mês de Novembro. Os três restantes serão publicados, conforme ontem noticiámos, no sábado 27, na segunda-feira 30 e na quarta-feira 2. Hoje, prossegue o inquérito às condições em que se está a desenvolver a reorganização da produção da RPA, «visita-se» o passado da oposição militar ao colonialismo e fala-se do modo como o MPLA passou a Partido do Trabalho – e de algumas dificuldades encontradas durante essa passagem, e em consequência dela.

Plano:

Promessas para 1982 sobre os destroços de 1981

O Governo apresentou ontem no Conselho Nacional do Plano as Grandes Opções para 1982: um mundo de promessas contido na exposição do dr. Alberto Rogueira, secretário de Estado.

O crescimento será de três por cento, a inflação baixará para 17 por cento, aumentam as exportações e diminuem as vmportações e o investimento vai subir por aí acima.

Mas, para que tudo isto seja possível, – diz o Governo – é necessário que chova, o dólar não revalorize, o preço do petróleo não faça ondas e o mundo industrializado continue a comprar-nos cada vez mais.

Simplesmente, enquanto se divulgavam estas promessas para 82, era conhecido o quadro de 1981 que ora finda. E ele é exactamente o oposto do optimismo governamental: crescem as importações, diminuem as exportações, a balança de transacções atinge o défice fabuloso de dois mil milhões de dólares, o crescimento não ultrapassou 1,6 a inflação já ia, em Setembro em 18,6 e o desemprego não cessa de aumentar. **Pág. 6**

Eanes à partida para o Maputo:

Não ao "apartheid" sim à independência da Namíbia

Pág. 5

Reagan assina nova lei

Centenas de milhares voltam ao trabalho

O presidente norte-americano assinou hoje de madrugada uma nova lei sobre despesas federais, enviada pelo Congresso, dez horas depois de ter usado o seu direito de veto contra a lei anteriormente votada, relativa ao orçamento de emergência para a administração.

A aprovação desta lei pôs fim, por agora, a uma confrontação que tinha originado o primeiro veto de Ronald Reagan e o encerramento de todos os serviços não essenciais do Governo, com a suspensão sem vencimento de centenas de milhares de funcionários.

Na foto: funcionários abandonando o serviço, antes de conhecida a notícia da assinatura da nova lei.

Apoio "inequívoco" ao Governo

Cimeira da AD reuniu esta manhã

Os **Estados-Maiores** dos três partidos da AD – PSD, CDS e PPM – reuniram esta manhã, numa Cimeira, com objectivo de afirmar publicamente o apoio ao Governo e a sua política económica.

Pinto Balsemão, Fernando Amaral, Nascimento Rodrigues e António Capucho são os dirigentes sociais-democratas que participam nesta Cimeira: pelo CDS está o prof. Freitas do Amaral, Basílio Horta, Anacoreta Correia e Luís Beiroco. Pelo PPM, Ribeiro Telles, Borges de Carvalho, Portugal da Silveira e António Vasconcelos.

A realização desta Cimeira – como expressão inequívoca de comprometimento dos três partidos na política económica do Governo – foi exigida por alguns dirigentes e membros do Governo.

A recente deslocação do Primeiro-Ministro ao Porto saldou-se por um fracasso. Não tanto segundo a perspectiva de alguns responsáveis próximos do Governo – pela «manif» contra, mas pela total ausência de apoiantes e militantes da AD. Os parceiros sociais estão descontentes com o Executivo. No III Congresso da Tesiresd (tendência sindical reformista social-democrata) manifestou-se mesmo, na presença de Pinto Balsemão, contra o **tecto salarial** que o Governo pretendia fixar abaixo dos 15 por cento.

No final será emitido um comunicado e feitas declarações de apoio inequívoco ao Governo.

Ele (o Executivo) e ela (AD) estiveram hoje **sob o mesmo tecto.** Resta saber até quando vão viver assim **Até que a casa caia?,** até **secar a fonte** ou **até que alguém decida?**

Enciclopédia Mundial de futebol

dirija-se ao seu vendedor habitual
COMPRE JÁ!

Castelo Branco entre a seca e o litoral

Alterar a lei das finanças locais para reduzir as assimetrias

«O primeiro passo para a libertação é fazer com que as pessoas a desejem. Quando as pessoas vêem que podem sair do subdesenvolvimento, é sinal de que estão a libertar-se».

Se fossemos perguntar a que tipo de personalidade política – de que partido? – se poderá atribuir a autoria desta afirmação, certamente que não obteríamos a resposta verdadeira.

Tenho diante de mim o presidente da câmara de Castelo Branco, César Vila Franca, um autarca que tem desenvolvido uma acção genericamente meritória. Recebe-me na câmara, às dez e meia da noite, após uma reunião para discussão do orçamento para 82. O diálogo prolonga-se pela madrugada, com algum espanto. As referências que levo são confirmadas e até melhoradas ao longo da conversa.

Vila Franca, professor de profissão e vice-presidente da comissão política distrital do PSD, não tem nada a ver com aquilo que tem sido a vulgar imagem dos autarcas da AD: Sobrinho Morais, em Valpaços, Carlos Faria, em Celorico da Beira, ou Alfeu Campos, em Pinhel. É dos poucos (ou o único?) presidentes que a AD poderá exibir com o rótulo da não corrupção. «Devemos dinheiro, mas ele não está nos bolsos do presidente ou dos vereadores» – afirma, orgulhoso.

A sua rectidão, porém, tem custado a ser entendida por alguns dos que o colocaram à cabeça da lista que vencera folgadamente as eleições de 1979. Julgavam que tinham um peão e, afinal, saiu-lhes um autarca consciente das suas responsabilidades. «Jeitos aqui não entram, só se for pela porta do cavalo e sem a gente dar conta» – desabafa Vila Franca, recordando que logo após as eleições muitas pessoas se lhe apresentaram com o qualificativo do Compadrio: «Sou da AD». «Aqui só recebo munícipes, saia e venha como munícipe» – terá sido sempre, segundo as suas próprias palavras, a resposta do presidente.

Pois é este edil quem fala em subdesenvolvimento como uma prisão, em libertação, e que não teme as exigências da população. Pelo menos di-lo: «As pessoas começam a exigir, há quem se preocupe com isso, mas para mim é um elogio. É sinal de que as pessoas adquiriram voz. Não devemos abafar essa voz, devemos dar-lhe resposta».

«Mas aí há subversão», ripostei com uma pontinha de provocação.

«Não há subversão, há libertação. O primeiro passo para a libertação é fazer com que as pessoas a desejem».

Nas regiões do interior, seja Trás-os-Montes, sejam as Beiras, não se pode analisar as pessoas apenas pelo emblema que ostentam. Há surpresas que a vida política urbana dos grandes centros não contempla.

Tudo é prioritário

Castelo Branco é visivelmente um concelho dinâmico, com uma indústria florescente e onde tem sido desenvolvido um trabalho digno de realce. As carências continuam, no entanto, a ser graves e à cabeça está a água. «A falta de água é o nosso inferno» – diz-me uma guia de ocasião. Castelo Branco tem sido de facto o concelho que mais dramaticamente tem sofrido os efeitos da seca, como há poucos dias o «DL» referiu. «Esta situação veio demonstrar – afirma César Vila Franca – com maior acuidade que as infra-estruturas eram insuficientes. O assunto tem que ser visto com profundidade para que se evite aquilo que pode ser a desertificação do interior».

Mas não é só a água que falta. Muitas aldeias (104) continuam a viver às escuras ou à luz da candeia, a rede viária rural é péssima, o saneamento básico insuficiente, e o problema habitacional um desastre. Se no Inverno muitas aldeias ficam isoladas, no Verão é a sede, sem água.

«Têm que se criar mecanismos legais para que esta situação de subdesenvolvimento do interior seja superada» – palavras do presidente da câmara. «Aqui tudo é prioritário» – acrescenta. E faz uma proposta que embora irrealista para os tempos que correm, não deixa de ser justa: «Para alterar a situação de injustiça em que nos encontramos, deveria haver um período de transição ao nível da lei das finanças locais para que o interior se pudesse equipar e reduzir o fosso que o separa do litoral». Sugestão arrojada que se poderia concretizar desta maneira: «As zonas do interior deveriam absorver praticamente todas as verbas do Orçamento Geral do Estado». Teríamos o Litoral a assestar baterias contra o interior?

Não é a guerra que o edil albicastrense quer lançar, mas há discriminações, segundo ele, inadmissíveis. Cascais é um exemplo que não cabe de forma nenhuma na perspectiva de redução das assimetrias existentes. Cascais recebe três ou quatro vezes mais do que Castelo Branco, tem metade das freguesias deste e muitas das infra-estruturas resolvidas. «Cascais pode pensar no manjerico, aqui não podemos pensar o que é prioritário. É tudo prioritário». Falando concretamente em números, a Câmara de Castelo Branco necessitaria de 50 a 60 mil contos por mês para ter uma certa tranquilidade financeira e só recebe cerca de 16 mil contos.

Dívida de 110 mil contos

Apesar da limitada dotação financeira, a câmara não tem ficado de braços cruzados. Pelo contrário, tem procurado pôr em prática muitos dos projectos do executivo anterior (PS), do qual herdou um saldo positivo da ordem dos 82 mil contos. Calcetamentos, obras de saneamento básico, beneficiação de escolas, os trabalhos têm-se espalhado um pouco por todo o lado. Talvez sem um plano devidamente estruturado como acusam o PS e a APU, mas as obras têm sido feitas. A dívida à boca do cofre é da ordem dos 110 mil contos. O presidente não está, porém, preocupado. Tem consciência da acção que tem sido desenvolvida sem inaugurações festivas, como acontece propagandisticamente por muitos lados. A própria oposição o reconhece, embora não deixe de fazer algumas críticas.

Alfredo Santana, vereador do PS, por exemplo, considera que «a distribuição das verbas não foi justa nem realista» e que os principais problemas não foram atacados: Água, aproveitamento dos terrenos do antigo Hotel do Turismo, novo quartel da Feiteira, construção clandestina.

As decisões do executivo – 4 AD, 2 PS e 1 APU – têm sido no entanto tomadas por unanimidade, em 95 por cento dos casos. Di-lo o presidente, confirmam-no Alfredo Santana e Francisco Costa, vereador da APU. Este coloca, porém, uma reserva: os 5 por cento que faltam são as grandes questões de opção política. «Questões do orçamento e da habitação e que marcam uma câmara» – sublinha.

Segundo Francisco Costa «não há uma política correcta, os planos de actividades limitam-se a listas de obras insuficientemente orçamentadas, não há prioridades definidas, as obras executam-se um pouco ao acaso, é uma gestão aos bochechos».

Apesar destas críticas, poucos duvidarão de que com esta gestão, a AD consolidou a sua posição no concelho. Uma pergunta fica, todavia, no ar: Irão os barões aliancistas de Castelo Branco permitir que Vila Franca se recandidate em 1982?

O recente contencioso que se gerou durante a eleição para a comissão política distrital do PSD, à qual concorreram duas listas, a de Fernando Garcez e Vila Franca, afecta à linha de Balsemão, e a de Mário Lopes, conotada com os «críticos», poderá reacender-se. É quase previsível, aliás, que isso aconteça, tanto mais que a comissão concelhia social-democrata está ligada aos «críticos».

Daí a pergunta: em termos autárquicos, qual será o veredicto mais forte, o da comissão concelhia ou o da distrital?

É esperar para ver.

Luís Humberto Marcos

Uma lógica com lucros para alguns (conclusão)

Batata, furão e coração...

«Quem caça com o furão é que lhe «dói o coração» – dizia-nos o senhor Gabriel em Vagos, descrente da possibilidade de cooperativas ou Junta Nacional das Frutas «tomaram conta da batata».

A verdade é que no negócio das batatas o mais frequente é encontrar-se quem cace com o furão do vizinho. Ea nível central a situação parece pender eternamente a favor daqueles que vivem do esforço alheio.

As cooperativas conduziram em determinada altura uma luta intensa contra as estruturas que favoreciam largamente os intermediários da batata de consumo ou os armazenistas que detinham os «monopólios» das melhores qualidades.

Conseguiram, assim, algumas vitórias. Uma cooperativa por intermédio de um engenheiro técnico, procura alargar o campo das qualidades de batata de semente que prometem para o nosso país. Dessa forma, será possível ladear algumas dificuldades que ainda se enfrentam junto dos grandes armazenistas.

«A Junta Nacional das Frutas é um organismo de intervenção económica e nesta matéria encontra-se perante factos, situações de excesso ou de falta que devem ser regularizadas com apelo às medidas adequadas: respectivamente intervenção e apoio à exportação, em caso de excesso; promovendo a importação em caso de carência» – afirma-nos Isilda Branquinho, daquele organismo.

«A solução para as acentuadas flutuações da produção encontrar-se-á, para além do que possa ser explicado pelas condições climatéricas, em medidas que devem ser enunciadas pelos competentes serviços do ex-MAP» – prossegue a vice-presidente da JNF.

Só que, ouvimos um pouco por todo o lado, os serviços ministeriais vivem mais ou menos à margem dos problemas que respeitam aos agricultores. Não caçam com o furão deles.

Pesticidas, um exemplo

Muita da batata que este ano apareceu no mercado apresentava um sabor desagradável, e não só em Lisboa. Isso acontecia mesmo na região de Aveiro, que se integra no chamado «cordão litoral». Aí se obtêm dos melhores índices de produtividade do tubérculo no nosso país, já a aproximar-se do que se verifica na Europa.

A que ficará a dever-se o referido mau sabor? Fizemos a pergunta a diversas pessoas, algumas delas especializadas. Resposta: são os pesticidas.

Ou seja, os agricultores pulverizam a batata para armazém com um pesticida perfeitamente inadequado e que inclusivamente apresenta riscos para o consumo animal. Porquê? Porque é mais barato que os seus similares apropriados.

E isto tudo se passa na maior indiferença. Ela começa mesmo junto dos agricultores que não são devidamente esclarecidos, têm «essa farmacopeia» ao alcance da mão na taberna, no café, ou outros estabelecimentos.

De resto, ainda uma referência aos serviços regionais do Ministério da Agricultura: as verbas, de contenção, não chegam para que os seus funcionários se desloquem, informem e se informem, façam um trabalho em condições.

As consequências são inevitáveis: a situação do mercado continua a influenciar largamente as áreas de plantio: os produtos químicos são por vezes perfeitamente inadequados; muito pouca gente saberá ao certo o que é, o que representará, a nossa entrada na CEE.

«Se a gente pede uma análise de uma terra, vamos obter a resposta daí por muitos meses» – exemplifica Arlindo Cruz, da Cooperativa Agrícola de Aveiro e Ílhavo.

E acrescenta outro exemplo: as rações para animais, que andam em muitos casos absolutamente falsificadas. É preciso fazer análises, mas para tal não existe apoio estatal. Os preços como acontece na Quimigal, são em muitos casos incomportáveis.

E tudo isto (nos) acontece quandonos apresta mos para a Europa. «Nos países grandes produtores, França e Norte da Europa os preços são favorecidos por elevadas produtividades e tem sido possível a Portugal importar, em anos de má colheita, a preços sensivelmente inferiores aos preços internos» – conta-nos Isilda Branquinho, da JNF.

Uma luta de anos

«Veja o que se passa com os adubos» – diz-nos um homem ligado a estas questões. Os preços subiram mas não houve os devidos cuidados: «A maior parte do adubo velho foi vendido pelo preço do novo» – conta-nos Arlindo Cruz.

A cooperativa em que trabalha tentou desempenhar no seu âmbito o papel antiespeculativo que era de esperar. Só que isso se restringe a um pequeno número de produtores da região de Aveiro e Ílhavo.

O problema da especulação com o adubo repete-se sempre que é possível. Em 75/76, ano em que a batata de semente esteve no centro da especulação, houve um agente funerário em Vagos que chegou a vendê-la como se tratasse de uma loja especializada noutro ramo.

A batata de semente foi, sem dúvida, um dos pontos que mais sensibilizou os agricultores para a luta. Em Fevereiro de 1976, registava-se uma ameaça de corte de leite a Lisboa, como forma de protesto contra os grandes intermediários na comercialização da batata de semente.

Em Julho do mesmo ano, as cooperativas, incluindo a Lacticoop conseguiam o compromisso governamental de que a campanha de 1977 teria a coordenação da Junta Nacional das Frutas e que as organizações de lavoura seriam prioritariamente abastecidas. Em Outubro e Dezembro, faziam denúncias de açambarcamento de adubos por intermédiários e de boicote de rações para gado feito pelas empresas.

Outubro de 1977: não havia onde pôr tanta batata de consumo. Requisitavam-se armazéns à JNF. Em Outubro do ano seguinte, as cooperativas protestavam pela demora na Portaria Regulamentadora da importação de semente.

Na mesma altura, a produção voltava a ser excedentária e criava-se a Comissão Permanente da Batata, a funcionar na JNF, em que a lavoura estava maioritariamente representada. Viria a ser extinta pelo presidente da JNF.

Este ano, o que vai acontecer? Os preços são satisfatórios. Mas os problemas de fundo mantêm-se e não transparece a vontade para os ultrapassar. A intervenção que a Junta das Frutas fez em Maio ainda não foi totalmente paga aos agricultores, como nos refere Isilda Branquinho. Dos 8$50 por quilo, os produtores receberam apenas 3$00.

As intervenções feitas pela JNF são suportadas pelo agonizante Fundo de Abastecimento. As importações, suportamo-las todos nós para encher alguns bolsos. A batata que ciclicamente apodrece pelos nossos campos é um atentado à nossa economia e à fome mundial.

Quando, quem, e como estará disposto a regular esta coisa dos furões?

Câmara de Coimbra: admissões ilegais objecto de inquérito

Processos de admissão de pessoal na Câmara de Coimbra estão a ser estudados «para correcção de eventuais anomalias» – disse António Moreira, presidente da edilidade.

Esta decisão, tomada na última reunião pública camarária, visa apurar a veracidade de acusações, feitas pela comissão de trabalhadores, que referem a existência de 12 casos de admissão de pessoal fora das condições exigidas legalmente.

«Uma vez que existem actualmente 115 vagas nos serviços da câmara, a comissão de trabalhadores pretende que seja aberto concurso público normal», afirmou Agostinho Cruz, membro da CT.

Dos 12 casos considerados irregulares pelo organismo representativo dos trabalhadores, «dez constituem despacho da presidência e os outros dois deliberações do executivo com as quais não estamos de acordo» – adiantou.

O presidente da Câmara de Coimbra salientou, porém, que «a admissão de pessoal foi sempre feita com base nas informações dos chefes de serviço».

«Se houver qualquer compadrio posso garantir nada ter a ver com isso» – concluiu.

«Que é a História?»

Cecília Barreira

Uma editora recentemente constituída surge a lume com uma oportuna e útil tradução de **What is History?,** do historiador inglês Edward H. Carr. Este nasceu em 1892 e desempenhou cargos de envergadura em algumas universidades britânicas, caso de Oxford, Trinity College e Cambridge. De 1941 a 1945 foi consultor editorial do **Times.** As suas principais obras são: **Michael Bakunin; A History of Soviet Russia** que inclui **The Bolschevik Revolution; The Interregnum; Socialism is One Country; Foundations of a Planned Economy.**

* * *

Publicado em 1962, em Londres, «Que é a História?» é um ensaio lúcido e determinante sobre filosofia da História. Sigamos as etapas em que se vai desenrolando o olhar crítico do autor, mas detenhamo-nos no que, para nós, é um capítulo importante, pelo interesse que nos desperta: **a Causalidade.**

Na tradição duma historiografia inglesa, a que uma positividade filosófica delineia uma vocação, E. H. Carr parte epistemologicamente do **Facto:** «o que é o facto histórico», interroga-se. Mas a pertinência da questão ultrapassa o mero campo do objectual: os factos em si pouco ou nada dizem respeito à vasta grelha histórica se previamente não forem seleccionados pelo historiador num encadeamento causal, nessa busca, quantas vezes improfícua, de explicar um fenómeno. «Os factos só falam quando o historiador chama a atenção para eles», adverte-nos Carr. O que não deixa de ser preocupante: um certo relativismo passa, assim, a participar da explicação histórica. O autor refere-nos exemplos elucidativos. O homem medieval profundamente religioso é uma imagem **construída** por pessoas **interessada** em transmitir da medievalidade esse mesmo retrato, esse mesmo estereotipo: foi unicamente preciso extrair de **certos** factos a interpretação mais condizente, mais coadunada ao que antecipadamente se programara. Um certo **presentismo** emana destas considerações. Senão que outro sentido se nos poderá denunciar nas palavras?

«O terceiro ponto é que somente através dos olhos do presente podemos considerar o passado e alcançar uma sua compreensão. O historiador pertence à sua geração e a ela está submetido pelas condições da existência humana. As próprias palavras por ele utilizadas – como democracia, império, guerra e revolução – têm conotações correntes, das quais ele não se pode separar» (1).

Não será a impossibilidade duma história-ciência aquilo de que nos fala Carr? Ou haverá uma «salvação» para a História?

A objectividade será um território inacessível? À questão fundamental **Que é a História?,** Carr não responde a estas dúvidas. Deixa-nos, pelo contrário, ainda mais inquietantemente interrogativos e cépticos:

«Portanto, a minha primeira resposta à questão **Que é a História?** é a de que ela é um processo contínuo de interacção entre o historiador e os seus factos, um diálogo interminável entre o presente e o passado» (2).

Interacção entre o historiador e os factos. Mas, insistindo ainda, com o risco de pecarmos por demasiado teimosos: toda a selecção de factos será subjectiva, ou não haverá uma forma (fórmula?) de inteligir um imbróglio de acontecimentos com um máximo de objectividade possível? Aparentemente, tudo depende dos olhos do historiador o qual desta ou daquela forma, acerca deste ou daquele facto, se permitirá retirar as conclusões que lhe pareçam mais pertinentes (com a sua mentalidade: **tabus,** preconceitos, frustrações, inibições, etc., etc.).

Mais pacíficas (ou pelo menos, não igualmente inquietantes) nos parecem as suas afirmações sobre a ligação profunda entre **indivíduo** e **sociedade,** combatendo a visão carlyliana de que «a história é a biografia dos homens ilustres». De resto, a profundidade dessas ilações merece que sobre elas nos debrucemos mais atentamente. Citamos Carr:

«Aqui, deveria dizer algo acerca do papel do rebelde ou do dissidente na história. Sustentar a imagem popular do indivíduo revoltado contra a sociedade é reintroduzir a falsa antítese entre sociedade e indivíduo. Nenhuma sociedade é completamente homogénea. Cada sociedade é uma arena de conflitos sociais e aqueles indivíduos que se colocam contra a autoridade existente não são menos produto e reflexos dessa sociedade do que aqueles que a defendem» (3).

Deduz-se, deste modo, que o indivíduo, na concepção de E. H. Carr, é um ser integrado, que responde às motivações do colectivo em que vive mesmo quando se revolta ou se com ele defronta.

Num outro capítulo, «História, Ciência e Ética», o historiador desenvolve com maior precisão os esclarecimentos que «lhe pedíramos» a propósito da objectividade (ou não-objectividade) da análise histórica. Alguma esperança se nos fica, lendo as seguintes palavras:

«Se os filósofos, primeiramente sob o impacto da física moderna e actualmente sob o impacto da ciência social moderna, começam a libertar-se das suas grilhetas e a construir um modelo mais moderno do processo do conhecimento, em oposição ao velho modelo do impacto dos ventos sobre uma consciência passiva, isso é de bom augúrio para as ciências naturais e para a história em particular» (4).

Aliás, Carr recorda-nos: não é da modernissima investigação científica a descoberta de que no universo físico existe a indeterminação e a incerteza (o caso do comportamento do átomo, considerado isoladamente)? Ora, os campos da história e da física não se encontram deste modo tão nitidamente separados. A indeterminação participa simultaneamente de territórios tão díspares como o mundo dos electrões e o dos homens. A imprevisibilidade, contudo, pode ser debelada, paulatinamente: os métodos estatísticos e matemáticos podem ajudar a história a tornar-se mais rigorosa, mais «objectiva».

* * *

É a causalidade na história que nos importa neste entrecho realçar enquanto teorização fulcral do pensamento de E. Carr.

«O estudo da história é um estudo de causas» (5).

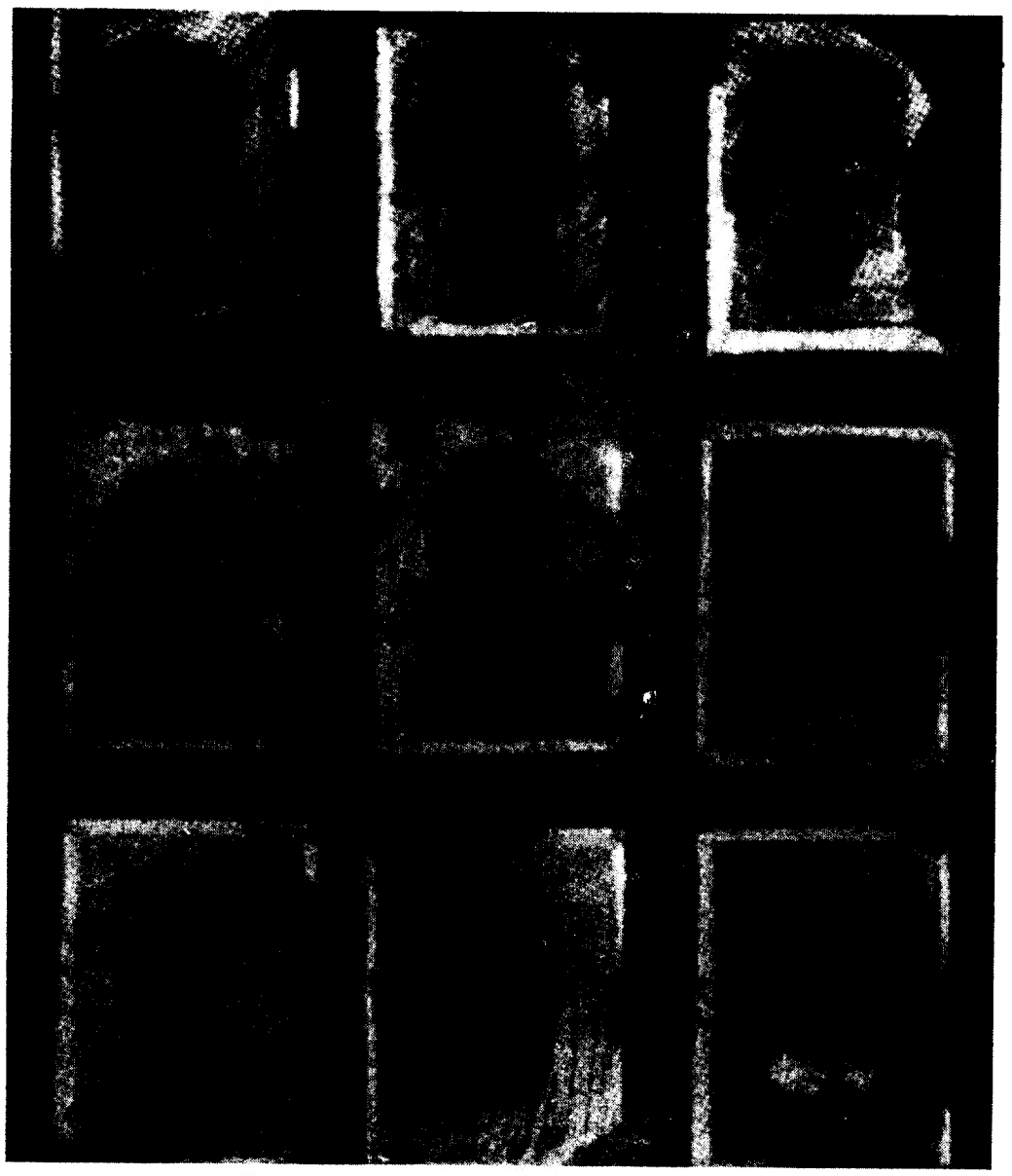
Vejamos como procede o historiador: um mesmo acontecimento suscita no seu espírito a atribuição de várias causas. Contudo, a atribuição de causas não é suficiente para delimitar e compreender um fenómeno: é preciso ordená-las e hierarquizá-las, estabelecer a sua «prioridade».

Acerca das questões de determinismo e acaso em história, lembramos Henri Berr que no livro, **La Synthèse en Histoire,** publicado em 1911, nos fala das «causas regularizadoras» que nos permitirão inteligir o papel do acaso. São as relações entre o acaso – na sua luta, na sua marginalidade relativamente a um **status,** a uma **ordem** – e a ordenação natural dos acontecimentos. que a história terá de absorver, de integrar. A individualidade posiciona-se na intermediação entre o acaso e a necessidade. Se um determinado acaso imprevisível (o acaso é sempre imprevisível, desculpem-nos a redundância), se desencadeia no seio de um fenómeno considerado submetido a leis mais ou menos duráveis, produzindo uma desordenação súbita, as próprias leis do acaso-necessidade preencherão (absorverão) essa instabilidade, recriando uma nova estabilidade, povoando um novo equilíbrio. A posição de Carr relativamente ao acaso e ao determinismo em história não nos parece tão elucidativa como a de Henri Berr. Por exemplo, diz o primeiro:

«As teorias que realçam o papel do acaso ou do acidental na história são as que prevalecem num grupo ou numa nação que se encontra numa zona de depressão e não na crista da onda dos acontecimentos históricos. O ponto de vista segundo o qual os resultados dum exame são, no seu conjunto, uma lotaria, gozará sempre de popularidade entre aqueles que alcançaram fracas classificações» (6).

Ora neste ponto há que distinguir entre uma teoria do acaso na explicação do passado; e o acaso na explicação do futuro, do **provável.** Que o acaso, na acepção de fortuito (o meramente fortuito) deva constituir a única e verdadeira lei da história, é um ponto em que historiadores, dos mais lúcidos e exigentes, convergem, ao negá-lo peremptoriamente. Mas o acaso integrado numa teoria das probabilidades não é uma noção espúria ou desarticulada de uma autêntica ciência histórica. E. H. Carr não integra o acaso; despreza-o; remete-o para uma categorização subalterna. Questionamos, ainda: então, como explicar o ocasional em história?

Muitas outras perguntas se poderiam colocar ao livro «Que é a História?». Deixamos aqui assinalado o desafio para que o leitor o interrogue também. Para que um fecundo e proveitoso debate sobre a História se generalize a um maior número de pessoas.



NOTAS

(1) **E. H. Carr,** Que é a História?, **Lisboa, Publicações Gradiva, 1981, p. 21.**
(2) **Id., op. cit.,** p. 25.
(3) **Id., op. cit.,** p. 44.
(4) **Id., op. cit.,** p. 61.
(5) **Id., op. cit.,** p. 73.
(6) **Id., op. cit.,** p.84.

Acontecimento

● Durante a ausência do Presidente da República, Belém ficará «entregue», interinamente, ao presidente do Parlamento, Oliveira Dias. Por seu turno, e de acordo com o Artigo 25 do Regimento da Assembleia, este será substituído pelo vice-presidente indicado pelo segundo maior partido, neste caso o socialista Manuel Tito de Morais. Deste modo, entre hoje e o dia 6 de Dezembro (data prevista para o regresso de Eanes após a viagem que empreende a três países africanos) a condução dos assuntos de Estado competirá a **Oliveira Dias** e a **Tito de Morais**, acompanhados (obviamente) por **Pinto Balsemão**.

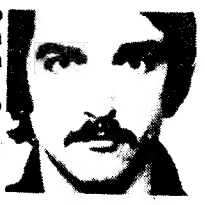
● Pela primeira vez na história do PCP na Região Autónoma dos Açores, vai reunir-se nos dias 28 e 29 na **Cidade da Horta** a Assembleia da Direcção da Organização do PCP local (DORAA). Na referida assembleia, na qual participarão cerca de 90 delegados das nove ilhas do arquipélago, estará presente Blanqui Teixeira, membro do Comité Central do PCP e responsável pela organização do partido.

A assembleia, estrutura superior do partido, definirá as linhas políticas de orientação dos comunistas na Região Autónoma dos Açores e elegerá os seus novos dirigentes. Uma delegação do PCP da Madeira e o cançonetista Fernando Tordo estarão igualmente presentes na assembleia.

● Os socialistas açorianos reúnem o seu terceiro congresso regional nos dias 24 e 25 de Abril do próximo ano, soube-se de fonte partidária.

Além de ter marcado a data do congresso, o Secretariado Regional do PS, que domingo reuniu na Cidade da Horta, decidiu ainda constituir uma comissão encarregada de preparar as eleições autárquicas do próximo ano.

● O social-democrata **Álvaro Monjardino** deverá ser hoje reeleito presidente da Assembleia Regional dos Açores. A Assembleia Regional dos Açores, que inicia na Horta a segunda sessão da actual legislatura, debaterá também a proposta de plano a médio prazo e o orçamento da região para o próximo ano. A proposta do plano, da autoria do Executivo, foi já analisada pelas comissões parlamentares da assembleia, que emitiram um parecer favorável.



● Os advogados de defesa do italiano **Roberto Martelli** desejam saber do Supremo Tribunal da Justiça quais os crimes que fundamentam a sua extradição.

Com esse objectivo entregaram no Supremo um requerimento pedindo a aclaração do acórdão que determina a extradição do súbdito italiano. Juízes do Tribunal da Relação entendem que alguns dos 52 crimes atribuídos a Martelli pela Polícia italiana são políticos, pelo que, segundo a Convenção Luso-Italiana de 1878, não poderá ser extraditado por esse motivo – disse um dos advogados de defesa.

O arquitecto Roberto Martelli, 32 anos, foi preso em Maio, em Lisboa, depois da intervenção de dois agentes da Polícia daquele país que para o efeito se deslocaram a Portugal.

● O Governo Regional da Madeira considerou anedóticas as afirmações do dirigente do CDS, Rui Pena, segundo as quais se vive na região autónoma um regime totalitário.

Em comunicado distribuído no **Funchal**, o Executivo madeirense, da presidência do social-democrata Alberto João Jardim, alerta a opinião pública «para o facto dos ataques do CDS visarem denegrir a imagem pública dos que são pela autonomia e individualidade própria do projecto social-democrata».

● O ministro da Administração Interna confere hoje posse aos novos governadores civis de Bragança, Coimbra, Portalegre e Viseu, foi oficialmente anunciado.

Trata-se, respectivamente, de Telmo Moreno, Dias Loureito, Rui Biscaia e João Antas de Barros.

● O presidente do Governo Regional dos Açores, **Mota Amaral**, visitará oficialmente a Madeira, nos dias 14 e 15 de Dezembro, foi ontem anunciado no Funchal.

Esta visita, que decorrerá uma semana depois do Congresso Nacional do PSD, insere-se nos habituais contactos anuais entre os dois Governos insulares a analisar a evolução do processo autonómico e a situação política nacional e internacional.

Mota Amaral viajará acompanhado de vários membros do seu gabinete.

AD derrotada em Belém pelo PS e APU

A Assembleia de Freguesia de Belém teve na passada sexta-feira a sua primeira reunião.

Aquele órgão do poder local, recentemente eleito, escolheu a nova Junta de Freguesia e a mesa da Assembleia. Ironicamente, a AD, apesar de ter sido a lista mais votada nas eleições, apenas conseguiu um lugar nos órgãos da freguesia – a presidência da Junta. E esse porque é de lei que seja entregue ao cabeça da lista mais votada. Todos os restantes lugares, preenchidos por eleição na Assembleia da Freguesia, foram distribuídos entre os representantes da APU e do PS, depois da AD ter recusado propostas de consenso adiantadas pelos outros partidos.

Na Junta de Freguesia, e para além do presidente Celso Correia (da AD) ficaram dois socialistas e dois eleitos pela APU. Na mesa da Assembleia, a presidência ficou para um independente eleito pelo PS, sendo os dois secretários da APU.

Esta solução tornou-se possível devido ao facto de a AD ter nove lugares, enquanto a APU tem seis e o PS quatro.

A AD pretendeu em primeiro lugar só eleger elementos seus para todos os órgãos. A proposta foi recusada e a APU contrapôs a possibilidade de a AD ficar com um lugar de secretário para além do presidente, enquanto o PS defendia que à coligação CDS-/PSD fosse também atribuído um cargo de vogal da Junta. A AD nunca aceitou estas propostas e acabou por ficar sem nada.

TEPCLIMA, S.C.R.L.

COM VISTA AO ALARGAMENTO DO SEU QUADRO TÉCNICO EM PORTUGAL E NO ESTRANGEIRO NECESSITA DE:

— ENGENHEIROS
— ENGENHEIROS TÉCNICOS
— TÉCNICOS DE ENGENHARIA

PARA TRABALHAR NAS SEGUINTES ÁREAS:

— REFRIGERAÇÃO
— AR CONDICIONADO

RESPOSTA POR ESCRITO INDICANDO «CURRICULUM VITAE» DETALHADO À RUA ARCO DO CARVALHÃO, 235 C — LISBOA

MUNICÍPIO DE OEIRAS
CÂMARA MUNICIPAL

TROFEU DESPORTIVO

CONCURSO

1. A Câmara Municipal de Oeiras, promove um concurso público para a criação de uma peça escultórica que exprima de forma figurativa o interesse da Autarquia pelos problemas do desenvolvimento desportivo do Concelho.

2. Aos projectos classificados nos três primeiros lugares será atribuído um prémio no valor respectivamente de 50 000$00, 30 000$00 e 20 000$00.

3. O concurso encontra-se aberto a partir da presente data, terminando o prazo de entrega dos trabalhos às 17.30 horas do dia 23.12.81.

4. O Regulamento do Concurso, estabelece os elementos obrigatórios que os trabalhos apresentados devem conter, as finalidades da peça escultórica, a composição do júri de apreciação dos trabalhos e demais condições a que está submetido o presente concurso.

5. O Regulamento do Concurso, encontra-se à disposição de todos os interessados, podendo ser levantado directamente no Pelouro de Desporto da CMO, ou solicitado por escrito para CMO Pelouro de Desporto 2780 — Oeiras.

O Vereador do Pelouro de Desporto
(Alfredo Carreiro Melo de Carvalho)

Comissão de Direito Internacional

Espanhol foi eleito com 125 votos Gonçalves Pereira tinha 60 promessas

O chefe de secção dos serviços jurídicos do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Espanha, José Manuel Lacleta Munoz, foi eleito para a Comissão de Direito Internacional com 125 votos. O prof. Gonçalves Pereira, quando retirou a sua candiatura tinha entre 50 a 60 promessas firmes de voto, segundo conta a Anop.

Juntamente com o **perito** espanhol, foi eleito pelo Grupo Ocidental (subgrupo mediterrânico) o candidato grego, tendo sido eliminados os candidatos turco e italianos. **Uma grande gentileza** – foi assim que o embaixador de Espanha nas Nações Unidas comentou a atitude de Gonçalves Pereira quando este renunciou à candidatura. Apesar de derrotados, o representante turco conseguiu 78 votos e o italiano 95.

Encerra-se, assim, uma **corrida** diplomática portuguesa. Depois da **perda** do Tribunal do Mar – e esse foi um erro da diplomacia portuguesa – a renuncia de Gonçalves Pereira ao cargo é mais uma derrota pessoal, pelo empenhamento (compreensível) com uma certa utilização do cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros, segundo vários sectores da oposição. Isso levaria mesmo o PS a colocar esta questão ao Governo. Que não respondeu.

Quem compõe a CDI

NAÇÕES UNIDAS, NOVA IORQUE – A Assembleia Geral das Nações Unidas elegeu 18 novos membros e reelegeu 16 para a Comissão de Direito Internacional em votação realizada ontem à noite.

A Comissão redige tratados multilaterais sobre diversos assuntos. A eleição realizou-se cinco dias depois da Assembleia ter alargado de 24 para 34 o número dos membros da Comissão. Os eleitos iniciaram em 1 de Janeiro mandatos de cinto anos.

Foram eleitos nove representantes de África, oito da Ásia, seis da América Latina, três da Europa de Leste e oito da Europa Ocidental e outros países.

Os novos membros da Comissão são os seguintes (indicam-se também os votos recebidos):

África – Abdul G. Koroma, (Serra Leoa), 144 – Richard O Suolale A. Akinjide, (Nigéria), 143 – Mohammed Bedjaqui, (Argélia) 143 (reeleito), Edilbert Razafindralambo, (Madagascar) 142, Doudou Thiam, (Senegal) 139 (reeleito), Khalafalla El Rasheed Mohamed Ahmed, (Sudão) 134, Frank X. Njenga, (Quénia), 134 (reeleito), Boutros-Ghali, (Egipto) 132 (reeleito) e Nikuin Leliel Balanda, (Zaire) 130.

Ásia – S. P. Jagota, (Índia) 129 (reeleito), Motoo Ogiso, (Japão) 129, Zhengyu Ni, China, 126, Andreas J. Jacovides, (Chipre) 125, Riyadh Mahmoud Sami Al-Qaysi, (Iraque), 123, Sompomg Sucharitkul, (Tailândia) 113, Syed Sharifuddin Pirzada, (Paquistão) 103 e Chafic Malek, (Líbano) 96.

Europa Oriental – Constantin Flitan, (Roménia) 144, Alexander Yankov (Bulgária) 144 (reeleito) e Nikolai A. Ushakov, (União Soviética) 136 (reeleito).

América Latina – Jorge Castaneda, (México) 132 (reeleito), Carlos Calero Rodrigues, (Brasil) 125, Leonardo Diaz-Gonzalez, (Venezuela) 115 (reeleito), Jorge E. Illueca, (Panamá) 115, Julio Barboza, (Argentina) 101 (reeleito) e Laurel B. Francis, (Jamaica) 100 (reeleito).

Europa Ocidental e outros países – Paul Reuter, (França) 133 (reeleito), José Manuel Lacleta-Munos, (Espanha) 125, Sire Ian Sinclair, (Grã-Bretanha) 123, Jens Evensen, (Noruega) 115 (reeleito), Constantin A. Stavropoulos, (Grécia) 115, Robert Quentin-Baxter, (Nova Zelândia) 114 (reeleito), Willem Riphagen, (Holanda) 133 (reeleito) e Stephen C. McCafrey, (Estados Unidos) 103.

Apesar da morte da FRS

PS e ASDI intensificam relações

O Partido Socialista e a Associação Social-Democrata Independente mantiveram ontem um encontro bilateral para analisar a situação política e decidiram intensificar a sua oposição ao actual Governo.

O encontro entre as delegações do PS e da ASDI, no qual participaram membros da Comissão Política socialista e da Comissão Instaladora dos sociais-democratas, insere-se nos contactos promovidos pelo PS com os seus antigos parceiros da FRS e foi antecedido, a semana passada, por um encontro com uma representação da UEDS.

Segundo um informador socialista estão previstos mais contactos bilaterais e, de acordo com a estratégia adoptada pelo PS de «viragem à esquerda» é possível que esses contactos sejam alargados a outras forças do campo socialista.

Na reunião entre os PS e a ASDI, os dois partidos passaram em revista «a gravidade da actual situação económica», da responsabilidade do Executivo AD, e resolveram «intensificar a sua oposição ao actual Governo».

As principais preocupações do PS e da ASDI têm a ver com as repercussões da crise na discussão na Assembleia da República do Orçamento Geral do Estado e do Plano para 1982 e «das suas consequências sobre a vida dos portugueses, em geral, e dos trabalhadores em especial» nomeadamente o anunciado pacote laboral governativo.

As delegações dos dois partidos vão actuar de forma consertada no Parlamento (juntamente com a UEDS) sobre estas questões, para além de manterem a colaboração na revisão constitucional, que ambos consideram muito positiva.

Maria João Avilez ao "DL"

"Desconheço preparação de um livro sobre Balsemão"

Desconheço em absoluto que está em preparação um livro sobre Balsemão – afirmou-nos, ontem, a jornalista Maria João Avilez, a propósito da notícia que aqui publicámos sobre a possível saída, em simultâneo, de dois livros – um sobre Pinto Balsemão e outro sobre Sá Carneiro.

O livro sobre o falecido Primerio-Ministro é de autoria da jornalista Maria João Avilez e de um colega, Ferreira Antunes. **Em qualquer caso este livro nada tem a ver com esse,** prosseguiu João Avilez, concluindo: **em qualquer caso estará pronto quando estiver**.

Recordamos que o livro sobre Pinto Balsemão deverá estar nas livrarias ainda este mês. Não haverá, ao que parece, simultaneidade entre as duas obras. Os «biógrafos» de Pinto Balsemão anteciparam-se. Objectivo: o Congresso.

F.N.A.C. — FÁBRICA NACIONAL DE AR CONDICIONADO, U.C.R.L.

COM VISTA AO ALARGAMENTO DO SEU QUADRO TÉCNICO NECESSITA DE:

★ ENGENHEIROS
★ ENGENHEIROS TÉCNICOS
★ TÉCNICOS DE ENGENHARIA

PARA TRABALHAR NAS SEGUINTES ÁREAS:

• INVESTIGAÇÃO
• PLANEAMENTO
• CONTROLO DE QUALIDADE

RESPOSTA POR ESCRITO INDICANDO «CURRICULUM VITAE» DETALHADO À ESTRADA DE OUTOURELA, LOTES 20 e 21 (DEFRONTE ÀS INSTALAÇÕES DA PHILIPS) EM CARNAXIDE OU APARTADO 2838

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS
HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ANÚNCIO

Torna-se público que se encontra aberto o Concurso Público 1/82-D para fornecimento de GÉNEROS ALIMENTÍCIOS, durante o 1.º trimestre de 1982.

O caderno de encargos está patente nos Serviços de Aprovisionamento **e será enviado a quem o solicitar,** indicando as referências dos géneros que pretendem fornecer.

As propostas devem ser entregues nos aludidos Serviços até às 17 horas do dia 3 de Dezembro de 1981, em subscrito **fechado, selado e lacrado,** com indicação do número no exterior e remetente, sendo abertas no dia seguinte, pelas 15 horas, perante todos os concorrentes que desejem assistir.

SÓ HAVERÁ LICITAÇÕES VERBAIS EM CASO DE IGUALDADE DE PREÇOS.

Para os géneros a fornecer, conforme as necessidades dos HUC, é necessário efectuar na nossa Tesouraria, um depósito provisório de Esc: 5000$00.

Coimbra, 17 de Novembro de 1981

O Chefe de Serviços de Apoio Geral
(Aprovisionamento)
Dr.ª Ana Maria Sequeira Mendes Pires Manso

POUPE ÁGUA E ENERGIA ELECTRICA

À partida para o Maputo

Eanes condena regime do "apartheid"

O papel de Portugal nas relações euro-africanas, a condenação do «apartheid», a defesa do direito da Namíbia à autodeterminação e a importância desta viagem para o reforço das relações entre Portugal e Moçambique – foram os principais pontos de uma breve alocução de Ramalho Eanes, esta madrugada em Lisboa, momentos antes de embarcar no avião que o conduziu até ao Maputo – primeira etapa da sua visita a três países da África Austral: República Popular de Moçambique, Zâmbia e Tanzânia.

Além de 35 empresários e 30 jornalistas, o chefe de Estado partiu acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Gonçalves Pereira, pelo porta-voz do CR, tenente-coronel Vítor Alves, e por cinco secretários de Estado. Eanes, que permanecerá na RPM até ao dia 28, de onde parte para a Zâmbia, seguindo a 2 de Dezembro para Dar es-Salam, poderá vir a contactar o presidente de Cabo Verde, Aristides Pereira, durante a escala técnica no regresso, na ilha do Sal.

O PR interino, Oliveira Dias, e o Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, estiveram, com outras individualidades, a apresentar cumprimentos de despedida no aeroporto da Portela.

Missão de «real interesse»

Na curta alocução de partida e depois de articular esta deslocação com «uma linha de política externa que se desenvolve desde 1976», o dirigente português considera ser hoje «claro», que a «expressão portuguesa de uma política africana é desejada pelos estados africanos e pela Europa como um canal de aproximação entre os dois continentes e que a sua concretização é condição de importância para o posicionamento de Portugal no seu processo de adesão à Comunidade Económica Europeia».

«É também claro – prosseguiu – que o estabelecimento de relações justas e duradoiras de colaboração entre Portugal e os Estados africanos constitui um objectivo com interesse para a recuperação da nossa economia, abrindo-se mercados de exportação e de importação em condições de vantagens mútuas».

«O conhecimento que Portugal tem dos problemas africanos e em especial dos problemas que ainda subsistem na África Austral tornam natural a nossa contribuição na consecução de soluções de consenso e de negociação segura que o ofereçam finalmente a esta região as condições de estabilidade e de progresso a que há muito aspira», afirmou também Eanes.

«Neste domínio – disse ainda o PR – teremos oportunidade de reafirmar as constantes da política externa portuguesa em relação à questão da Namíbia, a condenação do «apartheid» e da discriminação racial».

«Para todos os portugueses, tem certamente um significado muito especial o reforço das relações com a República de Moçambique que esta visita naturalmente irá proporcionar» – declarou o Presidente da República, para concluir que parte com «a noção clara de ir desempenhar uma missão de real interesse nacional» e que espera que todos os portugueses «tenham disso igual certeza, conscientes de que é para o presente e para o futuro que temos de comungar as nossas energias e as nossas capacidades para que possam ser afirmados e defendidos os interesses de todos nós».

A chegada

A chegada da comitiva portuguesa estava prevista para as 13 horas de Lisboa (15 no Maputo), com o presidente Samora Machel a receber pessoalmente no aeroporto de Mavalane, o seu homólogo português. Parada militar, danças e cânticos populares tradicionais preencheram o restante programa da chegada, em parte perturbado pela chuva que manhã cedo começou a cair na capital moçambicana.

Após um breve descanso o Presidente dirigir-se-á ao Monumento dos Heróis Moçambicanos, na praça do mesmo nome, frente ao Ministério da Agricultura, e aí deporá uma coroa de flores, em homenagem ao primeiro presidente da Frelimo, Eduardo Mondlane, e a outros antigos combatentes cujos restos mortais lá se encontram desde Fevereiro de 1979.

Cerca das 17.45, de volta à residência que lhe atribuíram e que foi em tempos do general Kaúlza de Arriaga, então comandante-chefe das Forças Armadas portuguesas em Moçambique, Ramalho Eanes receberá a visita do presidente Samora.

Findo o primeiro encontro a sós, entre os dois chefes de Estado, Eanes tem a noite livre, para um jantar íntimo e repouso.

Informação moçambicana

«Visita de Estado em independência» é o título, a duas linhas, do serviço a cinco colunas que o matutino «Notícias» de Maputo dedica à chegada do Presidente português. Ramalho Eanes inicia uma visita «aguardada com expectativa, pelos frutos que dela poderão resultar para as relações de cooperação entre a República Popular de Moçambique e Portugal» – escreve o «Notícias», cujo serviço de primeira página é acompanhado por uma fotografia do Presidente português.

A presença de Eanes «é o corolário do melhoramento das relações entre Moçambique e Portugal, cujo processo foi iniciado mais ou menos há um ano, quando o então Primeiro-Ministro Sá Carneiro, anunciou que o seu Governo estava disposto a encerrar o chamado contencioso económico.

Um acordo geral de cooperação entre Moçambique e Portugal assinado aquando da visita ao Maputo do secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Leonardo Matias, é também um dos resultados que o processo de aproximação já produziu – observa ainda o «Notícias».

Recorda o matutino maputense tratar-se da primeira viagem que um Chefe de Estado da Europa Ocidental efectua a Moçambique.

A Agência de Informação de Moçambique (AIM) escreve, por sua vez, em editorial, que a visita do Presidente Eanes simboliza o princípio de que a luta do povo moçambicano não foi contra o povo português.

Desde a sua fundação em 1962 – nota o director da agência, Carlos Cardoso – a Frelimo definiu claramente que o inimigo do povo moçambicano era o sistema colonial e não a cor da pele do colonizador.

Foi a própria luta contra o colonialismo e contra o fascismo que aproximou os dois povos – diz a AIM, sintetizando a doutrina do partido que governa Moçambique.

A visita do Presidente português – afirma a agência – vai culminar um processo de aproximação, processo que respeitou sempre o princípio de que «o inimigo não tem cor, o inimigo não tem pátria».

Beberete e marisco

O popular restaurante da Costa do Sol, nos arredores de Maputo, fica encerrado na sexta-feira, visto que o pessoal do mesmo foi convidado a servir o beberete que o presidente Eanes oferece à comunidade portuguesa.

Trata-se de um restaurante propriedade de gregos, especializado em marisco, e que o consulado-geral de Portugal contactou para dar a sua colaboração no beberete que Eanes oferece no recinto do antigo parque de campismo.

Admite-se que alguns milhares de portugueses possam acorrer ao convite para uma noite de convívio com o Presidente a senhora de Eanes.

Balsemão e Nandin

Em declarações proferidas ontem ao fim da tarde, à sua saída de Belém, onde se avistou com Eanes, Balsemão considerou a viagem «um passo importante nas relações entre Portugal e Moçambique».

Para o chefe do actual Executivo, tal viagem vai «cumprir o objectivo da política externa do Governo e demonstrar que não existem já razões para suspeitas e dificuldades nas relações entre Portugal e Moçambique».

Por outro lado, o secretário de Estado do Turismo, Nandim de Carvalho, que integra a comitiva de Eanes, manifestou esperança na intensificação da cooperação entre os dois países no domínio do turismo, particularmente a nível do sector público. Referiu a possibilidade de apoio técnico-económico português ao turismo moçambicano e informou da existência já de um acordo global de cooperação no âmbito de turismo entre Portugal e Moçambique.

Dois jornalistas sem visto

Considerados «personae non grates», dois jornalistas, Ferreira Simões do «Diário Popular» e João Fernandes de «O Dia», viram recusados por Moçambique os respectivos vistos para viajarem até ao Maputo.

Uma fonte de Belém informou que as autoridades portuguesas não tiveram qualquer interferência no incidente.

Cinema português no Maputo

O actor Mário Viegas e os realizadores Luís Rocha e José Caetano são aguardados no Maputo no próximo dia 30. Acompanhados pelo presidente do Instituto Português de Cinema, Luís Pina, estes elementos vêm participar na Semana de Cinema Português que decorre na capital moçambicana de 1 a 8 de Dezembro.

«Kilas», «Cerromaior», «Ruínas no Interior» e outras obras da cinematografia portuguesa contemporânea serão apresentadas e debatidas numa sala de cinema, enquanto numa segunda sala são projectados filmes como «Severa», «Aniki-Bobó» e «Canção de Lisboa».

marginal
último L. P.
de
luis cilia

Edição Sassetti Diap 8002

NUTRIPACK
SALÃO INTERNACIONAL DA ALIMENTAÇÃO
24 Nov./1 Dez.
VISITE
UM CABAZ CHEIO COM 200.000 m³
E MUITOS PRODUTOS EM PROMOÇÃO
FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
HORÁRIO: DAS 15 ÀS 23 H.
NUTRIPACK

As Grandes Opções do Plano em discussão

Mundo de promessas para 82 sobre os destroços de 81

«Não podemos continuar a concentrar esforços nos mercados da Europa Ocidental» disse, ontem no Conselho Nacional do Plano o secretário de Estado Alberto Regueira, ao apresentar as Grandes Opções do Plano para 1982. Segundo este membro do Governo, o produto interno terá de continuar a crescer a um nível superior ao dos países e das economias europeias. Mas isso só é possível à custa da procura externa, ou seja, das exportações, dirigidas a esses países.

«Mas há que diversificar mercados disse o secretário de Estado do Plano, pois em caso de recessão na procura externa dos países europeus, Portugal que exporta para eles cerca de 70 por cento dos seus produtos é imediatamente atingido.»

Segundo aquele representante do Governo as condicionantes externas da economia portuguesa poderão ser mais favoráveis no próximo ano pelo que seria de admitir um crescimento do produto interno bruto superior ao de 1981, apontando as GOP para três por cento. Mas para isso é necessário que chova (para haver um ano agrícola normal) que o dólar não revalorize, que o preço do petróleo se mantenha estável e se verifique um crescimento no comércio internacional numa taxa que o Governo espera de quatro por cento.

O investimento produtivo cresceria, assim, 5,7 por cento em 1982, a inflação situar-se-ia nos 17 por cento, as exportações aumentariam 7,5 por cento e as importações diminuiriam 3 por cento. Resultaria daqui um défice da balança de transacções correntes de 90 milhões de contos, o que corresponderia a 5,1 de percentagem do produto interno bruto, portanto bastante menos que os monstruosos défices actuais. Este ano o défice deve ascender a dois mil milhões de dólares (126 milhões de contos) que corresponde a 8,8 por cento do produto interno bruto.

Embrulhar em promessas os fracassos de 1981

Para o representante da CGTP-Intersindical Nacional, que interpelou o secretário de Estado no quadro da discussão travada no Conselho Nacional do Plano, estas promessas de crescimento e melhoria contidas nas Grandes Opções resultam extremamente dependentes de que tudo corra pelo melhor quer interna quer externamente.

«Pretendem mais justificar 1981 do que avançar dados sobre 1982» : disse.

Nomeadamente, a CGTP-IN apontou as metas estabelecidas pelo Governo para 1981 e que seriam «as pernas do crescimento económico» para agora se confirmar que elas eram inatingíveis.

As Grandes Opções do Plano tornaram agora públicos números bem menos positivos para a evolução da economia no ano que está prestes a findar do que as previsões do ano passado, adiantavam.

Assim, o índice de preços cresceu 18,3 desde Janeiro e até Setembro, manteve-se uma situação recessiva no mercado de emprego – portanto com mais desempregados – o produto interno cresceu apenas 1,6 por cento (recorde-se que para 1982 estão prometidos 3 por cento), o investimento não deverá evoluir mais que seis por cento, as exportações diminuíram 3,5 por cento e as importações cresceram 5 por cento.

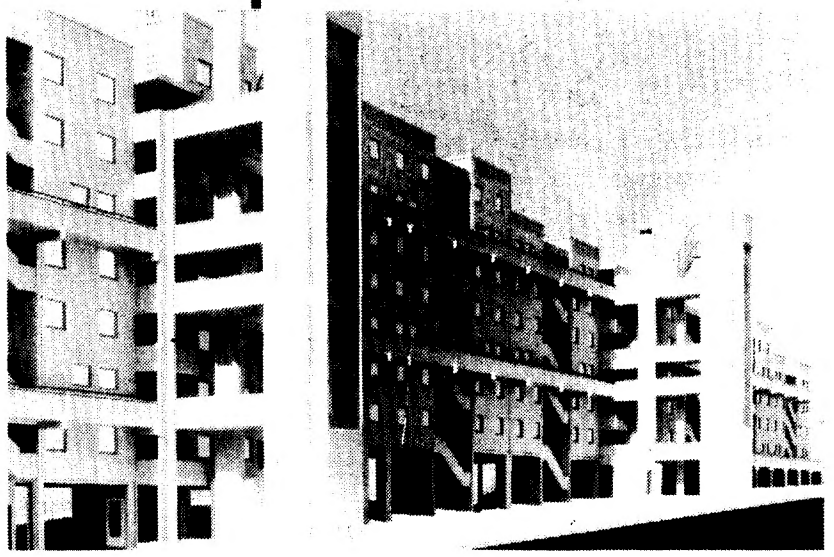
Daí que o défice da balança de transacções correntes salte para os dois mil milhões de dólares e o da balança comercial para 4,4 mil milhões.

Estes dados do comércio externo em 1981 traçam um quadro exactamete ao contrário do que o prometido pelo Governo, com evidente optimismo, nas Opções para 1982.

TELHEIRAS SUL

ao Campo Grande

uma nova perspectiva para viver



134 andares de 4 e 5 assoalhadas aguardam a sua inscrição até 14 de Dezembro

2.960.000$00 a 3.440.000$00

Apoio de infraestruturas fundamentais:
— Unidades escolares
— Centro para a Terceira Idade
— Cinema e Centro Comercial

Informe-se no andar modelo em Telheiras Sul - Edifício G3/4
Rua Prof. Delfim Santos n.º 1 - 2A

Licença de construção n.º 66/81 · Prazo de entrega dos andares Junho de 82 · Direito de superfície Dec. Lei n.º 794/76

DC3 - PUBLICIDADE

EPUL Serviços Comerciais da EPUL
Alameda das Linhas de Torres, 198 — Lisboa
EMPRESA PÚBLICA DE URBANIZAÇÃO DE LISBOA

A propósito da Central de Viana

O consumo de electricidade

1 – A construção de novos centros produtores de energia eléctrica no nosso País, terá sempre em vista a satisfação dos consumos internos desta forma de energia, que se pretendem vir a verificar dependendo o ritmo de crescimento destes consumos, das decisões políticas que forem tomadas em relação ao desenvolvimento económico do País em geral, e em particular, ao papel que vier a ser atribuído à electricidade no quadro do tão apregoado «Plano Energético Nacional». Certo será, que um país como o nosso, apresentando uma capitação de energia eléctrica de 1400 kwh-/habitante-ano, aproximadamente 1/4 da média europeia, que é de 5500 kwh/habitante-ano, não é de esperar, como poderá acontecer em países desenvolvidos, que o aumento do Produto Interno Bruto e a melhoria das condições de vida das populações se verifique, sem que, pararalelamente, se assista ao aumento sensível do consumo de electricidade; até porque actualmente se estima ainda em 400 000 o número de habitações sem electricidade.

2 – A produção de energia eléctrica (de potências significativas, evidentemente) de acordo com as alternativas tecnológicas disponíveis nos nosso dias, tem lugar em:

– Centrais hidráulicas
– Centrais Termoeléctricas

Relativamente a estas últimas é usual utilizar-se as expressões «convencional» para classificar as centrais que utilizam combustível fósseis (gás, fuel-óleo, carvão, etc.) e «nuclear» para as que consomem produtos radioactivos.

Cada um destes tipos de centros produtores de energia eléctrica, apresenta exigências específicas para a sua instalação e localização. Para os primeiros a necessidade de grandes quantidades de água e grandes declives de terreno, são aspectos imprescindíveis, enquanto que para os segundos a disponibilidade de água para refrigeração e consumo, a acessibilidade fácil para o combustível e a existência de condições orográficas e meteorológicas que possibilitem a dispersão dos efluentes gasosos são factores determinantes. Para além destes existem outros factores de natureza especificamente eléctrica que aconselham que os centros produtores se situem em determinados pontos da rede eléctrica nacional. tendo em conta a necessidade de reduzir os percursos de transporte minimizando as perdas em linha.

Estas exigências típicas das centrais eléctricas, condicionam bastante como é natural as possibilidade da sua localização no território nacional; a simples verificação da distribuição dos actuais centros produtores de electricidade pelo país, mostra de uma forma bem clara o efeito que as características regionais têm exercido na localização de centrais produtoras de electricidade: – é na zona Norte que se encontra grande número de centrais hidroeléctricas, enquanto que no litoral a Sul de Lisboa, normalmente junto a portos de considerável dimensão, foram instalados os centros de produção termoeléctrica.

A regionalização da produção de energia eléctrica apresenta assim algumas fronteiras naturais impostas pelas próprias características físicas das regiões.

Pretender instalar um centro produtor de electricidade num sítio que não reúna à partida os referidos requisitos, quando não, impossível, acarreta sempre custos elevadíssimos, por vezes incalculáveis, em resultado de profundas alterações no ambiente físico que tal instalação exigiria.

3 – Pensamos que o necessário estudo dos parâmetros atrás mencionados levou a EDP a propor ao Governo o sítio de Amorosa em Viana do Castelo para instalar em 1992 uma nova central a carvão cujos aspectos mais significativos do impacto no ambiente, que esta central provocará, serão os relacionados com a sua instalação:

– obra marítima da tomada de água e rejeição do circuito de água de refrigeração.

– Infra-estruturas portuárias para a descarga e movimentação do combustível.

– infra-estruturas necessárias à movimentação do carvão entre o porto e a central.

– infra-estruturas necessárias à movimentação das cinzas.

– ocupação de uma extensa área de terreno (da ordem dos 140ha).

Para além dos aspectos arquitectónicos específicos deste tipo de instalações industriais, a extensão dos inconvenientes destas obras depende evidentemente dos cuicados postos na sua concepção e execução, sendo certo que nunca são completamente eliminados.

Outros aspectos a considerar, estes de certo mais importantes pelo nível de nocividade que poderão apresentar se não forem convenientemente estudados e controlados, serão os que se relacionam com o funcionamento da central, como por exemplo:

– a eventual libertação de poeiras de carvão ao longo de todo o percurso desde o porto até à central, se não forem cuidadosamente instalados e protegidos os respectivos sistemas transportadores; para uma produção de energia eléctrica anual de 1,1 $\times 10^7$ Mwh, a quantidade de carvão que a central consumirá será de 4,3 $\times 10^6$ toneladas.

– o lançamento para a atmosfera dos produtos gasosos que se formam durante a combustão (óxidos de enxofre, de azoto e de carbono) cuja minimização dos efeitos nocivos, exige que sejam encaradas no projecto as soluções tecnológicas disponíveis mais adequadas e uma exploração cuidada da central e em função das condições atmosféricas.

– o problema das cinzas de carbono produzidas a um ritmo de 645 000 ton/ano, que sendo um produto com valor industrial, a sua utilização não tem tradição no nosso país e não sendo fomentada, criará difíceis problemas de ambiente.

– por fim, o circuito de refrigeração, através do qual se movimentará um caudal de água do mar de aproximadamente 2 $\times 10^5$ m³/h, que ao passar pelo interior da central sofre uma elevação de temperatura da ordem de 10°c. Dependendo bastante das características do meio receptor, estudos têm revelado que a área do oceano afectada com esta descarga de água mais quente corresponderá aproximadamente a um semicírculo com 1 km de raio a partir da rejeição. Neste circuito de refrigeração utilizam-se normalmente produtos químicos para evitar que algumas espécies marinhas se desenvolvam no interior dos equipamentos por ele arrefecidos; também estes produtos se não forem cuidadosamente utilizados e neutralizados os seus excessos antes da sua entrega ao oceano, serão origem de graves problemas de poluição.

4 – A autarquia de Viana do Castelo e uma organização regional, com sensível apoio das populações locais, tem vindo a tomar uma atitude de oposição total (por princípio) à construção da central nesta região, em vez de, o que consideraríamos mais correcto, exigirem e controlarem a aplicação de soluções tecnológicas que conduzam à minimização dos efeitos nocivos sobre o ambiente, por ela criado. A decisão pronta do Governo, que como é conhecido mandou suspender os estudos que tanto quanto sabemos estavam a decorrer, surpreende-nos por dois motivos fundamentais:

– não se conhecem quais as alternativas apresentadas

– o pronto atendimento de justas reivindicações populares não nos parece ter sido prática corrente dos governos AD.

Será que o Governo da AD com as (suas?) contas já decidiu que em 1992 ainda não vamos consumir electricidade que justifique agora o início da construção desta nova central?

• **Engenheiro, quadro superior da EDP**
Armando Branco

Ensino

"Vamos chumbar o Governo!"

— diz a JCP

A Direcção Central do Ensino Superior da Juventude Comunista Portuguesa emitiu na sua reunião de domingo passado um manifesto aos estudantes universitários, visando a mobilização na luta por um ensino diferente, «por um quotidiano diferente nas nossas escolas».

«Vamos chumbar o Governo» é o título do manifesto da JCP em que começa por traçar o quadro na Universidade portuguesa: prescrição, precedências, elevadas taxas de reprovação, problemas de avaliação, autoritarismo; prepotência; bolsas de estudo com quantitativos ridículos; numerus clausus e admissões à Universidade, autonomia universitária, saídas profissionais, etc.

«O **nosso** ministro está lá há dois anos. E nós dizemos: não há desculpas! O MEU é responsável! E aqui parece que estamos todos de acordo. Porque não há entre os estudantes universitários quem apoie a política do MEU.»

Os estudantes comunistas salientam o facto de a Juventude Social Democrata se manifestar também contra a política do MEU, embora a JSD, por outro lado, apoie o Governo e a sua política.

Além da degradação do ensino, o custo de vida, meio milhão de desempregados, corrupção, os cortes de crédito para habitação, a restrição do acesso ao planeamento familiar para menores de dezoito anos; a atitude do Governo face às centrais nucleares espanholas, o alinhamento pela política belicista de Reagan, entre outras questões, levam a DCES da JCP a afirmar «é do nosso interesse mudar este Governo e esta política».

A fim de se demonstrar que vale a pena lutar, são apontados no manifesto processos de luta em certas escolas, já desenvolvidos este ano, que foram vitoriosos: lutas no Instituto Superior de Educação Física de Lisboa, Faculdade de Economia da Universidade do Porto e História do Porto.

A DCES apela a uma participação dinâmica da Universidade nas grandes acções populares promovidas pelo movimento sindical e por movimentos de opinião, nomeadamente as manifestações promovidas pela CGTP-IN no próximo dia 12 de Dezembro, as marchas da paz anunciadas para Janeiro de 1982 e a marcha contra o desemprego a realizar igualmente no início de 82.

Considera ainda a Direcção-CentraL do Ensino Superior da Juventude Comunista Portuguesa que a constituição, preconizada pela JSD, de uma União Nacional dos Estudantes Portugueses, que não tem sido discutida no âmbito do Movimento Associativo, não favorece a unidade associativa. Adianta que a UNEP, antiga aspiração dos estudantes portugueses deverá ser construída com a participação de todos os estudantes. Considera também aquela Direcção-Central que é negativo qualquer processo divisionista no Movimento Estudantil Internacional, isto a propósito da divulgação em Portugal pela JSD e grupos esquerdistas, do projecto de uma nova organização internacional de estudantes que teve muito pouca adesão internacionalmente.

comunicação social

"Pluralismo da ANOP não foi afectado" — *concluiu inquérito sobre "Caso João Jardim"*

A Comissão de Inquérito à questão levantada pela publicação de um documento sobre o conflito entre a ANOP e o Governo Regional da Madeira concluiu ontem, por unanimidade, que o pluralismo da agência não foi afectado. O pluralismo e a objectividade da informação da ANOP não foram afectados por um rascunho elaborado na agência que o semanário «Tal e Qual» publicou em Agosto, revelou um porta-voz da Comissão de Inquérito.

Esta é – acrescentou a mesma fonte – a principal conclusão da Comissão de Inquérito ao caso constituída pelo Conselho de Informação da a ANOP.

O inquérito terminou ontem e as suas conclusões serão objecto de apreciação pelo plenário do Conselho de Informação que para o efeito se vai reunir amanhã. A comissão era constituída por representantes de todos os partidos parlamentares com excepção da UDP.

Agência noticiosa da Guiné-Bissau

O director técnico da ANOP está em Bissau para auxiliar a Agência Noticiosa da Guiné (ANG) a projectar as suas telecomunicações no interior do país e para o estrangeiro. António Santos Gomes encontra-se a proceder ao levantamento das necessidades da ANG no domínio técnico, após o que contribuirá para a elaboração dos projectos. A missão constitui a primeira concretização prevista no acordo de cooperação entre as duas agências para o biénio de 1981/82.

António Gomes partirá amanhã para a República de Cabo Verde para contactos tendo por objectivo a abertura da linha directa Lisboa-Praia, para o futuro fornecimento do serviço noticioso da ANOP a assinantes em Cabo Verde.

Informação na RDP

O Conselho de Informação para a RDP reunido, no último sábado, em sessão plenária, iniciou a audição da CA/RDP – que se fez acompanhar do director de Informação – sobre assuntos da área da Informação e de publicidade naquela empresa pública. A próxima reunião com a CA realizar-se-á no próximo dia 2 de Dezembro, a partir das 15 horas.

FCB

Castrol CRD SUPER
poderoso anel de protecção

Castrol

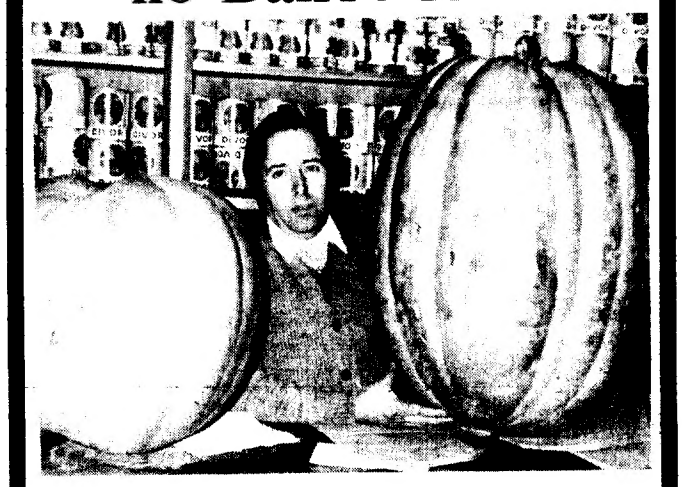
Poderoso anel de protecção a envolver todo o motor, o CASTROL CRD SUPER mantém-no a funcionar em condições óptimas por muito que dele se exija.
O CASTROL CRD SUPER foi estudado pelos técnicos da CASTROL para as características especiais do mercado diesel.

Nas duas versões — monograduado e multigraduado (SAE 20W/40) — o CASTROL CRD SUPER é o lubrificante que garantirá a máxima economia e rentabilidade aos possuidores de viaturas diesel e de frotas mistas.
A CASTROL pensa em si!

Castrol CRD SUPER - a super protecção do seu motor!

de ontem para hoje

Abóboras saloias no Bairro Alto



Uma abóbora-menina, esquecendo a austeridade dos nossos dias, deu-lhe para as grandezas. Nada menos de 53 orgulhosos quilos contemplam a objectiva do nosso repórter fotográfico, na companhia de uma sua irmã que se ficou por uns «modestos» 34 quilos. Nasceram e criaram-se na zona dos saloios, em Loures, próximo da Casa do Gaiato e dali vieram exibir-se em pleno Bairro Alto, próximo do nosso jornal, no 113 da Rua da Rosa, onde na mercearia do sr. Joaquim Ferreira espera desde ontem as homenagens dos potenciais admiradores.

Assaltante com «sotaque» espanhol: na estação dos CTT do Ameal

A estação dos CTT no Ameal (Porto) foi assaltada ao princípio da tarde por um indivíduo que falava espanhol. Empunhando uma pistola, o desconhecido obrigou a funcionária a abrir todas as gavetas da estação das quais retirou dinheiro, no valor de algumas dezenas de contos. Após o assalto e antes de fugir, projectou um jacto de «spray» irritante para os olhos da funcionária, que ficou temporariamente sem ver, pelo que teve de receber assistência no Hospital de S. João.

Mesquita de Lisboa: Governo marroquino vai contribuir

O Governo de Marrocos está disposto a contribuir para a construção da mesquita e Centro Cultural Islâmico em Lisboa, segundo anunciou ontem a Comunidade Islâmica na capital portuguesa (CIL). Em comunicado, a CIL refere a resposta do primeiro-ministro marroquino, Maati Bouabid, a um apelo da Comunidade para comparticipação nas despesas da construção da mesquita. A mensagem de Bouabid acrescenta que Marrocos tem acompanhado de perto, a luta dos muçulmanos portugueses ou residentes em Portugal pela construção da mesquita.

Liceu da Guarda: antigos alunos reatam almoço

Os antigos estudantes da Guarda irão reatar no próximo dia 1 de Dezembro a tradição de se reunirem num almoço naquela cidade, segundo informou ontem um elemento da comissão organizadora. Depois de um interregno de quase um quarto de século, os antigos estudantes do Liceu da Guarda irão assim recomeçar o convívio interrompido no final da década de 60, a que as autoridades atribuíam um cariz político, pela data em que recaía.

Recolhidas cinquenta viaturas: «Operação Ano Novo» em Loulé

Meia centena de viaturas abandonadas foram recolhidas nos primeiros dois dias da operação «Ano Novo, Vida Limpa», a decorrer no concelho de Loulé por iniciativa da respectiva Câmara Municipal. A operação destina-se a melhorar a situação sanitária daquele concelho (o maior do Algarve), desenvolvendo-se nos campos da recolha de lixo, limpeza das ruas e passeios, recolha de sucatas e cães vadios e na recuperação de imóveis degradados.

Detido em Leiria: um jovem que incendiava para roubar

Um volumoso processo relativo a vários incêncios do último Verão nas áreas de Pombal, Vila Nova de Ourém e Alvaiázere, foram ontem enviados ao Tribunal de Leiria. Em comunicado, a PJ refere que o presumível autor dos incêndios é um jovem de 20 anos, natural da região sinistrada, que se encontra detido sem admissão de caução desde 16 de Setembro. A PJ adianta que o presumível incendiário, não agiu por instigação de terceiros, mas sim com o objectivo de atrair as pessoas para o combate às chamas e assaltar-lhes as casas.

República da Guiné-Bissau: vagas no sector do Ensino

A Direcção-Geral de Cooperação do Ministério dos Negócios Estrangeiros informa em nota ontem divulgada, que aceita inscrições para preenchimento de vagas no sector do Ensino na República da Guiné-Bissau, requerendo-se candidatos com o grau de licenciatura ou bacharelato, para as seguintes disciplinas: Física; Química; Inglês; Desenho; Alemão; Psicologia-Filosofia; Geografia e Educação Física. Para esclarecimento das condições de inscrição, deverão os candidatos dirigir-se à Avenida Duque D'Ávila, 64-7.º em Lisboa.

No Ano Internacional do Deficiente

Quem trava a promoção do capitão Calvinho?

O capitão António Calvinho, fundador da Associação dos Deficientes das Forças Armadas, ex-oficial Comando e pré-candidato à Presidência da República, continua a ser preterido na promoção a major apesar de já se encontrar no mesmo posto há doze anos. E isto, apesar de ter frequentado com alta classificação o Curso de Aperfeiçoamento e Actualização de Capitães (CAC). Curso em que estiveram presentes, entre outros, os capitães Raimundo, Leal Mendes, Anais de Castro, Horta e Abílio Baptista, todos eles já promovidos a majores.

A situação do capitão Calvinho, segundo conseguimos apurar, começa a gerar uma certa polémica nos meios militares, sobretudo naqueles que se encontram mais directamente ligados à problemática dos deficientes. Dado que o «travão» mais evidente para a sua não promoção se parece filiar no parecer do general Firmino Miguel, quando director da Arma de Infantaria, (onde Calvinho se encontra colocado), o qual avança com considerandos sobre a personalidade civil do capitão Calvinho. No género: «rebelde», «indisciplinado». Não se limitando, assim, em fazer, como seria da sua competência, apreciação, tão-somente de carácter militar. Metendo-se, desta maneira, numa área pertencente exclusivamente à Assembleia da República que, aprovou, por unanimidade, o Estatuto do Deficiente que privilegia – em termos de promoção – os militares vítimas de acidentes no teatro de operações.

Cruz de Guerra com Ramalho Eanes

Mas mesmo que apenas estivesse em causa o perfil militar do capitão Calvinho, referem os observadores, o parecer do general Firmino Miguel (também ele um militar que não se poderá reivindicar de não-político), neste momento comandante da Região Militar do Sul, teria de ser criticado por omissão. É que o capitão Calvinho (ainda alferes), então com 21 anos, e sob o comando directo do então major Ramalho Eanes, foi galardoado, por feitos em campanha, em Vila Cabral (Norte de Moçambique), com a Cruz de Guerra, recebendo ainda louvores do comandante de sector e chegando a comandar uma companhia operacional. Transferido posteriormente para uma companhia de Comandos (liderada pelo capitão Valente) o alferes Calvinho foi ferido com gravidade numa picada de Metangula (1968) durante uma emboscada em que morreu o capitão Valente e em que ele ficou gravemente queimado (91,2 por cento de deficiência).

Acontece, e para terminar, que o processo que continua a marginalizar o capitão Calvinho ocorre precisamente no Ano Internacional do Deficiente. Quem assume a responsabilidade pelo equívoco?

Manuel Geraldo

Capitão Calvinho: há doze anos no mesmo posto

no governo civil

Despojado da pistola numa rua de Campolide

Um cidadão que transitava numa rua de Campolide foi perseguido por dois jovens, tendo sido obrigado, segundo afirmou na esquadra da área, a fazer três disparos para o ar com a sua pistola de calibre 6.35. Só que acabou por ser dominado e despojado da arma.

• Uma «senhora» foi detida por, a coberto de um cartão «Unibanco», que havia achado e no qual falsificou a assinatura, ter comprado onze discos de música ligeira. As autoridades descobriram que a mesma «senhora» havia adquirido pelo mesmo processos artigos no valor de 4780 escudos.

• Um rapaz e uma rapariga foram surpreendidos com uma pequena quantidade de haxixe, durante uma operação «stop» realizada na Rua Gonçalves Remos, na Amadora. «Convidados» a irem à esquadra tentaram ingerir a droga. Ao ser revistado, um dos capturados tinha em seu poder 45 950 escudos em notas de banco, duzentos francos suíços e ainda 85 mil pesetas, dinheiro que as autoridades suspeitam ter sido adquirido na transacção de estupefacientes.

• Elementos da Brigada de Minas e Armadilhas deslocaram-se à Escola Josefa de Óbidos e ao Liceu Rainha D. Amélia, onde telefonemas anónimos afirmavam ir rebentar engenhos explosivos. As buscas nada detectaram, o mesmo acontecendo relativamente à vistoria passada a uma viatura suspeita de se encontrar armadilhada na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro.

• Na Secção de Perdidos e Achados da PSP (Rua Capelo) encontram-se depositados documentos e carteiras em nome de:

António Jorge Ramos Andrade; Fernando Manuel Ramalho Mestre; Vítor Manuel de Almeida; Joaquim Maria; Fernando Santos C. M. Silva; Adelaide Sandra da Costa Lopes; Maria Valentina V. Agostinho; Salvador Moreira Kadsh; José Lopes Cardoso; Judite Galhanas Oliveira; Bárbara Paiva Correia Valera; Manuel Marques Ferreira; Sultana Macropulos; Fernando José Gaspar José Filipe Duarte Fernandes.

SOCIEDADE FILARMÓNICA UNIÃO ARTÍSTICA PIEDENSE

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

AVISO CONVOCATÓRIO

Nos termos do art.º 13.º a) do Regulamento Geral convoco os senhores associados a reunirem nas Instalações Sociais, Largo 5 de Outubro, no dia 26 de Novembro de 1981, às 20.30 horas para, em sessão extraordinária e em conformidade com o art.º 30.º 3. b) dos Estatutos, participarem na seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1) Discutir e votar uma proposta de alteração do valor da quotização associativa, apresentada pela Direcção.
2) Apreciar 3 pedidos de demissão de cargos directivos.
3) Preenchimento de cargos vagos.

Nos termos do art.º 32.º 2. dos Estatutos, se à hora acima indicada não estiver presente a maioria absoluta dos sócios efectivos, funcionará a Assembleia Geral, em segunda convocatória, uma hora depois, no mesmo local e com a mesma Ordem de Trabalhos, qualquer que seja o número de sócios presentes.

Cova da Piedade, 14 de Novembro de 1981

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
RAUL ANTUNES CORDEIRO

NOTA: É indispensável a apresentação do cartão de identidade de sócio.

MONTEPIO GERAL

Associação de Socorros Mútuos
— Fundada em 1840

ASSEMBLEIA GERAL SESSÃO ORDINÁRIA

A REALIZAR, POR MOTIVO DE OBRAS NO EDIFÍCIO DA SEDE, NA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE LISBOA, NA RUA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO, 89, EM LISBOA

Convoco os sócios para se reunirem em Assembleia Geral, no local acima indicado, no dia 11 do próximo mês de Dezembro, pelas 16 horas.

Como para a Assembleia funcionar em 1.ª Convocação é necessária, nos termos do n.º 1 do Art.º 175.º do Código Civil, a presença, pelo menos, de metade dos sócios, número que é de admitir não consiga alcançar-se, **é designado o dia 22 do mesmo mês para a Assembleia Geral se reunir em 2.ª Convocação, às 21 horas, no mesmo local,** podendo então deliberar qualquer que seja o número de presentes

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Discutir e votar os Orçamentos de Receita e Despesa, para o ano de 1982, do Montepio Geral e da Caixa Económica de Lisboa.
2 — Apreciar a tabela de títulos de crédito admissíveis para caução de empréstimos, a que se refere o Art.º 19.º dos Estatutos da Caixa Económica de Lisboa, e deliberar sobre ela.

Conforme disposições estatutárias, não podem fazer parte da Assembleia Geral, com excepção dos n.ºs 33056, 33062, 33065, 33079, 33152, 33175, 33205, 33313, 33368, 33372, 33389, e 33390, os sócios de numeração superior a 33040.

Lisboa, 24 de Novembro de 1981

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Fernando Cruz

Esta semana

Setecentos mil trabalhadores em luta

A CGTP distribuiu um comunicado onde se afirma que cerca de 700 mil trabalhadores estarão esta semana em luta contra «a política de corrupção e desastre da AD». O mesmo comunicado acrescenta ainda que as referidas acções de luta estão de acordo com «as orientações definidas pelo Secretariado Nacional da CGTP» e salienta a acção dos trabalhadores têxteis da Covilhã que «depois de 23 dias de greve decidiram paralisar mais três». De entre os sectores em luta destacam-se ainda o da indústria química, limpeza (em greve de hoje até sexta-feira), Metropolitano de Lisboa, indústria da panificação e farmácias que paralisam quinta-feira durante todo o dia. De acordo com o clanedário veiculado pela CGTP uma numerosa delegação de trabalhadores dos cinco distritos da Reforma Agrária desloca-se a Lisboa no próximo dia 26 para se manifestar em frente da Assembleia da República. No dia seguinte será a vez dos trabalhadores da Função Pública realizarem uma manifestação que partirá do Marquês de Pombal em direcção a S. Bento.

"Metro" volta a parar na quinta-feira

Os trabalhadores do Metropolitano de Lisboa vão paralisar durante todo o dia na próxima quinta-feira para pressionar o conselho de gerência a negociar rapidamente o acordo de empresa.

Com salários que vigoram há já 13 meses, os trabalhadores do «Metro» não aceitam a introdução de cláusulas que adiem a revisão das tabelas salariais por vários meses.

Recorde-se que estes trabalhadores cumpriram uma greve no passado dia 18. Prevê-se que, à semelhança do que então aconteceu, se avolume o congestionamento de trânsito automóvel e a sobrelotação dos restantes meios de transporte colectivo e táxis.

Luta na Oliva tem elevada adesão

A greve de duas horas diárias da Oliva regista uma adesão de 90 por cento no sector metalúrgico e de 45 a 50 por cento no administrativo, segundo revelou o Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro.

O porta-voz sindical referiu que se regista um reforço da adesão dos trabalhadores à paralisação.

Os trabalhadores da Oliva/ Indústrias Metalúrgicas estão em greve desde o dia 12 de Novembro, por tempo indeterminado, como forma de protesto contra os aumentos decretados pela administração da empresa, que oscilam entre o zero e os 1500 escudos para os operários e atingem os 20 mil escudos para as cheias e quadros, provocando um «agravamento brutal do leque salarial» – acrescentou.

Os trabalhadores reivindicam um aumento mínimo de 2500 escudos para todos e consideram que os aumentos decididos pela administração representam «uma situação de tremenda injustiça» – disse o dirigente sindical.

A Oliva, com sede em São João da Madeira, emprega cerca de 1900 trabalhadores dos quais 1600 são operários metalúrgicos.

Têxteis iniciaram nova greve de quatro dias

Os trabalhadores das indústrias têxteis da Covilhã iniciaram hoje mais quatro dias de greves, decididas após se terem gorado as tentativas de conciliação levadas a cabo a semana passada entre as duas partes em conflito, e em que foi medianeiro o presidente da Câmara Municipal local.

Segundo um dirigente do Sindicato dos Têxteis, que «recusa totalmente a portaria de extensão já assinada entre o Governo e o Sindetex», aquela estrutura sindical está aberta a negociações, desde que elas «abranjam, pelo menos, 90 por cento dos trabalhadores do sector».

O Sindetex, por seu turno, emitiu um comunicado em que «lamenta» que os trabalhadores filiados em sindicatos da Federação Têxtil/Inter só pela via administrativa tenham, legalmente, revistos os seus salários.

O documento diz ainda que a prática demonstrou que aquele contrato «não tem retirado quaisquer regalias aos trabalhadores».

Ainda a propósito do conflito laboral dos têxteis, o Ministério da Administração Interna divulgou, em nota oficiosa, que a situação registada nos últimos dias na Covilhã é fruto de «manobras de intimidação» de «minorias extremistas».

A nota do MAI refere-se aos incidentes registados na Covilhã a propósito da greve dos têxteis e dos atentados bombistas contra instalações da GNR daquela localidade e do Fundão.

O Governo, através daquele Ministério, anuncia que recorrerá «às medidas necessárias para garantir a efectiva liberdade dos cidadãos, no rigoroso cumprimento da legalidade democrática».

A queixa à OIT

Entretanto, e segundo apurou a ANOP, o dirigente da Federação Sindical dos Têxteis, Manuel Freitas, entregou em Genebra aos responsáveis da OIT um «dossier» sobre a situação no sector.

Os documentos relacionam-se com a participação recentemente enviada ao director-geral da OIT na qual a Federação acusava o Governo português de, entre outros aspectos, violar as convenções da organização sobre liberdade sindical e contratação colectiva.

A deslocação de Manuel Freitas serviu para formalizar a queixa contra o Executivo português, baseada na circunstância de o sector têxtil ser abrangido através de portaria de extensão por um contrato colectivo negociado apenas entre o patronato e o Sindetex (afecto à UGT).

Esta situação levou a Federação (afecta à CGTP) a desencadear várias greves no sector, nomeadamente a da Covilhã.

O processo deverá transitar para o Comité de Liberdade Sindical do Conselho de Administração da OIT.

Com a queixa dos têxteis eleva-se a três o número de participações contra o Governo português: Têxteis, Função Pública e Ajudantes de Farmácia, esta última devido a um diferendo em relação a horários de trabalho.

Casa do Alentejo

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Em conformidade com o art.º 31.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária a reunir na Sede Social, no dia 3 de Dezembro de 1981, pelas 21 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1 – Relatório e Contas da Gerência de 1980. Se nos termos do § único do art.º 30.º não comparecer o número legal de sócios, a Assembleia reunirá em 2.ª Convocatória, com qualquer número uma hora depois da designada para a primeira convocação.

Lisboa, 19 de Novembro de 1981

O Presidente da Assembleia Geral
Dr. Manuel Luís Macaista Malheiros

SUPER OPORTUNIDADE

GRUNDIG

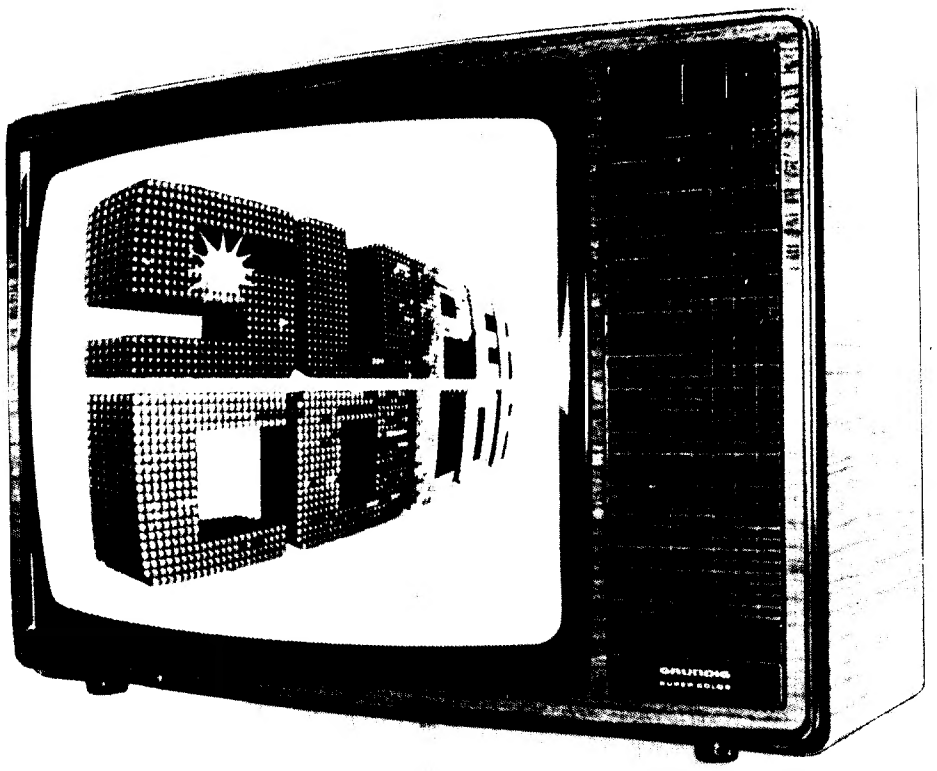
7.500$00

PELO SEU VELHO TELEVISOR

Sete mil e quinhentos escudos é o valor que a Grundig dá ao seu velho televisor, preto e branco.
Qualquer que ele seja, mesmo avariado.
Sete mil e quinhentos escudos é quanto vale o seu velho televisor na troca por um novo GRUNDIG SUPER COLOR.

Você pode escolher qualquer modelo de mesa, entre a variedade Super Color, de 51,56 ou 66 cm., com ou sem telecomando. E apreciar os seus programas preferidos com a cor exacta, exactamente natural.
Troque o seu velho televisor num Agente Oficial Grundig e... passe já este Natal a cores!

É uma super oportunidade a não perder! ... Até 31 de Dezembro!



GRUNDIG

A SEGURANÇA DE UM GRANDE NOME

Distribuidores exclusivos
Norte: SOC. REP. SANTOS, GUIMARAES & OLIVEIRA, SARL **Sul**: NACIONAL RADIO, SARL

A manifestação de repúdio convocada por Paisley reúniu alguns milhares de protestantes que ouviram o reverendo atacar Thatcher e declarar a guerra ao IRA. (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

"Por Deus e pelo Ulster"

Paisley ataca Thatcher e declara guerra ao IRA

O líder protestante norte-irlandês reverendo Ian Paisley desencadeou ontem o «dia de acção» contra o Governo britânico com um apelo à população para que aceite «sacrifícios por Deus e pelo Ulster».

Falando a cerca de cinco mil pessoas aglomeradas junto da Câmara de Belfast Paisley pediu que o povo norte-irlandês se mantenha unido face à «traição» do primeiro-ministro britânico, Margaret Thatcher, e ao fracasso do Governo de Londres nos esforços para travar a onda de ataques do IRA.

Coincidindo com o início da manifestação, uma bomba deflagrou em frente de um aquartelamento militar em Woolwich, a sudeste de Londres, ferindo duas mulheres. O Exército Republicano Irlandês reivindicou o atentado.

Em Belfast, praticamente todos os estabelecimentos comerciais do centro da cidade fecharam as suas portas, acatando a exortação do reverendo à greve geral a partir do meio-dia de ontem.

Cerca de sete mil trabalhadores das docas de Harland e Wolff realizar uma manifestação em separado convocada pela Associação de Defesa do Ulster, uma organização paramilitar que não partilha as ideias de Paisley.

Este é o dia do Ulster, o dia da sua libertação, disse o líder protestante, levando muitos dos manifestantes a erguerem os punhos em sinal de apoio.

Referindo-se à «terceira força» paramilitar que tenciona apresentar, Paisley frisou que se os protestantes «vão resistir» têm de «pôr o Ulster em estado de prontidão».

«Preparemo-nos para fazer sacrifícios por Deus e pelo Ulster. Peço a todos os homens e mulheres, rapazes e raparigas que combatam as forças do IRA» acrescentou.

Durante a concentração circulou entre os presentes uma petição instando a rainha Isabel II a que persuada o Governo britânico a desistir das conversações anglo-irlandesas sobre a cooperação entre Londres e Dublim.

Respondendo aos apelos de Paisley, agricultores de áreas predominantemente leais à coroa britânica, designadamente Ballymena, no condado de Antrim, bloquearam com os seus tractores o trânsito no centro de diversas cidades.

PROTEJA-SE CONTRA AVARIAS COM A GARANTIA-EXTRA FORD*...

... e durante 24 meses para além da garantia normal ou até ao máximo de 100 000 km você não paga avarias!
Isto significa que não terá despesas em peças e mão-de-obra.
Mais: não há limite para o número e valor das reparações.
Se o seu veículo Ford é novo ou ainda não completou os primeiros três meses, proteja-se com a Garantia-Extra Ford.
Você já pensou que ela pode pagar-se a si própria logo na sua primeira utilização?

* Aplicável ao Escort, Cortina, Granada e Transit.

Conheça todos os benefícios que a Garantia-Extra Ford lhe oferece.

Contacte já o seu Concessionário Ford!

Mais protecção para o seu veículo Ford!

Ford

Conversações Schmidt/Brejnev

Desacordo sobre "opção zero"

Em conferência de Imprensa dada ontem de manhã em Bona, as delegações germânica e soviética representadas pelos seus porta-vozes, Kurt Becker e Leonid Samiatin, reafirmaram as posições já conhecidas, de discordância sobre a questão da instalação de mísseis na Europa e da chamada «opção zero».

O chanceler federal alemão, Helmut Schmidt, terá dito ao dirigente soviético que, «se quiser que os Estados Unidos não instalem os seus mísseis nucleares na Europa Ocidental, terá a URSS de desmantelar os seus mísseis instalados em território europeu». O porta-voz de Schmidt adiantou também que o chanceler deseja que as próximas negociações americano-soviéticas contemplem a «opção zero» e rejeitou a moratória apresentada pelos soviéticos, na qual se recomendava o congelamento, ao nível actual, do número de mísseis nucleares na Europa. Segundo as autoridades da RFA, tal posição só serviria para confirmar a superioridade actual dos soviéticos.

Diferente foi a posição de Brejnev que segundo o seu porta-voz, para além de rejeitar, como se esperava, a «opção zero» proposta por Reagan, insistiu em que, se os EUA instalassem os 572 mísseis nucleares previstos, isso seria destruir o equilíbrio aproximado no sector das armas euroestratégicas obrigando a URSS a tomar medidas. O dirigente soviético, depois de se referir ao número de aviões, submarinos e outros meios americanos para o transporte e lançamento de mísseis nucleares, relembrou que o seu país tinha formulado uma proposta de congelamento a partir de 30 de Novembro próximo, e que os Estados Unidos a tinham então rejeitado.

Por fim, segundo Leonid Samiatin, Brejnev terá sublinhado que a URSS está disposta, durante as próximas negociações de Genebra, a propor uma redução do número de mísseis, com a condição que a outra parte manifeste a sua boa vontade.

Irão

Clero passa a controlar os assuntos judiciais

O clero iraniano passará, a partir de agora, a controlar os assuntos judiciais, noticiou a rádio de Teerão.

Um decreto promulgado pelo recém-nomeado Conselho Judicial, de cinco membros, atribui ao chefe da justiça iraniana «ayatollah» Abdolkarim Ardabili e ao procurador geral, «ayatollah» Rabani Amlashi o poder necessário para reestruturarem o sistema judicial do Irão.

A emissora iraniana referiu que a decisão tem em vista «acelerar os processos judiciais» e que Ardabili ficará encarregado de tratar de casos como falências, decisões erradas de juízes e amnistia de presos.

Amlashi, por seu turno, terá a seu cargo a nomeação de juízes, assuntos prisionais e relações públicas.

A um outro membro do Conselho, identificado apenas como Mokhdai, foi dada a tarefa de administrar os tribunais revolucionários e um tribunal especial para julgamento de casos de tráfego de drogas.

Mohammad Momen, também membro do Conselho, foi incumbido de escolher juízes para os tribunais revolucionários e de tratar de assuntos ligados aos tribunais militares.

Finalmente, os problemas de carácter ideológico dos tribunais revolucionários ficarão sob a responsabilidade do «ayatollah» Javad Amoli, noticiou a rádio iraniana.

Angústia Desespero Solidão
54 45 45 centro S.O.S. voz amiga
uma voz amiga estará contigo

Países da CEE dispostos a integrar força multinacional para o Sinai

• *OLP recusa plano de paz saudita*

A França, Grã-Bretanha, Holanda e Itália acordaram em participar na força multinacional a enviar para o Sinai depois da retirada israelita da península e sua consequente devolução ao Egipto, anunciaram ontem os Governos destes países.

Fontes do Ministério francês dos Negócios Estrangeiros indicaram que os Estados Unidos, o Egipto e Israel, que haviam solicitado a colaboração europeia, foram informados no domingo da decisão dos quatro países europeus.

De acordo com a declaração conjunta emitida em Paris, os quatro reconsiderarão a sua decisão se as Nações Unidas enviarem para a região a sua própria força de manutenção de paz.

A força, lê-se na declaração, será formada unicamente para manter a paz após a retirada israelita, na ausência de uma decisão da ONU para criar uma força internacional.

Exprimindo o seu apoio ao tratado de paz israelo-egípcio, que definem como «primeiro passo com vista a uma paz duradoura no Médio Oriente», os Governos britânico, francês, holandês e italiano frisam que este seu apreço pelo tratado é «completamente distinto e independente do resto do processo de Camp David».

Nos termos da declaração, a participação dos quatro países na força não os impedirá de tomarem parte noutros acordos internacionais.

Por outro lado, os quatro manifestaram a disposição de tomarem posição idêntica à de agora se e quando Israel retirar de «outros territórios ocupados».

As dimensões da força e a contribuição de cada um dos países ainda não foram definidas.

A decisão dos quatro Governos europeus de se juntarem à força de paz foi tomada com base na «política definida na declaração de Veneza de 1980», firmada pelos países membros da CEE e na qual são pedidas «garantias para a segurança do Estado de Israel e justiça para o povo palestiniano e para o seu direito à autodeterminação».

As reacções ao anuncio da formação de uma força multinacional a enviar para o Sinai, situam-se entre o regozijo e apoio europeu e egípcio, a reserva de Israel e a oposição dos Estados árabes.

Assim, os dez Governos da Comunidade Económica Europeia (CEE) apoiaram a decisão da França, Grã-Bretanha, Itália e Holanda de participarem na força de paz no Sinai, segundo foi anunciado em Bona.

Numa declaração conjunta afirma-se que a decisão de engrossar o contingente das tropas multinacionais de paz no Sinai «corresponde à vontade, repetidamente expressa pelos dez membros da comunidade, de facilitar todo o progresso encarado na linha de uma ampla solução de paz no Médio Oriente».

Os dez membros da CEE manifestam a opinião de que essa solução deve basear-se no reconhecimento recíproco do direito à existência e à segurança de todos os Estados da zona. Deve também ter em conta a exigência do povo palestiniano ao pleno exercício do seu direito à autodeterminação.

Com a participação nessa força multinacional dos quatro países da CEE, eleva-se para oito o total das nações que confirmaram a sua disposição de integrar a força, já que o mesmo fizeram há meses os Estados Unidos, Colômbia, Uruguai e Figi.

A força multinacional que supervisionará a entrega, por Israel, em Abril de 1982, dos territórios conquistados ao Egipto na guerra de 1967, ficou definitivamente consolidada com a confirmação da participação europeia, afirmaram ontem círculos políticos cairotas.

Expressando a sua satisfação pela adesão europeia, o ministro de estado egípcio para os Negócios Estrangeiros, Butros Ghali, declarou que a presença dos quatro citados países ratifica, uma vez mais, a posição do seu país de manter e defender, a todo o custo, os acordos de Camp David para a paz no Médio Oriente.

Por seu lado Israel considerou «em contradição com os acordos de Camp David» as declarações de quatro países europeus sobre a contribuição que pretendem dar para a força de paz do Sinai.

Num comunicado do ministério israelita dos Negócios Estrangeiros, diz-se que o governo do primeiro-ministro Menahem Begin «discutirá e decidirá sobre toda a gama de problemas respeitantes à participação europeia na força», a cargo da qual ficará o patrulhamento da península do Sinai depois da retirada de Israel.

A Síria, um dos países da Frente Árabe de Firmeza e Rejeição criticou as nações europeias que se comprometeram a participar na força de manutenção da paz do Sinai, denunciando essa participação como «um apoio ao processo de Camp David».

Enquanto isto, e depois de Yasser Arafat ter declarado o seu apoio ao plano de paz saudita, a «OLP» recusou em fez o plano do príncipe Fahd.

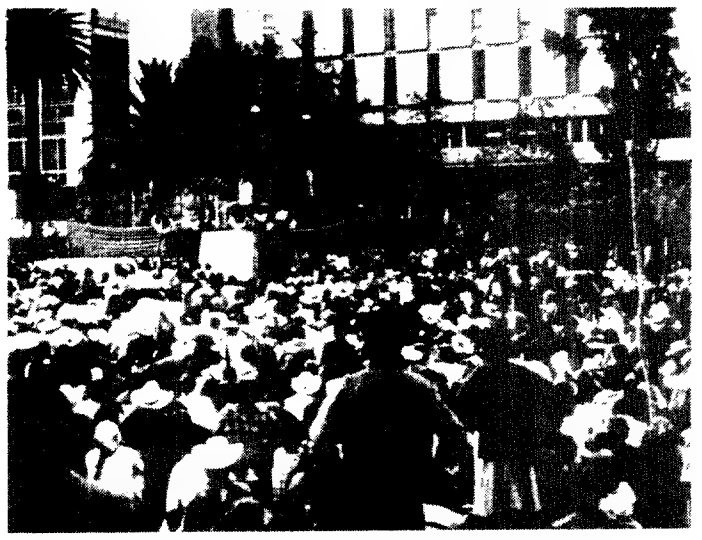
A decisão foi anunciada na reunião ministerial em curso na capital religiosa de Marrocos e que tem em vista a preparação da décima segunda cimeira da «Liga Árabe», a decorrer nesta cidade a partir de amanhã.

A delegação palestiniana, integrada por Abou Rabbou, membro do comité executivo, Abou Meizer, porta-voz, e Farouk Kaddoumi, chefe da diplomacia, declarou que o plano proposto pelo príncipe herdeiro saudita Fahd «contradiz a carta da OLP».

O plano foi também rejeitado na reunião pelos ministros dos negócios estrangeiros da Síria, Líbia, Iémen do Sul e Iraque, tendo a Argélia recusado apenas o seu sétimo ponto, que reconhece o direito de todos os estados do Médio Oriente existirem em segurança e implica reconhecimento do Estado de Israel.

A favor da proposta saudita manifestaram-se o Omã, a Somália, a Mauritânia, Tunísia, Marrocos, Sudão, Qatar, Kuwait e Jordânia.

Fontes sauditas comentaram à ANOP que a Síria, Líbia e outros países da «linha dura» manifestam relutância em aceitar o plano por ele ter sido apresentado pela Arábia Saudita. «Eles não querem aceitar o poder e influência do nosso país no Médio Oriente» – acrescentaram as mesmas fontes.



Dez mil vozes responderam à convocação do Partido Socialista dos Trabalhadores, e protestaram contra a presença de Alexander Haig. (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

Visita de Haig ao México contestada pela esquerda

O secretário de Estado norte-americano, Alexander Haig, tem hoje, na Cidade do México, conversações com o presidente Lopez Portillo. Segundo Haig, a intenção principal desta visita, de apenas um dia, à capital mexicana, é a de discutir o projecto de cooperação económica para o desenvolvimento dos países das Caraíbas, no qual participam também o Canadá e a Venezuela.

A visita de Alexander Haig é contestada pelas forças políticas mexicanas de esquerda, incluindo o partido governamental. Foi convocada para hoje mesmo uma manifestação a favor da paz e de repúdio pela presença do secretário norte-americano.

Ontem, mais de dez mil simpatizantes do Partido Socialista dos Trabalhadores (PST) protestaram junto da Embaixada dos Estados Unidos contra a visita de Haig.

O Partido Socialista Unificado do México (PSUM) declarou que Haig «pretende neutralizar o obstáculo mexicano para desenvolver com maior rapidez a sua evidente intervenção nos países centro-americanos e das Caraíbas».

Por sua vez, o presidente do Partido Revolucionário Institucional (no Poder), Ojeda Paullada, pediu ao Governo para insistir junto de Haig em que «todos os povos têm o direito de escolher os seus Governos e que nenhuma potência deve intervir» nos seus assuntos internos.

Bolívia

Familiares dos mineiros entraram em greve da fome

Catorze mulheres e filhos de mineiros bolivianos, iniciaram ontem uma greve de fome no arcebispado de La Paz e nos escritórios das Nações Unidas da capital da Bolívia.

As grevistas reivindicam do Governo a libertação de seus maridos e o respeito pelas organizações sindicais.

Esta acção das mulheres iniciou-se quando a greve nas minas de estanho entra no seu duodécimo dia, sem que até ao momento se vislumbre uma solução para o conflito.

Num comunicado dirigido ao povo da Bolívia, as mulheres explicam o porquê da sua atitude e apontam uma lista de oito reivindicações entre as quais se destacam: retirada das forças policiais dos centros mineiros, reposição em funcionamento da emissora de rádio dos mineiros, solidariedade com os diversos sectores nacionais em luta (universitários, operários fabris, camponeses, bancários, jornalistas, etc.), amnistia geral e plena vigência da Constituição política do Estado.

No seu documento, as grevistas agradecem a acção da Igreja como mediadora do conflito que já atinge quatro centros mineiros.

Assinam o documento, Cristina de Barrios, Ima Veizaba, Inês de Huayha, Amália de Quiroz, Constância de Siles e outras nove mulheres.

Esta acção poderá conduzir à mais importante crise social na Bolívia desde o «putsch» de Julho do ano passado, pensa-se em círculos diplomáticos. Recorda-se ainda que um movimento análogo esteve na origem do derrube, em 1980, do então presidente Hugo Banzer.

Carrillo visitou Cuba

Santiago Carrillo, secretário-geral do Partido Comunista Espanhol, foi recebido ontem em Havana pelo chefe do Estado cubano, Fidel Castro.

No final desta reunião de quatro horas. Santiago Carrillo chegado no domingo de manhã a Havana, regressou a Madrid.

Um comunicado conjunto indica, nomeadamente, que Santiago Carrillo se pronunciou pela «restituição (a Cuba) da base norte-americana de Guantânamo, situada no sudeste do país.

Tempestade no mar do Norte

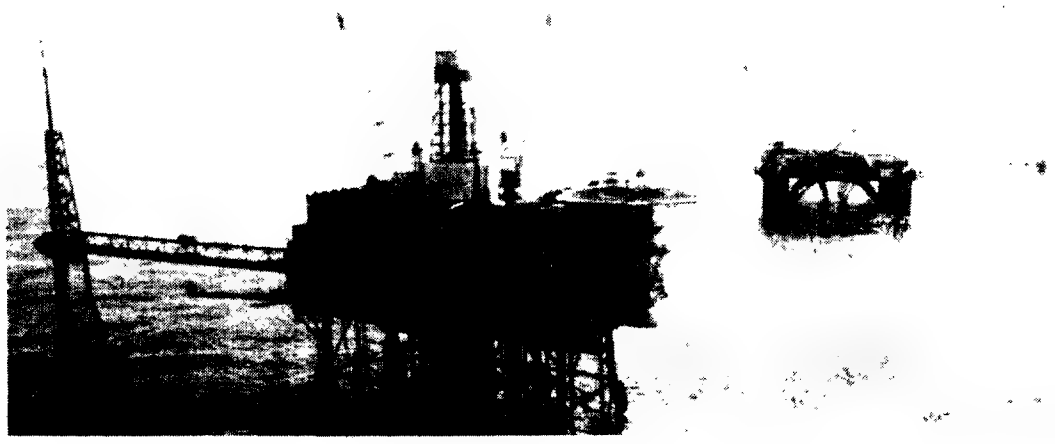
Plataformas petrolíferas à deriva

Dois helicópteros de Stavanger procediam esta madrugada à evacuação de umas cinquenta das 112 pessoas que se encontram a bordo da plataforma de serviço «Sedco Phillips S. S.», indicou um porta-voz da companhia Phillips Petroleum em Stavanger.

A plataforma, meio submersa, que tinha começado a deslocar-se à deriva horas antes, sob o efeito de tempestade muito violenta, foi estabilizada quando se encontrava apenas a 80 metros da plataforma de perfuração «Tor», também danificada pelo temporal.

A companhia Phillips Petroleum indicou que a situação se encontrava definitivamente sob controlo e que apenas o pessoal não necessário à segurança e à manutenção da plataforma era enviado para o hotel flutuante «Henrik Ibsen». Esta última plataforma, igualmente situada na área de Wkofisk, é, aliás, pela sua concepção, «irmã gémea» da plataforma norueguesa «Alexander Kielland», que se voltou no dia 27 de Março de 1980, fazendo 123 mortos.

Segundo o porta-voz da companhia petroleira, «nunca chegou a haver verdadeiros riscos de colisão» entre a palataforma de serviço e a «Tor».



Os temporais do Mar do Norte provocaram o despreendimento de duas plataformas petrolíferas, a norueguesa «Philipps SS» e uma outra pertencente a uma companhia petrolífera britânica. Na foto, a plataforma de prefuração que está em risco de ser albaroada pela «Philipps SS». (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

Plataforma britânica também à deriva

A plataforma britânica «Transworld 58» começou a derivar esta madrugada, no Mar do Norte, indicou um porta-voz da «Royal Air Force» (RAF).

Sete das suas oito âncoras soltaram-se, devido ao violento temporal que devasta o Mar do Norte, esclareceu o porta-voz. Setenta pessoas encontram-se a bordo da plataforma, situada ao largo de Aberdeen.

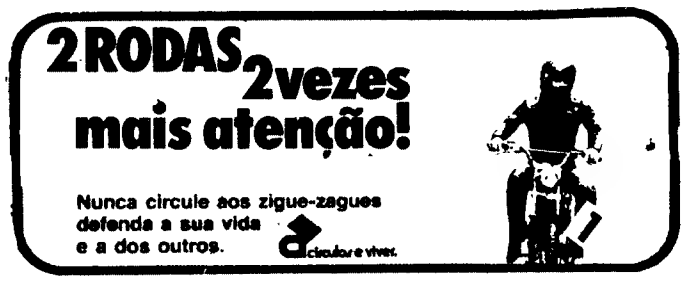
Notícias mais recentes indicam que foram evacuados quarenta e oito pessoas, por helicópteros, da plataforma britânica.

Entretanto, a evacuação do pessoal da plataforma norueguesa «Sedco Phillips S. S.», para Stavenger, na Noruega, prossegue.

As operações de evacuação são coordenadas por um «Nimrod» da Royal Air Force (RAF). As duas plataformas em dificuldade encontram-se na zona de Ekofisk, no limite dos sectores norueguês e britânico, 270 km, aproximadamente, a Leste de Aberdeen (Escócia).

Por outro lado, os ventos que varrem o Mar do Norte voltaram um arrastão escocês ao largo das Ilhas Shetland. Morreu um pescador e dois outros são dados como desaparecidos.

O temporal atingiu também a Península da Jutlândia. As autoridades declararam o estado de alerta e iniciou-se já a evacuação da zona situada 70 quilómetros a Sul de Esbjerg até à fronteira alemã federal. Ventos soprando a mais de 150 quilómetros horários obrigaram à suspensão das carreiras marítimas entre os portos da Alemanha Federal e as Ilhas Frísias.



moda 81-82

armazéns CONDE BARÃO

CONFECÇÕES
para homem, senhora, criança
alta qualidade/preços incríveis

Um móvel no sapato

Até é possível no sapato do Natal.
Para isso criámos uma grande Campanha de Natal.
Escolha connosco o móvel que vai pôr no seu sapato.

um quarto de Casal S/R 16.000$00
um quarto de Criança S/R 12.000$00
um quarto de Casal Luxo 22.500$00
um quarto de Criança Luxo 18.500$00
Estante de Canto-Bar electrificada Luxo 45.000$00
Estante de Canto-Bar electrificada Luxo 55.000$00
Estante de Canto-Bar electrificada Luxo 67.500$00
Móveis de Sala modernos 23.500$00
Móveis de Sala modernos 27.500$00
Mesa de Vidro e 6 Cadeiras 20.000$00
Jogo de Maples Veludo Luxo 23.000$00
Jogo Maples Cama Francesa Luxo 38.000$00
Jogo de Maples de Canto Luxo 25.000$00
e muitos outros modelos.

Esperamos por si até 31 de Dezembro.
Em Dezembro estamos abertos até às 21 horas e aos sábados à tarde.

DARTY MÓVEIS CONFIANÇA

4 · 1000 ALVERCA • R. Proj. a Cap. Meleças Lote 1 (junto as escolas)
LISBOA • Est. de Benfica 174 (a 500 m. de Sete Rios)
ALMADA • Av. 25 de Abril 45 Telef. 276 90 01
BAIXA DA BANHEIRA • R. Ville Plaisir 23-B (Antiga R. 5)

NOTARIADO PORTUGUÊS

1.º Cartório Notarial

É fotocópia parcial, que vai em conformidade com a parte reproduzida, extraída para efeitos de publicação da escritura de treze do corrente mês, exarada desde folhas catorze, verso, a dezasseis, do livro número duzentos e cinquenta e um-A, de escrituras diversas deste Cartório, de constituição de uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos adiante indicados:

Lisboa, dezasseis de Novembro de mil novecentos e oitenta e um.

ARTIGO PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação «João E Souzete — Tabacaria, Limitada», vai ter a sua sede e estabelecimento na Rua de São Paulo, número dois, rés-do-chão, em Lisboa, freguesia de São Paulo, e durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de hoje.

ARTIGO SEGUNDO

O seu objecto é o comércio de tabacaria, papelaria, podendo explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem e para o qual não dependa de autorização especial.

ARTIGO TERCEIRO

O capital social é de cinquenta mil escudos, inteiramente realizado em dinheiro e corresponde à soma de duas quotas, uma de trinta mil escudos do sócio João Churro Carrola e uma de vinte mil escudos da sócia Maria Souzete Matos Esteves.

ARTIGO QUARTO

Ambos os socios são gerentes dispensados de prestar caução com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral. Para a sociedade se considerar validamente obrigada em todos os seus actos e contratos é suficiente a intervenção de dois gerentes.

Para os actos de mero expediente basta a assinatura de um só gerente.

PARÁGRAFO ÚNICO

Os gerentes poderão delegar os seus poderes em quem entenderem, por meio de procuração e da mesma forma a sociedade poderá constituir mandatários nos termos e para efeitos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial ou para quaisquer outros fins.

ARTIGO QUINTO

É dispensada autotização da sociedade para a cessão de quotas no todo ou em parte a favor de um associado, bem como para a divisão de quotas por herdeiros dos sócios.
A cessão a estranhos só poderá efectuar-se com o consentimento da sociedade.

ARTIGO SEXTO

A sociedade não podera ser obrigada em fianças, abonações, letras de favor ou quaisquer outros actos ou contratos estranhos aos negócios sociais.

ARTIGO SÉTIMO

Não serão exigíveis aos sócios prestações suplementares de capital. Os sócios poderão no entanto, fazer à sociedade os suprimentos de que ela efectivamente carecer, fixando-se por acordo as respectivas condições.

ARTIGO OITAVO

Falecendo qualquer sócio os seus herdeiros exercerão em comum, mas representados por um deles, entre os mesmos escolhido todos os direitos inerentes à respectiva quota, enquanto esta se achar indivisa.

ARTIGO OITAVO

As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com dez dias de antecedência, pelo menos, desde que a lei não exija outras formalidades.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
15.º JUÍZO
ANÚNCIO

Execução Sumária n.º 5795/A 2.ª Secção.
Exequente MANUEL MARTINS DA SILVA e outra.
Executado: DROPIMEL — Fábrica de Produtos Alimentares, Ld.ª, com sede na R. Guilherme Gomes Fernandes, Impasse Um, n.ºs 7 - 7-A, em Odivelas.
Por este Tribunal correm éditos de vinte dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação do anúncio respectivo, citando os credores desconhecidos daquela executada para, no prazo de dez dias posterior ao dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos. Para constar se passou o presente edital, que vai ser devidamente afixado.
Lisboa, 16-11-981

O JUIZ DE DIREITO
Herlânder Antunes Martins

Pel'O ESCRIVÃO DE DIREITO
Maria Teresa Pena dos Santos

Tribunal da Comarca de Lisboa
10.º JUÍZO CÍVEL
ANÚNCIO
2.ª Publicação

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando os réus para no prazo de 10 dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, extracto, é o seguinte: — condenação do réu a pagar à autora a quantia de Esc. 41 129$80, com custas a seu cargo.
Acção Sumária n.º 9.006/81 — 1.ª secção.

Autora: — COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, E.P. com sede na Rua Garrett, 62, em Lisboa.

Réu: — JOÃO CARLOS DOMINGOS, solteiro, maior, comerciante, com última residência conhecida na Rua Bernardo de Albuquerque, 8-C, em Coimbra, e agora ausente em parte incerta.

Lisboa, 13 de Novembro de 1981

O JUIZ DE DIREITO,
Afonso de Azevedo Pinto de Melo

O ESCRIVÃO-ADJUNTO,
Daniel Alves Sequeira

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
SEGUNDO JUÍZO
ANÚNCIO
2.ª Publicação

FAZ-SE SABER que pela 2.ª Secção do 2.º Juízo Cível de Lisboa, correm éditos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação do presente anúncio, notificando o EXECUTADO; MIGUEL JOSÉ BARTOLOMEU BORGES DE SOUSA XIMENES DE SANDOVAL TELES, com a última residência conhecida nesta cidade na Rua Silva e Albuquerque, 27 -R/C-Dt.º, de que por despacho de 26 de Outubro p.p. proferido nos autos de Execução Ordinária n.º 2276 em que são exequentes João Batista e Gil Gomes da Silva, foi ordenada a penhora de 1/6 — a sexta parte do prédio sito na Avenida da Liberdade n.ºs 145 a 153, tornejando para a Travessa do Salitre, descrito na 7.ª Conservatória do Registo Predial de Lisboa, sob o n.º 14, a fls. 8 do Livro B-1 e inscrito na matriz Predial da freguesia de S. José sob o Artigo 283, para garantia e pagamento da quantia exequenda de Esc.: 272.000$00, juros e demais despesas legais acrescidas.
Da Fracção penhorada foi nomeado fiel depositário o sr. Jaime Ferreira Enes, gerente da Agência de Leilões Nunes Ld.ª, com sede na Rua António Pereira Carrilho, n.º 3-1.º em 1000 Lisboa.

Lisboa, 11 de Novembro de 1981

O JUIZ DE DIREITO
José Albino Caetano Duarte

O ADJUNTO
Carlos Manuel Nunes de Oliveira

Aprenda em pouco tempo uma profissão moderna e lucrativa. Uma profissão de futuro.

E para isso nada melhor do que um bom curso.
Dentre a variada gama de cursos que o CIT lhe oferece, opte por um que melhor se indentifique com a sua personalidade. E peça informações.
Mas faça-o ainda hoje
Estes são os cursos que o CIT tem ao seu dispor.

CURSOS TÉCNICOS
Electronica radio e TV
Desenho de Maquinas
Desenho de Construçao

CURSOS EMPRESARIAIS
Contabilidade
Organizaçao Administrativa de Empresas
Programaçao Cobol

CURSOS DE IDIOMAS
Ingles

CURSOS DIVERSOS
Corte e Confecçao
Cultura Geral

Grátis e sem compromisso enviem-me informação completa sobre o curso que indico
curso ______
nome ______
morada ______
localidade ______
end. emprego ______
idade ______ anos

CIT CENTRO DE INSTRUÇÃO TÉCNICA
ENSINO TÉCNICO A DISTÂNCIA
R. D. ESTEFÂNIA, 32 1066 LISBOA CODEX
A preencher pelos nossos serviços
1 1 1 4 9

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confecções
Av. João XXI 5-D - 1100 - Rua Infantana 16 55-C 1300 LISBOA

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA
7.º JUÍZO CÍVEL
ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da última publicação deste anúncio.
Execução de Sentença n.º 288/B/77 1.ª secção.
Exequentes — Banco Pinto & Sotto Mayor E.P.
Executado — Luís Rodrigues dos Santos, guarda da P.S.P. a prestar serviço na Esquadra do Rego, em Lisboa.

Lisboa, 11 de Novembro de 1981

O JUIZ DE DIREITO,
ilegível

O ESCRIVÃO DE DIREITO,
ilegível

D.L. - 24/11/81
2.ª Publicação

Tribunal da Comarca de Lisboa
8.º JUÍZO CIVEL
AVISO
2.ª Publicação

FAZ-SE PÚBLICO que pela segunda secção do 8.º Juízo Cível da comarca de Lisboa, correm seus termos uns autos de Acção Especial para Reforma de Títulos, com o n.º 936, em que Autor — António Nabais dos Santos, residente na Rua Raquel Roque Gameiro, n.º 2-5.º, em Lisboa, para reforma das ac ões com os números três mil novecentos e um a quatro mil e cem, emitidas em 22 de Dezembro de 1971, pela Ré — ENGIL - SOCIEDAE DE CONSTRUÇÃO CIVIL, S.A.R.L., com sede na Avenida Conselheiro Fernando de Sousa, 21-A, em Lisboa, convidando-se qualquer pessoa que esteja na posse dos referidos títulos a vir apresentá-los na Secretaria deste Tribunal até às 14.30 horas do dia 2 de Dezembro de 1981.

Lisboa, 30 de Outubro de 1981

O JUIZ DE DIREITO,
Manuel Maria Duarte Soares

O ESCRITURÁRIO,
José Coelho Lucas

PAPEIS de parede

Campanha de Outono
PAPEL
~~230$~~ 180$ ROLO
BARROS & BARROS, LDA.
R. JOSÉ DURO 22-E · TEL. 89 20 57
1700 LISBOA (Alvalade)

exclusivo

Cooperação Económica Internacional

Balanço do diálogo Norte-Sul — 2

■ Carlos Sanchez Flores ☐ Prensa Latina

EM meados de 1976 foi realizada em Nairobi, Quénia, a Quarta Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD-4) e a semelhança dos problemas apresentados nesta reunião com os que as quatro comissões da CCEI debatiam uniram o destino de ambas as assembleias.

Os observadores políticos em Paris declaravam em Maio de 1976 que um eventual fracasso das negociações efectuadas em Nairobi, teriam funestas consequências para o chamado diálogo Norte-Sul que se realiza na capital francesa.

Nestes debates o grupo dos 19 países subdesenvolvidos tinha advertido que o destino da quarta UNCTAD estava ligado ao da CCEI dado que em Nairobi seria demonstrada a real determinação política dos países industrializados do ocidente de avançar em direcção ao estabelecimento de uma Nova Ordem Económica Internacional.

Nos finais de Maio, o grupo dos 19 declarou que a interrupção dos debates em Nairobi tinha aumentado o sentimento de frustração quanto à possibilidade de avançar no diálogo de Paris.

Os observadores declararam que em ambas as capitais em lugar de se entabular verdadeiras negociações os países capitalistas desenvolvidos, liderados pelos Estados Unidos só procuravam ganhar tempo transformando estas reuniões internacionais em assembleias de debate académico sem qualquer resultado concreto.

Nessa altura a CCEI enfrentava precisamente essa situação, quase cinco meses após terem sido iniciados os trabalhos.

Já em Abril os 19 países subdesenvolvidos tinham declarado que não tinham recebido «reacções positivas ou contrapropostas construtivas de parte dos países capitalistas industrializados.

Tanto em Nairobi como em Paris, os norte-americanos opunham-se à utilização do termo «negociação», tendo-o substituído pelo de «estudo» e procuravam nomeadamente transformar a CCEI num seminário sobre problemas económicos e simples promessas a longo prazo.

Os 19 países, na sua declaração de Abril de 1976 declararam: «Estamos firmemente convencidos de que a menos que se alcancem resultados substanciais na quarta UNCTAD pôr-se-á em perigo o futuro do diálogo na Conferência sobre Cooperação Económica Internacional.

Nos meses seguintes o diálogo de Paris foi esmorecendo, facto esse que se reflectiu em esporádicas declarações de Allan J. MacFachen, por um lado e Manuel Perez-Guerrero por outro e também na Conferência Ministerial da CCEI programada para Dezembro de 1976, com o objectivo de estudar o resultado dos trabalhos realizados pelas quatro comissões.

O diálogo só se efectuou até finais de Maio de 1977 e terminou a três de Junho do mesmo ano e no momento em que Perez-Guerrero declarou: «18 meses é um período demasiado longo para os reduzidos resultados que alcançámos».

Tanto a quarta UNCTAD como a CCEI fracassaram na tentativa de alcançar avanços concretos em direcção a uma Nova Ordem Económica Internacional em virtude da intransigência dos Estados Unidos em dar ouvidos às principais necessidades do mundo em desenvolvimento assim como pela política fraccionista face ao Terceiro Mundo que em ambas as assembleias foi continuamente posta em prática pelo então secretário de estado dos Estados Unidos, Henry Kissinger.

CNNI três anos depois

O tema crucial da energia, o seu esbanjamento e a necessidade de racionalizar o seu uso e o destino dos hidrocarbonetos, assim como a necessidade de estabelecer uma responsabilidade compartilhada no uso e poupança dos produtos energéticos a nível mundial foi defendido pelo presidente do México José López Portillo, a 27 de Setembro de 1979 perante a Assemblei Geral das Nações Unidas.

Por outro lado, as elevadas facturas petrolíferas de petróleo que cada vez pesam mais sobre as economias dos países importadores de petróleo, principalmente do mundo em desenvolvimento, fazem com que o plano exposto pelo presidente mexicano fosse encarado como uma tentativa para enfrentar um grave problema e um apelo para que o reiniciar de negociações económicas internacionais tanto dentro como fora das Nações Unidas.

A denúncia de Lopez Portillo – a respeito da tentativa de dialogar somente sobre o petróleo e as exortações em relação à manutenção da unidade do mundo em desenvolvimento, assim como posteriores declarações de altos funcionários do seu Governo proferidas no começo de 1980, levaram a que em Maio desse mesmo ano, o presidente mexicano se reunisse na Alemanha Federal, com o cancheler austríaco Bruno Kreisky e o líder social-democrata alemão, Willy Brandt.

Dessa reunião surgiu a iniciativa de convocar uma reunião de chefes de estado de países desenvolvidos capitalistas e em vias de desenvolvimento. Nela deveriam tomar parte entre 21 e 25 chefes de Estado ou de governo, tal como era proposto pela Comissão Brandt no seu relatório.

Willy Brandt lidera um grupo de economistas, dirigentes políticos e ex-funcionários especializados em diversos campos das ciências sociais, vulgarmente conhecido como Comissão Brandt.

Em 1980, a comissão publicou o livro «Norte-Sul, um programa para sobreviver», conhecido também como o «Relatório Brandt». Neste documento é apresentada a problemática económica que o Ocidente atravessa e é proposta uma série de reformas a serem negociadas na actual Ordem Económica Internacional.

Declara-se também que «a participação universal dentro das Nações Unidas é o marco «sine qua non» para a tomada de decisões a nível internacional. No entanto, o processo pode ser iniciado e preparado por uma reunião cimeira limitada de chefes de governo do Norte, do Sul com a esperança de se poder vir a incluir a leste a China».

«O número de assistentes deve ser pequeno, a fim de se conseguir o maior progresso possível, sendo no entanto, suficientemente grande para conseguir representatividade e credibilidade», acrescenta.

«Uma tal cimeira não poderia negociar, dado que não é universal, nem é o foro apropriado para discutir os pormenores. Pode, no entanto, conseguir um acordo sobre o que é necessário e possível e a forma como harmonizar ambas as coisas. Pode ser também a forja de compromissos e fornecer uma orientação para negociações detalhadas nas assembleias internacionais adequadas, acordar os parâmetros e a forma de levar a cabo tais negociações e decidir inclusivamente sobre as datas em que devem ser alcançados os resultados», sugere ainda o relatório.

Mais adiante, no seu «Programa de Prioridades», propõe formalmente uma reunião cimeira como «passo essencial» para se conseguir o «acordo global» que a comissão prevê sobre importantes problemas económicos entre o norte e o sul. Concretamente propõe uma cimeira «limitada a 25 líderes mundiais».

Nos dias 7 e 8 de Novembro de 1980, por iniciativa de José López Portillo e Bruno Kreisky reuniram-se em Viena os ministros das Relações Exteriores da Alemanha Federal, Argélia, Áustria, Canadá, França, Índia, México, Nigéria, Suécia, Tanzânia e Jugoslávia, os quais concordaram quanto à realização da chamada Cimeira Norte-Sul com o objectivo de reabrir o diálogo, interrompido efectivamente desde meados de 1976.

Em Março de 1981 reuniram-se novamente os primeiro-ministros desses onze países tendo acordado realizar na estância balnear mexicana de Cancun, em Outubro, a reunião cimeira já acordada e convidar para a mesma os chefes de Estado ou de governo dos seguintes países: Alemanha Federal, Áustria, Canadá, Estados Unidos, França, Japão, Reino Unido, Suécia; assim como os da Arábia Saudita, Argélia, Bangladesh, Brasil, Costa do Marfim, China, Filipinas, Guiana, Índia, México, Nigéria, Tanzânia, Venezuela e Jugoslávia.

Nessa reunião de Viena, os Estados Unidos, por intermédio do primeiro-ministro canadiano impuseram duas condições fundamentais para aceitar o convite: que Cuba não fosse convidada para essa reunião cimeira e que a mesma se realizasse em Outubro e não em Agosto como inicialmente se tinha pensado.

A condicionante exposta pelo presidente norte-americano, Ronald Reagan, de protelar o diálogo de Agosto para Outubro, tinha como intenção que os sete países capitalistas mais industrializados conseguissem coordenar a sua linha de acção no encontro cimeiro realizado em Otava de 19 a 21 de Julho passado.

Neste documento os sete governantes concordaram em condicionar a ajuda dos países capitalistas industrializados a uma posição por parte do Terceiro Mundo de tratamento preferencial em relação aos investimentos directos e de «genuína neutralidade».

No que respeita à Cimeira de Cancun, os sete vêem este encontro somente «como uma oportunidade para abordar de novo os trabalhos em comum».

Outro dos acordos firmados em Viena em Março de 1981 foi o de realizar uma reunião prévia na mesma estância balnear de Cancun com os 22 primeiros-ministros dos países convidados que se realizou nos dias 1 e 2 de Agosto último e onde foi acordada a agenda da cimeira.

A informalidade, a falta de comunicado final e de uma ordem de trabalhos concreta, assim como a declaração expressa de limitar os debates a um mero intercâmbio de pontos de vistas, segundo foi acordado pelos 22 primeiros-ministros indicam que a renovação do diálogo Norte-Sul ficará reduzida a um diálogo e não a uma verdadeira negociação para encontrar fórmulas de solução para os principais problemas económicos que afectam a economia internacional.

Após ter sido realizada a reunião dos 22 primeiros-ministros em Cancun, o secretário das Relações Exteriores do México Jorge Castaneda declarou que o principal e mais visível resultado desta reunião tinha sido a certeza de que a cimeira de chefes de Estado seria definitivamente realizada.

Acusado pela imprensa sobre a indeterminação e limitações de objectivos da cimeira, Castaneda declarou: «Nenhuma conferência pode alterar a situação actual, apesar de não se formar consciência cada vez maior da necessidade de restabelecer o diálogo produtivo na prática».

Uma ausência significativa

Anteriormente à reunião dos 22 primeiros-ministros em Cancun, os primeiros-ministros de 13 países em vias de desenvolvimento reuniram-se juntamente com a China em Nova Iorque.

No decurso desse encontro o primeiro-ministro cubano Isidoro Malmierca solicitou permissão para intervir tendo manifestado o legítimo desejo de que Cuba participasse na cimeira de Cancun.

Os 14 primeiros-ministros aceitaram ouvi-lo «partindo do pressuposto de que não poderiam tomar qualquer decisão quanto ao convite dos países participantes na cimeira».

Os Estados Unidos em aberta política de chantagem negociadora paralisaram a Conferência do Mar e a designação da sede da Sexta UNCTAD, cuja sede em Havana puseram em questão e afirmaram que não estariam presentes se esta se realizasse na capital cubana.

Em virtude do boicote norte-americano à participação de Cuba na cimeira de Cancun – apesar de ser o comandante Fidel Castro, presidente do Movimento dos Países Não Alinhados – o presidente mexicano reuniu-se a 7 e 8 de Agosto com o comandante chefe da ilha de Cozumel onde foram tratados diversos temas da actualidade internacional e a cimeira de Cancun e foi denunciada a atitude anticubana e chantagista dos Estados Unidos a nível internacional. ■

Fidel Castro e Portillo discutem o «diálogo»

DESPORTO

ponta esquerda

Antognoni: acidente grave

Um tribunal de Florença abriu um inquérito ao choque que (domingo) originou a hospitalização do «internacional» Antognoni, médio do Fiorentina. Antognoni e o guarda-redes Martina (do Génova), chocaram durante o jogo disputado em Florença e o coração do «internacional» italiano teve uma paragem de 25 segundos, segundo os médicos que logo o socorreram no relvado.

O hospital onde Antognoni se encontra internaco informou que o jogador está a recuperar depois da operação a que foi imediatamente submetido para aliviar o cérebro da pressão resultante de duas fracturas de ossos da cabeça (na região parietal esquerda). A cabeça do médio do Fiorentina embateu violentamente no joelho do guarda-redes do Génova e Antognoni tombou inanimado, sendo socorrido por uma equipa de médicos que, para além de respiração boca a boca, tiveram de fazer uma massagem toráxica externa, para reanimar o coração que, disseram os clínicos, parou durante 25 segundos.

Entretanto, um tribunal de Florença ordenou uma investigação ao acidente, para determinar se Martina Poderiá ser criminalmente acusado de agressão voluntária a Antognoni, que conta 27 anos.

Walsh desarmado à mão

O irlandês Michael Walsh, ao serviço do F. C. do Porto, foi roubado: subtraíram-lhe de dentro do automóvel, na Rua do Campo Alegre (Porto), artigos (dois pares de brincos, três carteiras de senhora, roupa, presentes de Natal, 20 libras e um gravador) no valor de 300 contos. Aconteceu da noite de anteontem para ontem, quando o futebolista ainda estava eufórico sobre os dois golos marcados ao Tires. Agora, foi a queixa apresentada na PSP e o sonho de que tudo apareça.

No México é a sério...

O afastamento da selecção mexicana da fase final do Campeonato do Mundo de Futebol de 1982 irá custar cerca de 20 milhões de dólares (cerca de 1320 milhões de escudos). Segundo os cálculos locais, essa será a quantia total dos prejuíOS que atingem as agências de viagem, as cadeias de Televisão, a Federação Mexicana de Futebol e os clubes.

O México foi (domingo) eliminado da fase final, quando empatou sem golos com as Honduras, em Tegucigalpa, no último jogo do torneio hexagonal que apurava dois representantes da Concacaf (América Central e Caribe) para Espanha. O México necessitava de vencer o jogo para se qualificar.

Entretanto, a Imprensa desportiva mexicana considera como principal responsável do desaire o técnico Raul Cardenas, acusado de adoptar uma táctica defensiva quando a equipa necessitava de vencer o jogo. Face à indignação geral pelo fracasso, quando se pensava que o México estaria em Espanha, foram ordenadas medidas especiais de segurança no aeroporto, par defenderem hoje o regresso dos jogadores e do treinador.

O empate mexicano significou o apuramento de El Salvador, que acompanhará as Honduras ao «Mundial» de Espanha.

Treinador mais pobre

O treinador do Estrasburgo (Max Hild), demitiu-se, após a derrota (sábado) do clube no seu terreno, por 2-1, frente ao Laval, para o campeonato francês da 1.ª divisão. Uma declaração do clube informa que o substituto de Hild será procurado «no mais breve espaço de tempo».

O Estrasburgo venceu o campeonato francês na época 1978/79, o primeiro título da sua história, sob a orientação do técnico Gilbert Gress, que posteriormente entrou em conflito com o presidente do clube, e foi substituído por Max Hild. Actualmente, o Estrasburgo ocupa um modesto 15.º lugar no campeonato nacional.

Treinador mais rico

O técnico brasileiro «Tim» ganhará 160 mil dólares (cerca de 10 mil contos) pelos oito meses em que dirigirá a selecção de futebol do Peru, que disputará em Espanha a fase final do campeonato do Mundo.

Para o nível de vida do Peru, a soma que vai ser paga ao treinador da selecção corresponde, por dia, a algo como nove vezes o ordenado mínimo mensal da população do país.

Bombas no estádio

Bombas lançadas para o estádio interromperam, aos 41 minutos, o jogo Haia-Utreque, da 1.ª divisão do campeonato holandês de futebol. O resultado estava em branco. A Polícia informou não se terem registado feridos nos incidentes.

Aos 20 minutos, foi lançada uma 1.ª bomba sobre o telhado do estádio, sendo o jogo interrompido durante dois minutos. A quatro minutos do intervalo, uma segunda bomba explodiu junto ao relvado, abrindo um buraco no terreno: o árbitro deu por terminada a partida.

A polícia não revelou elementos sobre a autoria do lançamento das bombas nem o seu tipo. Desconhece-se se o incidente teve origem nos adeptos de qualquer das equipas, mas recorda-se que a falange de apoio do Utreque tem «má fama» no país e que o campo do clube está interditado para as competições europeias.

À espera do Neuchatel Xamax

Sporting: 21 jogos sem perder

A equipa de futebol do Sporting completou quando recebeu o Loures, em Alvalade, uma série de 21 jogos sem perder desde que iniciou a época no Torneio «1300 Anos do Estado Búlgaro». O técnico inglês Malcolm Allison, que este ano ingressou nos «leões», consegue, com esta série invencível, o que poucos treinadores podem reclamar, mesmo ao nível do futebol português. O Sporting já disputou nove encontros a contar para o campeonato nacional e quatro para a Taça UEFA, além de quatro jogos no Torneio «1300 Anos do Estado Búlgaro», dois no Torneio Cidade de Lisboa um para a Taça de Portugal e um (particular) com a selecção do Koweit. No total, a equipa «leonina» somou 15 vitórias e seis empates, com a curiosidade de ter disputado 11 jogos em Alvalade e dez em campos adversários, entre os quais seis no estrangeiro: quatro na Bulgária e dois para a Taça UEFA, no Luxemburgo (com o Red Boys) e na Grã-Bretanha (com o Southampton). Nos seis encontros disputados no estrangeiro, o Sporting apenas não venceu um (empate com o Slavia, de Sófia), triunfando nos restantes cinco, com especial relevo para a vitória sobre o Levski (de Sófia) na final do Torneio da Bulgária, e sobre o Southampton, para a Taça UEFA. Nos restantes quatro encontros disputados fora, a contar para o campeonato nacional, a turma de Malcolm Allisson venceu três (Viseu, Setúbal e Espinho), e empatou um (Benfica).

O Sporting tem conseguido melhores resultados quando actua fora do seu ambiente, nos jogos disputados em Alvalade, a equipa leonina ganhou sete e empatou quatro, enquanto que na condição de visitante venceu oito partidas e empatou apenas duas.

Ao longo dos 21 encontros até agora disputados, o Sporting marcou 52 golos e sofreu 16: em casa obteve 28 tentos e sofreu 8, enquanto que fora sofreu o mesmo número de golos e marcou apenas menos um. Jordão (14). Oliveira (12) e Manuel Fernandes (11) têm sido os principais rematadores do actual líder do campeonato, pois entre si marcaram 37 dos 52 golos obtidos pela turma de Alvalade. Os restantes 14 golos foram da autoria de Nogueira e Mário Jorge (3), Freire (2), Nwokocha, Lito, Alberto, Ademar, Virgílio, Inácio e Holmes (defesa do Southampton).

Allison (de costas, ao lado de Jordão) dá indicações aos sportinguistas para a recepção aos suiços de Neuchatel, que são esperados em Lisboa ao princípio da tarde de hoje

Manuel Fernandes entregue aos cuidados de Radisic

O defesa central Eurico foi o elemento mais utilizado, até agora, desde o início da época: dos 21 jogos disputou 18 do princípio ao fim, mais 66 minutos do jogo com o Loures e apenas não jogou na Bulgária com o Arges Pitesi (em Alvalade) com o Koweit, o que perfaz um total de 1686 minutos. Segue-se o ex-penafidelense Oliveira: com 1700 minutos e 18 jogos completos mais uma substituição na final do torneio búlgaro, com o Levski. Igualmente não defrontou o Arges Pitesti e o Koweit. Meszaros é o terceiro jogador mais utilizado por Allisson: disputou 18 encontros, falhando apenas com o Slavia, de Sófia. Arges Pitesti e Koweit, estando presente num total de 1620 minutos.

Entre os 24 jogadores utilizados pelo Sporting desde o início da época, é de salientar a integração do jovem Xavier na equipa principal, cuja estreia aconteceu no 2.º jogo realizado esta época pelo «leões», na Bulgária, frente ao Trakia do Plovdiv. Desde então, Xavier participou em 15 jogos sem ser substituído e em mais meio tempo de outro, cumprindo um total de 1495 minutos e ocupando a 7.ª posição, atrás de Eurico, Oliveira, Meszaros, Jordão, Freire e Inácio.

De referir, durante esta série invicta dos «leões» as expulsões de Inácio, Freire e Nwokocha, no jogo com o Trakia de Plovdiv, a contar para o torneio búlgaro, e a de Manuel Fernandes no 1.º encontro do campeonato nacional com o Belenenses.

A relação dos jogadores utilizados pelo Sporting e os minutos jogados por cada um deles é a seguinte: Eurico (1686), Oliveira (1700), Meszaros (1620), Jordão (1522), Freire (1491), Inácio (1501), Xavier (1495), Ademar (1468), Virgílio (1377), Manuel Fernandes (1244), Barão (1235), Nogueira (975), Zezinho (675), José Eduardo (540), Marinho (344), Mário Jorge (368) Alberto (278), Meneses (276), Bastos (204), Esmoriz (152), Lito (137) Melo e Fidalgo (135) e Nwokocha (65).

Com base nestes dados estatísticos verifica-se que a equipa mais vezes utilizada pelo Sporting, no decorrer da presente época tem sido a seguinte: Meszaros; Barão, Xavier, Eurico e Inácio; Oliveira, Virgílio e Ademar; Manuel Fernandes, Jordão e Freire. Amanhã, a grande dúvida é Freire que (tal como Marinho) está entregue às mãos de Manuel Marques e não tem treinado, ao contrário de Manuel Fernandes e Jordão que voltaram ao trabalho.

Tabela

Data	Local	Adversário	Res.	Competição
25 Jul 81	Kardjali (Bulg.)	Slavia Sófia (E)	2-2	1300 Anos Bulgária
27 Jul 81	Plovdiv (Bulg.)	Trakia Plovdiv (V)	2-1	1300 Anos Bulgária
29 Jul 81	Smolian (Bulg.)	Arges Pitesti (V)	1-0	1300 Anos Bulgária
01 Ago 81	Sófia (Bulg.)	Levski Sófia (V)	3-2	1300 Anos Bulgária
07 Ago 81	Alvalade	Hungria (E)	1-1	Cidade de Lisboa
08 Ago 81	Alvalade	Benfica (V)	2-0	Cidade de Lisboa
22 Ago 81	Alvalade	Belenenses (E)	2-2	Camp. Nacional
30 Ago 81	Viseu	Académico Viseu (V)	2-0	Nacional
05 Set 81	Alvalade	Braga (V)	3-1	Nacional
09 Set 81	Alvalade	Red Boys (V)	4-0	Taça UEFA
13 Set 81	Bonfim	Setúbal (V)	1-0	Nacional
15 Set 81	Alvalade	Koweit (V)	3-1	Particular
19 Set 81	Alvalade	Penafiel (V)	6-0	Nacional
27 Set 81	Espinho	Espinho (V)	1-0	Nacional
30 Set 81	Differdange	Red Boys (V)	7-0	Taça UEFA
17 Out 81	Alvalade	Boavista (E)	3-3	Nacional
21 Out 81	Southampton	Southampton (V)	4-2	Taça UEFA
01 Nov 81	Luz	Benfica (E)	1-1	Nacional
04 Nov 81	Alvalade	Southampton (E)	0-0	Taça UEFA
08 Nov 81	Alvalade	Portimonense (V)	1-0	Nacional
22 Nov 81	Alvalade	Loures (V)	3-0	Taça Portugal

Garrido distinguido lá fora

António Garrido aceitou o convite para dirigir o encontro particular de futebol entre as selecções do Brasil e da RFA, dia 21 de Março de 1982, no Maracanã (Rio de Janeiro). O convite foi formulado pelo presidente da Confederação Brasileira de Futebol (Giulete Coutinho) após o encontro de 4.ª feira entre a França e a Holanda (para o Mundial-82) em Paris.

Fiquei satisfeito e aceitei: depois de dirigir a final da «Taça dos Campeões Europeus», de ter arbitrado em Wembley e ter participado no Mundial da Argentina, só me faltava, de facto, o Maracanã», comentou o árbitro português, que ainda no domingo foi deslocado para o importantíssimo Oliveira do Bairro - Neves...

O encontro no Maracanã insere-se no programa de preparação das selecções brasileira e alemã-federal para o Mundial-82 de Espanha e está a despertar grande interesse no Rio de Janeiro, pois trata-se de um desafio entre dois dos principais candidatos ao título mundial.

Totobola: 12 totalistas

Um grupo de 12 apostadores do Totobola acertou em 13 resultados no concurso de domingo. Cada totalista receberá um prémio no valor de 1050 980 escudos. Segundo os serviços de escrutínio foram apurados 401 apostas com 12 resultados certos, cabendo a cada um o montante de 31 451 escudos.

Jovens rodam em selecções

A Federação Portuguesa de Futebol divulgou a lista dos convocados para os treinos das selecções nacionais de júniores e juvenis. JUNIORES: Belenenses; Marinho, Paz, Jorge e Bonito; Sporting: Balseiro, Venâncio, Morato e Dé; Benfica: Carlos Ferreira, Chico Caria e Luís Alberto; Amora: Jaime; Sanjoanense: Diamantino; Nacional: António Vieira; Marítimo: Duarte; Barreirense: Luís Filipe; F. C. do Porto: Madureira; e Vitória de Setúbal: Chainho. JUVENIS: Sporting: Eugénio, Passos, Paiva, Futre e Barrinho; F. C. do Porto: Tó-Zé, Semedo, Santos e António Ribeiro; Benfica: Artur, Nuno e Cistóvão; Sp. Braga: Carvalhal e Joaqim Alberto; União de Coimbra: Peixoto; Barreirense: Sergio; Torralta: Barrocal; Vitória de Guimarães: Paulo Eduardo (extremo-esquerdo).

Enciclopédia Mundial de futebol

dirija-se ao seu vendedor habitual
COMPRE JÁ!

DESPORTO

Ginástica: mundiais começaram

Após os exercícios obrigatórios do torneio masculino do Campeonato Mundial de Ginástica, que se iniciou em Moscovo, a classificação é a seguinte: 1.º União Soviética – 293,60 pontos; 2.º Japão – 291,50; 3.º RDA – 290,20; 4.º China – 290,00; 5.º Estados Unidos – 286,70; 6.º RFA – 286,10; 7.º Bulgária – 285,55; 8.º França – 285,15.

Classificação geral individual dos dez primeiros para o título mundial, após as provas obrigatórias: 1.º Yuri Koroliev (URSS) – 58,95 pontos; 2.º Alexander Betiatin (URSS) – 58,80; 3.º Bogdan Makuts (URSS) – 58,75; 4.º Alexander Tkachev (URSS) – 58,70; Stojan Deltscheff (Bulgária) – 58,70; 6.º Nobuhiku Kadzitani (Japão) – 58,55; 7.º Arthur Akapian (URSS) – 58,35; 8.º Michael Nikolai (RDA) – 58,30; 9.º Tong Fei (China) – 58,25; Koji Gushiken (Japão) – 58,25.

Bombarral em festa

Festa ciclista: a turma velocipédica do Bombarralense, novamente apoiada pelos Tractores Agriful, reuniu-se com os órgão de Comunicação Social, num almoço que foi pretexto para a troca de esperanças em relação à próxima temporada desportivas.

Afonso Henriques, o treinador e homem-base da formação bombarralense, era (naturalmente) um homem feliz, merecedor das alegrias que a categoria de amadores B deu à colectividade, na última época. **É preciso ter grande força de vontade e gostar muito de ciclismo** (disse-se durante o repasto) **para conseguir aguentar o leme do barco, como o tem feito Afonso Henriques.**

O Bombarralense/Agriful estará este ano nas pistas e estradas, também com seniores.A, tornando-se assim (ao lado do Lousa) a segunda turma sulista confirmada a tentar discutir a tradicional hegemonia nortenha no desporto do pedal.

Adolfo Rodrigues

Castelo Branco cresce

Um Centro de Medicina Desportiva vai ser instalado em Castelo Branco até ao final de 1981. O centro destina-se a prestar assistência aos atletas da região de Castelo Branco, apoio sanitário aos clubes regionais e promover testes e exames médicos. O equipamento deste departamento está avaliado em cerca de dois mil contos.

Numa 1.ª fase, o Centro de Medicina Desportiva albicastrense funcionará em instalações provisórias, prevendo-se, a curto prazo, a abertura de uma delegação na Covilhã.

TOTOBOLA

jogue connosco

Penafiel-Porto	X
Espinho-Setúbal	1
Boavista-Braga	1
Portimon.-Belenenses	X
U. Leiria-Sporting	2
Guimarães-Rio Ave	1
Amora-Estoril	1
Bilbau-Gijón	1
Espanhol-Barcelona	X
Valencia-Santander	1
Saragoça-R. Sociedade	1
Hérculos-A. Madrid	1
Valhadolid-Sevilha	1

Andebol

Que papel para Portugal no mundial de esperanças?

A meta da selecção portuguesa no Mundial de «Esperanças» de andebol, será derrotar a Holanda e a Islândia, dois dos adversários de Portugal na Série C – declara o técnico nacional João Prudente. O mundial de «esperanças» (jogadores até 21 anos) disputa-se em Portugal de 4 a 13 de Dezembro, e reúne andebolistas de 16 países.

Vencermos os holandeses e islandeses seria ideal ,pois isso garantiria no mínimo, o 8.º lugar na prova, o que seria inédito na história do andebol português – afirma Prudente. O técnico acentuou as dificuldades desta tarefa, sublinhando que a Islândia e a Holanda possuem um andebol de nível superior ao praticado em Portugal: ambas as selecções pertencem ao grupo B do mundial de seniores, e o seu andebol encontra-se em permanente evolução. **Portugal nunca venceu estas duas equipas. Nem em esperanças nem em seniores, donde se conclui que os confrontos que nos opõem à Islândia (1.ª jornada) e Holanda (2.ª) serão extremamente difíceis** – sublinhou João Prudente.

No anterior mundial na Dinamarca (em 1979) Portugal perdeu com a Islândia por 25-19 e com a Holanda (17-13). A Islândia obteve nesta competição o 7.º lugar na geral e os holandeses alcançaram a 14.ª posição. Portugal foi 18.º superando apenas Japão, Bélgica, Formosa, Arábia Saudita e Luxemburgo.

A União Soviética, bi-campeã mundial (Suécia, 77; Dinamarca, 79) é o 3.º adversário dos portugueses na Série C sendo a turma favorita para o triunfo final.

URSS no século 21

O técnico nacional considera que a União Soviética é a grande candidata ao título máximo. Jugoslávia (2.º classificado no Mundial-79), RDA, Espanha, Checoslováquia, e Súecia são outras das formações com fortes potencialidades, capazes do discutir os lugares cimeiros dm torneio. **Os bicampeões mundiais, vencedores incontestáveis das anteriores edições, vêm dispostos a coleccionar mais um triunfo** – comentou Prudente, acrescentando que os soviéticos possuem um guarda-redes com dois metros de altura e mais quatro jogadores de campo com semelhante estatura. Prudente afirma que é indiscutível a inferioridade da equipa lusa perante a turma da URSS, **que pratica um andebol do Século XXI, bastante aperfeiçoado do ponto de vista técnico e táctico. Um dos problemas insuperáveis é a falta de corpulência dos nossos jogadores e a sua estatura média, própria dos povos latinos** – diz Prudente, que acrescentou existir um bom nível técnico no andebol nacional.

O andebolista mais alto da selecção portuguesa é o atleta Carlos Pinto (S. Mamede), com 1.88 metros. Rui Paiva, (Sporting), com 1,87 e Rui Aguiar (S. Mamede) com 1,85, seguem-se na tabela da estatura. A média de altura dos jogadores da primeira linha (zona de remate-meia distância) é de 1,81 metros, bastante baixa se comparada com a das restantes equipas participantes. Para o responsável português, este factor, é uma das grandes limitações do andebol nacional, não permitindo uma competitividade maior face às equipas escandinavas e de leste, tradicionalmente altas.

Os mais experientes

Mas a turma nacional tem também vantagens do seu lado: o facto de o mundial se efectuar em Portugal permite o apoio entusiástico do público que por vezes funciona como o **oitavo jogador da equipa. Nos encontros em Portalegre e em Castelo de Vide, com a Islândia e com a Holanda, contamos com o apoio do público. Se os espectadores incentivarem a equipa é possível um bom resultado** – acentuou Prudente.

Outro dos trunfos da selecção é a maior experiência relativamente ao último mundial e às duas «Taças Latinas que disputou em Guimarães e em Málaga (Espanha), respectivamente. **Em 1979, na Dinamarca, e na 1.ª Taça Latina (em Guimarães e Braga), a equipa não tinha rodagem internacional, sendo uma formação bastante jovem** refere Prudente. **Agora possuimos alguns jogadores com maior experiência andebolística.**

Embora esta seja a 2.ª presença de Portugal, no Mundial, em virtude da sua ausência no campeonato de 76 (na Suécia), existem jogadores com grande rodagem. O meio-distância do Encarnação e da selecção, Manuel Marques, considerado o jogador de maior influência no «sete» nacional é o atleta com mais internacionalizações: 29. Luís Filipe (Encarnação), Aguiar (S. Mamede), Marinho (Encarnação) são outros dos andebolistas com várias presenças internacionais ao somarem 25, 21 e 17 internacionalizações, respectivamente.

Vem aí a Espanha

O treinador nacional acha que a selecção melhorou o seu nível técnico rectificando as suas falhas mais notórias registadas na última «Taça Latina», em Espanha. **A equipa manteve a sua combatividade e melhorou bastante os aspectos defensivos, estando mais sólida e coesa à defesa. Ao ataque mostra-se mais acutilante e agressiva** – diz Prudente.

Para o orientador da turma portuguesa, os recentes jogos particulares frente à RDA («Esperanças» e à Argélia (seniores) foram um excelente **balão de ensaio** para o Mundial e para o programa de preparação da selecção. **O facto de termos perdido todos os jogos não é grave, nem sintomático: porque o nosso objectivo não era de pura competição, mas de preparação e ambas as selecções são de nível superior.**

Com a RDA, Portugal, perdeu nos dois encontros por 25-20 e 38-23, respectivamente, perante os argelinos a derrota cifrou-se em 24-20 e 23-17, tendo no jogo derradeiro a turma nacional manifestado alguns sintomas de **saturação,** absolutamente normal nesta tase de preparação. **A preparação está a ser feita de forma a dar os seus frutos em Dezembro, pois os trabalhos visam permitir aos atletas um auge de forma à data da prova** – esclarece Prudente, que adianta estar em vistas um jogo frente à Espanha no dia 27 de Novembro, em Paço de Arcos.

Nomes

A lista dos andebolistas, pré-seleccionados para os trabalhos da selecção é a seguinte. Filomeno Pato (Passos Manuel), Francisco Silva (Sporting), Charneco (Comércio e Indústria), Rodrigo (S. Mamede), Manuel Marques (Encarnação), Sérgio (Sporting), Luzia (Sporting), Aguiar (S. Mamede), José Manuel (Paço de Arcos), Rui Moreira (Paço de Arcos), Carlos Pinto (S. Mamede), José Carlos (Encarnação), Belone (Passos Manuel), Pires (Sporting), Mário Gentil (Encarnação), Gabriel (Sporting), Domingos (Académico do Porto), Luís Filipe (Encarnação), Rui Paiva (Sporting), Luís Lacerda (Gaia) e Emanuel Pereira (Paço de Arcos). Destes 21 jogadores serão escolhidos 16 atletas para integrarem a formação final da selecção.

Participam no Mundial as equipas da Jugoslávia, RDA, Suíça, e Japão na (série A), Dinamarca, Checoslováquia, Espanha e Nigéria (Série B); URSS, Islândia, Holanda e Portugal (Série C); França, Suécia, RFA e Argentina (Série D)

Aprender por cá

O técnico de andebol de S. Tomé e Príncipe (Horácio Fonseca) desloca-se a Portugal no final deste mês para assistir à última fase de preparação da se,lecção nacional de esperanças que participará no mundial da modalidade. A visita do treinador daquele país integra-se no âmbito da cooperação Portugal - S. Tomé e Príncipe.

Mikkola irresistível

O finlandês Hannu Mikkola aumentou para uns surpreendentes dez minutos o seu avanço no Rali Lombard (Inglaterra) quando esta prova, a contar para o «Mundial» de Ralis, está a meio. Disputadas 33 classificativas, Mikkola registou o tempo mais rápido em 19, ao volante de um «Audi Quattro», e reforçou o seu favoritismo para a que pode ser a sua 3.ª vitória neste ralí britânico. Ari Vatanen (também da Finlândia), ao volante de um «Ford Escort», mantém a 2.ª posição, depois de acesa luta com o britânico Tony Pond, que acabou por abandonar depois do seu «Vauxhall Chevette» ter avariado. Na 3.ª posição está agora a francesa Michele Mouton, num outro «Audi Quattro».

Após 33 classificativas, a classificação é a seguinte: Mikkola, 284,42; Vatanen, 294,24. Mouton, 297,14; Bolmqvist 298,49; McRae, 300,15; Airikkala, 301,39.

Equipa Fittipaldi expande-se

A equipa brasileira de Fórmula Um Fittipaldi será patrocinada em 1982 pela fábrica de bicicletas Caloi, revelou a Escuderia.

A equipa do antigo campeão mundial Emerson Fittipaldi anunciou também a contratação de Alister Caldwell para director técnico. Caldwell trabalhou nas equipas McLaren, Brabham e ATS e foi um dos responsáveis pelo desenvolvimento do Brabham BT 49 com que o brasileiro Nelson Piquet conquistou o título mundial de 1981.

Chico Serra será o primeiro piloto da equipa e o segundo carro será também confiado a um piloto brasileiro.

A equipa espera que o patrocínio obtido a auxilie a dispor de carros competitivos.

A equipa nunca venceu um grande prémio e na última temporada não obteve qualquer ponto, chegando a ser dado como certo o encerramento da escuderia.

Wilson Fittipaldi, irmão de Emerson e coproprietário da equipa, disse que a Caloi vai permitir que a experiência dure pelo menos mais um ano.

MICROSCÓPIO

Hóquei: Benfica triunfante

O Benfica assegurou virtualmente o triunfo no Torneio de Abertura ao derrotar, ontem, o Oeiras, no rinque deste, por 4-3. Outros resultados da 11.ª jornada: Alenquer-Sesimbra, 3-2, Sporting-Belenenses, 4-1 e Académica da Amadora-Cascais, 7-1. A equipa «encarnada» soma 32 pontos, o Sporting, 25, e a Académica da Amadora, 23.

Tróia: xeque-mate

A equipa do Tróia ganhou o Torneio de Xadrez Casa do Povo – Montreal, disputado por equipas em sistema suíço (semi-rápidas). A equipa do Tróia, de formação recente, integrava os xadrezistas António Fernandes, Joaquim Durão, António Pereira Santos e António Frões, que totalizaram 21 em 24 pontos possíveis. A equipa da EDP obteve o 2.º lugar com 19,5 pontos, seguindo-se o CP Amora com 17, o Juventude Alhandrense com 16,5 e o CP Pombal com 12.

Voleibol: Leixões vence

O Leixões triunfou no Torneio de Voleibol integrado nas Bodas de Diamante do FC do Porto, vencendo na final o clube organizador por 3-0. Num jogo em que foi manifestamente superior, a equipa do Leixões demorou 56 minutos a arrecadar o troféu, derrotando o FC do Porto com os parciais de 15-4, 15-4 e 15-9. Na disputa do 3.º lugar, o Benfica venceu sem dificuldade o Castelo da Maia por 3-0, com parciais de 15-9, 15-9, 15-10. Na partida final e sob a arbitragem de João Cantarino e Mário Humberto, as equipas alinharam: Leixões – António Cruz, Humberto Silva, Calheiros, Paulo, Pedro Silva, Armando, Nelson Puga, Ilídio, Carços e Rijo; FC do Porto – Mário Rui, João Silva, José Vilarinho, Paulo Cunha, Rui Silva, Francisco Amorim, Rui Carvalho, Luís Esteves, Luís Silva, Manuel Rosa, Armando Sampaio e José Ricardo.

Marcha: recorde

Dois irmãos gregos bateram o recorde mundial de marcha na distância de sete milhas, durante um torneio de atletismo realizado no Pireu (Grécia). Christos e Aristidis Karagiorgios cortaram a meta simultaneamente após 44,12 minutos, melhorando o anterior máximo de 44,22, que desde Agosto de 1980 pertencia ao britânico Steve Barry.

29 MILHÕES DE PRÉMIOS
12 MILIONÁRIOS
401 PREMIADOS
COM 30 CONTOS CADA!
NO CONCURSO N.º 14
DO TOTOBOLA

Desde 20 de Setembro, portanto há mais de dois meses, que com excepção de dois concursos, um normal e um extraordinário, tem havido sempre milionários. Com efeito, apenas o concurso n.º 20 que teve 20 totalistas e o 4.º concurso extraordinário só 4 totalistas, mas estes não chegaram a milionários porque o prémio era apenas de 2600 contos. De resto, nos outros 11 concursos desde 20 de Setembro, houve 68 milionários cujo prémio para cada um oscila de 1000 a 8000 contos!

Por aqui se vê que o Totobola é aquela máquina de fazer dinheiro e que simultaneamente promove mais saúde e melhor desporto.

Este o grande instrumento financeiro proporcionado pelas Apostas Mútuas que se popularizou e radicou nos hábitos dos portugueses. O Totobola hoje está previsto nas pequenas despesas do orçamento familiar, é um hábito que nasceu na esperança de uma vida melhor. É uma esperança que renasce todas as semanas e que alguns muito afortunadamente vão materializando.

Em dois meses 68 milionários, 68 certezas!!!

Por exemplo esta semana, apenas 12 apostas, com «treze» cabendo a cada 1 050 980$00; 401 apostas com «doze — levam o melhor de 31 451$00, cada.

Os milionários: 7 são anónimos, sendo 5 de Lisboa, um de Vilar Formoso e um de Mourisca; o sr. Manuel Ramos de Esposende; o sr. Norberto Varela, de Cruz de Pau, o sr. Joaquim Vaz Pedro, de Pataias, e o Sr. Manuel Efigénio de Vila Moura.

No próximo concurso o n.º 15 a realizar em finais do mês, é reatada a 1.ª divisão do Nacional de Futebol. Porto, Sporting e Benfica vão ser postos à prova, em campos que à partida não sabemos qual o mais difícil. Também os srs. apostadores vão ser postos à prova, com a vossa lógica, com os palpites das imprevisíveis surpresas, num bom concurso, com muito dinheiro para prémios.

Permite um conselho? Ajude-se, tente a sorte, jogue no Totobola.

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Camões: a tragédia (em) revista

«PARA ONDE VAZ, LUIZ?», de Jaime Gralheiro. Encenação Carlos Avilez. Música: Luiz Pedro Fonseca. Cenografia: António Casimiro e João Carlos Kintão. Figurinos: Helena Reis. Marionetas e Máscaras: Paulo Braga e Carlos Barros. Colaboração: Francisco Esteves. Movimento cénico: Águeda Sena. Interpretação: António Marques, Carlos Freixo, Cecília Guimarães, Fernando Corte-Real, Filipe Campos, Ilda Roque, João Vasco, Jorge Campos, José Júlio, Luiz Rizo, Luisa Salgueiro, Maria Albergaria, Simão Rubim, Soraya Sá. Músico: Miguel Ivo Cruz. Teatro Experimental de Cascais. Teatro do Picadeiro. Monte Estoril. 10-1981.

Lisboa, 1920. Nasce Camões. Portugal vive o sonho das descobertas. O pesadelo fica para mais tarde, para quando Camões morrer. A peça de Jaime Gralheiro traça, em forma de espectáculo musical acentuada pela encenação de Carlos Avilez, o itinerário dessa queda livre. Itinerário que vai da festa (revista) à morte (tragédia), que vai do colectivo (o povo, a corte, a Igreja) ao individual (Camões morrendo, com a moribunda Pátria morrendo muito), que vai da lantejoula ao farrapo varrido pelo vento.

É essa, começa por ser essa, a grande razão de ser deste texto e deste espectáculo. No entanto, um e outro procedem a uma viagem essencial para a sua operacionalidade. Tomando como ponto de partida a biografia – vida e obra – do poeta, é porém o seu relacionamento com a sociedade em que viveu que mais ressalta deste «Camões».

A corte (João III e Sebastião) e a Igreja surgem como dois poderes que a Inquisição aglutina. Perante eles, a arraia-miúda, o povo, os soldados, os pequenos comerciantes, as prostitutas, os intelectuais de que Camões, Damião de Góis, Fernão Mendes Pinto exprimem, cada um a seu modo, as inquietações, as dúvidas, a oposição. Vê-se que o espectáculo do TEC é menos sobre uma figura em comemoração do que sobre um povo vivendo as suas horas vitoriosas cercado pelas horas amargas que o esperam, o atacam, o destroem em parte, quase o aniquilam.

A força que este espectáculo contém advem-lhe, parece-me, do encontro de um dramaturgo cheio de fúria dramática com um encenador que deve menos ao rigor do que a essa ebulição irreprimível do teatro. Esse encontro deu origem ao que é um dos mais certos e fortes espectáculos de Avilez e do TEC, padecendo ainda de carências antigas aqui pelo menos em parte superadas. Como acontece geralmente nos espectáculos de Avilez, há material excessivo (dispositivo cénico, fatos, fantoches, máscaras, música, marcações, sinalização) mas desta vez o encenador conseguiu dominar esse material e mesmo sem contar com os actores de que precisava (quantitativa e qualitativamente) conseguiu um espectáculo coeso e globalmente convincente.

O espaço do Picadeiro surge completamente transformado. Desapareceram plateia e palco. Algumas mesas de taberna com velas acesas e bancos são o lugar do público. Ao lado o balcão do Mal-Cozinhado, com uma velha máquina registadora. Atrás do público, o esqueleto de uma nau. Há candeeiros acesos pelas paredes; desenhada no chão central da representação uma rosa dos ventos; um trono; um desenho que mostra Lisboa da época; ao fundo, nas paredes laterais, as mesas de maquilhagem onde os actores se preparam. Não interessa que este efeito já esteja visto: interessa que consiga exprimir alguma coisa, como é o caso. Um rádio transmite as notícias do momento (é domingo, fala-se de futebol). Como a registadora, uma mota a sério, uma máquina fotográfica, soldados com espingardas e capacetes da guerra 14/18, e outros elementos, fatos, lâmpadas de bolso, etc., trata-se do sinal de intenção do encenador (não do autor) em destemporizar a acção da peça, em fazer a trascrição de uma época histórica para outras épocas históricas. Seja o século XIX, com uma evocação que não é do texto das comemorações do terceiro centenário de Camões, ou o clima decadentista da corte de D. Sebastião, seja o período fascista, esse já do texto, com um deputado a discursar e uma professora a ensinar às crianças, grandes e pequenas, quem foi Camões, como se soletra os «Lusíadas», dividindo-os em orações (que é aqui uma palavra polivalente).

O espectáculo ocupa todo o espaço e reparte-se entre as cenas que podemos considerar revisteiras (por vezes o apoio musical de Luis Pedro Fonseca é muito bom), que inclui a escada da vedeta e um chapéu em forma de caravela, e cenas dramáticas mais densas na segunda parte.

Avilez utilizou para representar personagens da corte e da igreja bonecos que os próprios actores vestem; noutras cenas fez aparecer robertos – uns e

Continua na pág 18

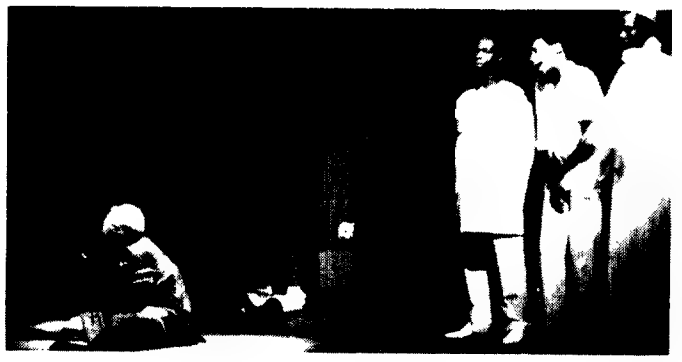
Teatro guineense em Lisboa

Nas próximas quarta, quinta e sexta-feira, no Teatro Aberto, Lisboa pode ver o espectáculo que o Teatro Guineense da Guiné-Bissau trouxe ao FITEI-81, onde obteve grande êxito.

«Sufridur ca ta padi fidalgu» é o título da peça (cujo sentido em português não anda para longe de «Não se avança a olhar para o sofrimento que ficou para trás») centrada na presente realidade política e social do jovem país africano.

Num espaço cénico que reproduz uma pequena «tabanca» (aldeia) guineense, evoluem cinco artistas com experiências diferentes: dois «djidius» tradicionais (Bié Conté e Keba Kalissa), duas vailarinas do Ballet Nacional fundado após a independência (Celina Afonso Pereira e Matilde Antónia Évora) e um actor (Carlos Vaz) que é também o autor do texto e da encenação do espectáculo.

Os bilhetes estão à venda no próprio local do espectáculo e as sessões iniciam-se às 21.30.



MUNDIAL FILMES anuncia

UMA OBRA QUE ENGRANDECE E ENRIQUECE A ARTE CINEMATOGRÁFICA

o filme de

CLAUDE LELOUCH

UNS E... OS OUTROS

(LES UNS ET LES AUTRES)

A HISTÓRIA FASCINANTE DOS ULTIMOS CINCOENTA ANOS DESTE SÉCULO

NUM FILME QUE É UM VERDADEIRO MONUMENTO DO CINEMA

70 ACTORES DE PRIMEIRO PLANO

musica de MICHEL LEGRAND e FRANCIS LAI

coreografia de MAURICE BEJART

MILHARES DE FIGURANTES

UM VERDADEIRO DESLUMBRAMENTO!

UM ESPECTACULO INESQUECIVEL!

UNS E... OS OUTROS

(LES UNS ET LES AUTRES)

CLASSIFICADO OFICIALMENTE COMO «FILME DE QUALIDADE»

NÃO ACONS. A MENORES DE 19 ANOS

AMANHÃ ESTREIA

Mundial Filmes

STAR

«JORGE» NA BARRACA

R. Alexandre Herculano — Tel: 686300

HOJE às 21.30 h

ULTIMO DIA

A TELEVISAO MATA!

Este espectaculo explica como? Indispensavel

Carlos Porto DN 24-10-81

CRIAÇÕES TEATRAIS

Autor Antony West; Enc. Jose Gil

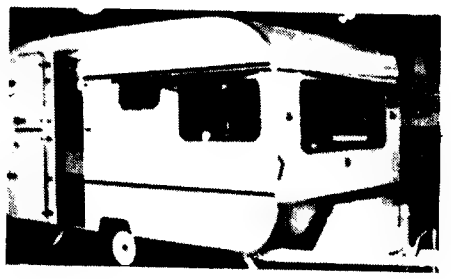
Um espectaculo criado por Jose Lopes, Silvina Pereira, Miguel Gil, Paulo Braga, Joao Paulo e Jose Gil.

Um espectaculo para todo o pais dia 28/Coimbra/TEUC, dia 1/12-Leiria apoio TELA contactos por escrito R. Luisa Tody, 6-4.º-Frente 1200 Lisboa-Tel. 323125-sub Sec.

HENRIQUES & CASTRO, LDA.

Estrada de Benfica, 398-A/B – 1500 LISBOA

CARAVANAS «MONDÊGO»



(ABERTO AOS SÁBADOS ATÉ ÀS 13 H.)

COMPRE AGORA, QUE COMPRA MELHOR

– ÚLTIMAS A PREÇO ANTIGO –

RESTAURANTES

TATU

PASTELARIA C/FABRICO PRÓPRIO

SALÃO PARA BANQUETES E CASAMENTOS. TODOS OS DIAS A AUTÊNTICA FEIJOADA À BRASILEIRA

Campo Grande, 80

Telf. 765188/9

Embora procedendo a obras de beneficiação, continuamos diariamente ao dispor dos nossos clienes e amigos.

D. LUÍS

CHURRASQUEIRA

ABERTO TODOS OS DIAS

(EXCEPTO SÁBADOS)

AR CONDICIONADO

Rua General Taborda, 9-B (Campolide)

Telf. 681220

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

No dia-a-dia é Portugal que morre

Andei todo o santo dia imerso numa grande angústia. Incompreensivelmente. Almoçara com amigos, apascentei a solidão até à chegada de minhas naus da Índia e ao respirar ouvi sonidos de cristal. Certo. Mas tudo era como se procurasse fintar o meu porão, como se tampasse os ouvidos para não conhecer das serpentes lá no fundo. Quem eras tu, ò Dor da planície?

Agora sei. Sei e estou tranquilo. O último serviço informativo da Televisão aplacou os meus cuidados. Agora sei quem será o representante da RTP ao festival da canção da OIT, no México. Sei que será José Cid e que o seu poema se chamará «Uma lágrima». Posso ir dormir, em paz com Deus, com os anjos e comigo. Mas já agora, ò Cid, em lugar de uma lágrima, não poderão ser duas? Não contes só contigo, caramba, lembra-te da comunidade.

O serão falou de Callas e da influência portuguesa na arte oriental. Ignoro o critério que preside à elaboração deste mapa-tipo, e para ser franco, até ignoro o tipo que faz o mapa. Mas a mim parece-me salvo, como se costuma dizer, melhor opinião que estas doses ditas culturais são contraproducentes ou, pelo menos, não dão de si o máximo rendimento. Não basta atirar à cara das pessoas a Callas e a arte oriental como quem, no cinema dos anos vinte, atirava os bolos de creme à cara dos parceiros. Tudo deverá obedecer a um plano de conjunto, é preciso integrar, há que ser exército e não guerrilha. Estas emissões, assim à bruta, não soam ao bem-querer, soam a uma vingança, do género: «Ah tu queres cultura? Então toma lá que é para aprenderes!»

Enquanto monotonamente se falava das arcas, dos tapetes, da filigrana de ouro e da «compartimentação ritmada dos espaços na arte indo-portuguesa», tentei um fossado ao segundo canal. **Pode imaginar** – perguntava inocentemente a hóspede da senhora Ropers – **como é triste olhar para uma coisa que não se mexe?** «Posso, minha filha, posso!» – respondia a Helen Ropers. A maltosa ri. Malandrice...

Persignei-me da heresia, voltei à influência cristã nos biombos. Um pouco impaciente, para que negar?

O documentário sobre Maria Callas deixara-me o apetite acordado para a continuação do assunto – aquele ou outro, desde que fosse a sério. Ali tínhamos um trabalho rico feito com material pobre. Ali tínhamos como se pode entender da arte como forma de estar na vida e na sociedade sem o recurso ao chavão, ao tecnicalão, ao sensaborão. Os depoimentos breves (teatrais e vivos, quantas vezes) o recurso à voz de Callas através do disco ou da gravação defeituosa de amadores ou à sua arte de representar através de amostras filmadas tão míseras quanto preciosas, as fotografias e as notícias de imprensa foram os elementos essenciais de um programa que verdadeiramente nos enriqueceu.

A emissão contou com uma apresentação sonambulicamente lida por Zanatti. Curiosamente, a nota não seria muito importante, face ao carácter didáctico da obra. O processo, no entanto, deve manter-se como norma. Mas com outra linguagem, outra desenvoltura, com menos agressões (inúteis, caramba, inúteis) à tradicional ignorância de milhões de espectadores. A arte de falar ou de escrever para a televisão impõe como norma absoluta não deixar que os telespectadores cultivados se sintam diminuídos e que os ignorantes se sintam provocados. A melhor forma para conseguir este objectivo é recorrer o mais possível à inteligência e o menos possível à erudição.

Já agora: repararam como os apresentadores franceses pronunciam os nomes estrangeiros? Dizem **Marie Calass, Toscá, Scàlá,** e por aí adiante. Ou seja: a sua pronúncia está de acordo com a realidade cultural de milhões de franceses e respeitam os direitos da língua em que se expressa essa realidade.

É possível que o gosto de dizer bem a origem das palavras corresponda a um acto cultural louvável em si mesmo. No fundo, com mil raios, descobrimos a Índia, não somos uns pelintras caisqueres. Sendo certo porém, que descobrimos a Índia mas não descobrimos Portugal. E esta preocupação de dizer bem as palavras estrangeiras e o vício de dizer mal as palavras portuguesas, tem qualquer coisa de absurdo, de subserviente, de anticultural, de libré que se verte.

Pela Televisão fervilham os desmandos escandalosos na língua pátria. Mas todos se pavoneiam com as suas ricas pronúncias inglesas, francesas, espanholas. Reparem, por exemplo, nos esforços desesperados do Rui Romano para puxar à sustância da aspiração nas palavras árabes. O desgraçado tem na gorja o laço do ridículo e nem repara.

Pelas ofensas e desprezos à língua-pátria, Portugal vai morrendo aos poucos, um pouco em cada dia na Telvisão... portuguesa.

Televisão onde saber bem e pronunciar bem a nossa língua nem sequer entra em linha de conta numa admissão. Basta a confiança política.

Manuel Rafael, Lda.
TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001 2

Hoje

Na RTP-1 exibição do 6.° episódio da série «Um Homem Entre Mulheres»

17.37 **Sumário**
17.42 **Tempo dos Mais Novos**
18.15 **País, País**
18.40 **Tempo de Desporto** – o Rali do Algarve e os «cascadeurs».
19.15 **«Olhai os Lírios do Campo»** – 30.° episódio.
20.00 **Telejornal** – as principais notícias da actualidade nacional e internacional.
20.35 **Vamos Jogar no Totobola**
20.50 **1+1=1** – neste programa, a autora, Natália Correia, evoca a «Batalha da Salga».
21.20 **«Um Homem Entre Mulheres»** – 6.° episódio.
21.45 **TV Repórter**
22.50 **24 Horas** – as últimas notícias.

2 RTP

Na RTP-2 o programa Fronteiras da Música presta homenagem a Bela Bartok

18.15 **País, País** – informação regional.
18.40 **«Sítio do Picapau Amarelo»** – série infantil de produção brasileira.
19.05 **Agricultura, Projecto de Sobrevivência** – com o eng. Campos Gondim, que dá conselhos aos lavradores.
19.35 **Fronteiras da Música** – Bela Bartok, o génio, o exílio, a glória e a ignorância póstuma.
20.00 **Informação/2** – as notícias do País e do estrangeiro.
20.30 **Cine-Clube/2** – «A Mãe». Realizador: Mikio Naruse.

Amanhã

1 RTP

Das **13.20 às 17.20**: Ciclo Preparatório TV; **17.37**: Sumário; **17.42**: Tempo dos Mais Novos; **18.15**: País, País; **18.45**: Voar; **19.15**: «Olhai os Lírios do Campo» – episódio n.° 31; **19.55**: O Tempo; **20.00**: Telejornal; **20.30**: Direito de Antena – Movimento dos Pequenos e Médios Comerciantes e Industriais; **20.40**: Noite de Cinema – com o filme «A Sereia do Mississipi»; **22.20**: 24 Horas.

2 RTP

18.15. País, País; **18.45**: «Sítio do Picapau Amarelo»; **19.10**: Desporto Plural; **19.30**: Documentário – Barcelos; **20.00**: Informação/2; **20.30**: Eurovisão – Campeonato do Mundo de Ginástica, realizado em Moscovo; **21.40**: 4.ª à Noite.

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!
«Um Homem Entre Mulheres» (21.20) 1 RTP
«A Mãe» (20.30) 2 RTP
Além de um programa a escolha oferece-lhe
Resumo do episódio de hoje
Bellini recebe a carta de Olívia, aceita a proposta de colaboração, manda o filho – Carlo – buscá-la imediatamente a Porto Alegre. Carlo cumpre as ordens do pai, apesar de achar desnecessária a colaboração de Olívia, que – a pedido de Bellini – irá ficar hospedada, em Nova Itália, em casa de Rafaela.
A filha desta, Antonieta, sente ciúmes antecipados por Carlo viajar sozinho com Olívia mesmo sendo apenas por algumas horas.
Frida telefona para Eugénio, mas Eunice diz que ele não está. Esta, Eugénio e Cintra assistem a um concerto de música clássica e Carlo chega, entretanto, a casa de Frida para levar Olívia.
ASSISTENCIA TECNICA GRUDING
NACIONAL RADIO Rua B Jesus Caraça 1 Cruz Quebrada Tel 2112871

Rua Tenente Raul Cascais, 1-A 1200 LISBOA Telef. 661515/669205
teatro do bairro alto
teatro da Cornucópia
teatro da Cornucópia
NÃO SE PAGA! NÃO SE PAGA! de Dario Fo
10.° MÊS
Últimas Representações
Todos os dias às 21.30. Domingos só às 17 horas 2.ª feira (descanso).

Jornal 1X2
Semanário sobre o Totobola
sai ás Terças-feiras
CDL a distribuição

GRUPO DE CAMPOLIDE – ACADEMIA ALMADENSE TEL. 2752175
BREVEMENTE
«A EXCEPÇÃO E A REGRA»
de B. BRECHT
SUB SEC/CMA Gulbenkian
Encenação de Peter Schroth e Peter Kleinert do Theater IM PALAST de Berlim

MORRIS
CG-69-29
Roubado, gratifica-se
Tel. 60 47 70

POUPE COMBUSTÍVEL
Sempre que possível utilize os transportes públicos.

INFANTÁRIO DO CONCELHO DE VILA FRANCA DE XIRA
ADMITE:
ENFERMEIRA — PERICULTURA
E EDUCADORA DE INFÂNCIA
RESPOSTA AO N.° 24111

Caminhos de Ferro Portugueses
CONCURSO
FORNECIMENTO E INSTALAÇÃO DE UMA REDE DE TELE-INFORMÁTICA DE EXPLORAÇÃO
A C.P. aceita inscrições de firmas para a pré-qualificação a este concurso.
As firmas interessadas poderão dirigir-se, até ao dia 30 do corrente mês a Secretaria do Departamento de Instalações Fixas, na Estação de Santa Apolónia, onde lhes serão indicadas as condições a que, necessariamente, deverão satisfazer para virem a ser seleccionadas.

MUNICÍPIO DE LOURES
CONSELHO MUNICIPAL
ENCONTRO DISTRITAL DE HABITAÇÃO
CONVOCATÓRIA
A fim de se discutirem problemas ligados à Habitação e à Política Habitacional e de se sensibilizar, mobilizar e organizar a participação dos organismos e organizações do Concelho de Loures ligados a este assunto, no (ENCONTRO DISTRITAL) de Habitação que a Câmara de Loures leva a efeito no próximo dia 5 de Dezembro, o Conselho Municipal convoca as entidades constantes da lista abaixo indicadas para um plenário que se realiza no sábado 28 de Novembro, no Edifício Polivalente do Bairro Gulbenkian (Sinistrados) em Odivelas com um ponto único — Encontro Distrital de Habitação.
— Cooperativas de Habitação
— Associações de Moradores
— Comissões de Moradores
— Comissões de Trabalhadores
— Delegações Sindicais
— Associações de Comerciantes e Industriais
— Construtores Civis
— Juntas e Assembleias de Freguesia
— Câmara e Assembleia Municipal
— Técnicos ligados à Habitação
— Creches e Jardins de Infância
— Ass. para a Defesa do Património Cultural
— Outras organizações e entidades que no Concelho de Loures estejam ligados à Habitação
O Presidente da Mesa do Conselho Municipal de Loures
(José Augusto dos Santos Brás)

RESTAURANTE SONICRIST

Exposição permanente de velharias e antiguidades
- Cozinha Regional
- Mariscos
- Serviços de gelados
- Grelhados a carvão

ESPECIALIDADES

- Strogonof
- Cordon bleu
- Wiener Schnitzel
- Tournedo

Rinchoa — Rio de Mouro (Junto à estação)

Rapazes e raparigas em situacoes loucas
com a música de Ray Garrison que rivaliza John Travolta!

Monty Ray Garrison · Cecilia Buonocore
realização de Michele Massimo Tarantini

banda musical JOHN PAUL YOUNG *LOVE IS IN THE AIR*
DANIEL DANIELI *(I CAN'T GET NO) SATISFACTION / HONEY FOR BEARS*
SHEILA · *YOU LIGHT MY FIRE*

ROXY AMANHÃ ESTREIA ÀS 14.00

EASTMANCOLOR NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS VITÓRIA FILME

ATENÇÃO: Os espectadores que assistam à exibição deste filme, têm direito a um sorteio de uma motorizada SIS-SACHS MODELO TOP RACING.

Em OLHAO o **Diário de Lisboa**
esta a venda
no Quiosque da Praça Patrão Lopes

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	59$90	64$90
ALEMANHA FED (marco)	28$25	29$35
AUSTRIA (xelim)	3$95	4$15
BELGICA (franco)	1$525	1$725
BRASIL (cruzeiro)	$320	$570
CANADA (dolar - notas de 1 e 2)	53$40	55$40
(notas de 5 a 1000)	53$90	55$90
DINAMARCA (coroa)	8$875	9$15
ESPANHA (peseta)	$627	$727
EUA (dolar - notas de 1 e 2)	63$50	65$50
(notas de 5 a 1000)	64$00	66$00
FINLÂNDIA (marka)	14$60	15$20
FRANÇA (franco)	11$10	11$80
HOLANDA (florim)	25$80	26$80
INGLATERRA (libra)	121$65	125$65
IRLANDA (libra)	100$75	104$75
ITALIA (lira)	$048	$058
JAPAO (iene)	$268	$303
NORUEGA (coroa)	11$05	11$55
SUECIA (coroa)	11$60	12$20
SUIÇA (franco)	35$20	36$30
VENEZUELA (bolivar)	12$75	13$75

Observações:
1. – **No respeitante a moedas, estas cotaçoes devem ser consideradas a titulo meramente informativo.**
2. – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.**

Viana do Castelo recorda Carolino Ramos

Uma certa memória da cidade

Vinte anos depois da sua morte, ocorrida em Abril de 1961, o pintor Carolino Ramos é recordado em Viana do Castelo numa exposição organizada pelo Centro Cultural do Alto Minho e patente no Salão da Cultura até ao dia 28 do corrente. A ideia, agora concretizada pelo Centro Cultural com a colaboração dos familiares do pintor, é o mínimo que podia esperar-se da cidade onde Carolino Ramos nasceu (freguesia de Areosa) e onde expôs, trabalhou (professor secundário e mestre da construção civil) e viveu. Apontamentos, aguarelas, desenhos e óleos, num vasto conjunto de uma centena de trabalhos, que está longe de englobar a totalidade da obra deixada por Carolino Ramos, como nos dizia uma sua familiar, permitem a descoberta dum artista que é também, na sua ligação à realidade local, uma certa memória da cidade, ali evocada em figuras populares, em pescadores, mulheres e tipos sociais marcantes.

Num texto escrito para esta exposição e publicado também pelo Centro Cultural, três professores da Escola de Belas-Artes do Porto (Calvet de Magalhães, Sá Nogueira e Armando Araújo) salientam a importância deste «artista exemplar», como lhe chamam, sobretudo nos desenhos, que revelam «um grande sentido do volume» e onde, ao mesmo tempo, «se afirma uma pouco frequente necessidade de exaltar o valor da luz e do volume, através de sombras, claros-escuros e de transições de texturas e matérias (papel e crayon)». O apontamento das duas mulheres a fazer meia, que ilustra a capa do catálogo da exposição e que igualmente aqui reproduzimos, «peça recortada de simplicidade e de grande limpeza plástica», como se lhe referiu o escultor Manuel Rocha, é bem representativo do perfil criativo de Carolino Ramos e que os professores da ESBAP igualmente destacam. São deles, aliás, estas palavras, ao concluir o breve balanço crítico da obra do pintor: «Bem merece Carolino Ramos esta homenagem ainda que tardia, que lhe presta o Centro Cultural do Alto Minho, pois trata-se sem sombra de dúvida, de um artista de grande mérito, revelador de uma grande humildade e incessante preocupação de pesquisa e superação que honra mais Viana do que Viana do Castelo o honrou a ele em vida, numa das frequentes demonstrações de ingratidão para com os seus filhos ou pelos que amando Viana, mereciam, pelo menos, o aceno da simpatia e da memória permanentes».

JGB

Camões: a tragédia (em) revista

Continuação da pág. 16

outros ajudam a tornar compósito um espectáculo muito rico em incidências de toda a ordem, reivindicando o direito ao anacrónico, ao paradoxal, ao exagerado (para quê a galinha e o cão vivos?), ao historicamente discutível (é bastante pobre a bibliografia apontada nos gordos textos de apoio), ao gratuito (Maria Albergaria de vestido branco deitando sangue pela boca).

O espectáculo, como o texto de Jaime Gralheiro, interessa menos pela história do poeta e até pela história de Portugal, do que pelo levantamento da teatralidade de uma e outra, pela explosão que ambas produzem nesse choque tremendo de uma sociedade em mutação, a Poesia que se faz fazendo a própria Língua, a Pátria que se estende, o Povo que se sacrifica, a Inquisição que aniquila, a Corte que explora. Este «Camões» não é um espectáculo didáctico, ou não é esse o seu aspecto essencial, é um espectáculo que se assume descaradamente como força teatral e para isso corre os riscos inerentes, mesmo os de algum elementarismo evitável. Texto que recorre à colagem (cenas do «Auto da Índia»), que não hesita no cliché (Camões a nadar com o poema e dedicando a «Alma Minha» a Dinamene), que ousa sublinhar as propensões homossexuais de D. Sebastião, «Onde Vaz, Luiz?» foi, ao mesmo tempo, pretexto para Avilez se vingar de si próprio, de alguns dos seus espectáculos.

João Vasco domina o trabalho dos actores (soberbo o seu D. João III e outras personagens); António Marques com um Camões pujante, poeta, espadachim, amante, náufrago, desgraçado, resolvendo a maior parte dos problemas mas dizendo mal os versos; Maria Albergaria entre os risos e as lágrimas, fazendo esquecer não ter a idade das personagens, uma força; Cecília Guimarães, Luísa Salgueiro, Ilda Roque, Fernando Corte-Real, Luiz Rizo, Carlos Freixo (há novos a seguir no TEC), principalmente, contribuindo para dar ao espectáculo a força coral e o mínimo de homogeneidade possível sob o ponto de vista de interpretação. Mesmo quando tentam cantar mostram progressos inesperados.

Alguns fatos são excelentes, sinalizando em certos casos a monstruosidade moral das personagens; há a procissão de uma auto de fé em que as máscaras são cabeças de animais fantásticos, directamente colhidas em Bosch. O trabalho de António Casimiro, João Carlos Kintão, Paulo Braga e Carlos Barros, além de Helena Reis, é muito bom, como boa foi certamente a colaboração de Águeda Sena.

Este espectáculo merece mais do que a benevolência do espectador, merece antes de tudo a sua presença e a sua crítica. Entenda-se que é um espectáculo importante, não por ter muitos ouropéis e lantejoulas mas por procurar ser eficaz ao nível do levantamento autenticamente teatral de um período crucial da nossa história.

Uma maior depuração, o corte de algumas cenas e do segundo intervalo, ajudariam certamente a torná-lo mais denso e eficaz. Tal como está, merece largamente a visita.

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Ovo de Colombo; **17.05**: Figuras e figurantes; **17.30**: Ontem, manchete de amanhã; **18.05**: A cassette extravagante; **18.15**: A década prodigiosa; **18.30**: Entrevista imaginária; **20.00**: Ler, ouvir e falar; **21.00**: A voz da solidariedade; **21.30**: Programa da noite; **23.30**: Último jornal.

Programa 2

17.00: Música de jazz; **17.45**: Solos de guitarra; **18.05**: Tempo de bailado; **18.35**: Música de câmara; **19.00**: Música em diálogo; **19.30**: O violinista Henryk Szeryng; **20.10**: Música de piano; **20.30**: O homem sem tempo; **21.00**: Ciclos de História; **21.40**: Música; **22.30**: O gosto pela música; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.45: Teatro trágico; **17.03**. Todos no top; **18.08**: Hora de ponta; **18.10**: Espaço 3 P; **20.00**: Quando o telefone toca (1.ª edição); **20.30**: As cidades e as serras; **21.03**: Telefone top; **21.30**: Quando o telefone toca (2.ª edição); **22.03**: Portugal e a CEE; **22.15**: Hora luterana; **22.30**: Tempo de desporto; **23.08**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM – Estéreo (97,4 MHz)

16.03: Rock em stock; **18.03**: Círculo em FM; **19.03**: Em órbita; **20.03**: Rolls rock – abandajazz; **22.03**: Café concerto; **00.03**: O vapor da meia-noite. Noticiários de hora a hora.

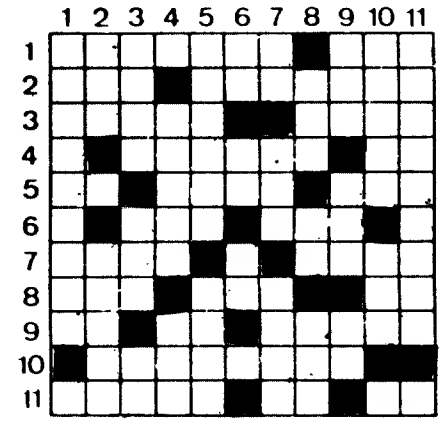
RÁDIO RENASCENÇA

15.00: Três vezes seis; **16.00**: Aqui e agora; **17.00**: Jornal da mulher; **18.15**: Igreja em notícia; **18.25**: Palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço da Igreja de S. João de Brito; **19.00**: Programa da LAR; **20.00**: Dê no vinte; **21.00**: Pentagrama; **21.30**: Diálogo e vida; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Bola branca (2.ª edição); **23.10**: Meditando; **00.30**: Meia de rock; **01.05**: Espaço aberto; **02.00**: Estação de serviço; **05.00**: Madrugar... na cidade e no campo; **06.00**: Homens da terra. Grandes blocos informativos: **08.00**, **12.30**, **19.30** e **23.30**. «Flashes» noticiosos de hora a hora.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 287

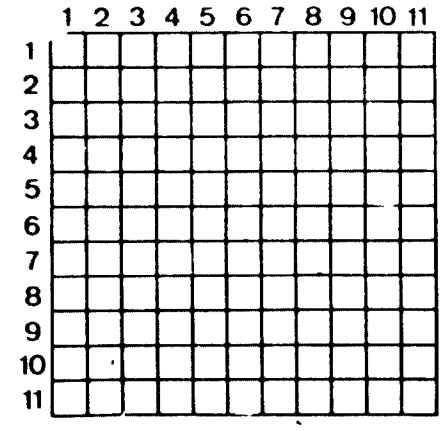


HORIZONTAIS:
1 Antiga medida de quatro palmos. Matemática.
2 Espaço de doze meses. Pesar.
3 Fragor. Palmeira da Amazónia.
4 Dera ouro a. Prefixo que designa afastamento.
5 Preposição. Cura. Corda de reboque.
6 Antiga Agência Telegráfica de Imprensa. Vai para fora.
7 Prolongamento do pecíolo e da parte parenquimatosa do coqueiro. Cidade de Inglaterra.
8 Curso de água natural e abundante. Nome de mulher. Flauta chinesa de três buracos.
9 Grande ribeira da Ásia Russa. Alteza Real. Tubos.
10 Conta grande de rosário (pl.).
11 Leitos. Ósmio (s.q.). «Post scriptum».

VERTICAIS:
1 Paragem.
2 Espaço de doze meses. Batel chato, sem leme nem vela e com duas proas levantadas.
3 Inércia. Para barlavento. Artigo indefinido.
4 Constelação boreal. Nome de letra.
5 Dividi em toros. Estavas.
6 Preposição. Clima. I e cinco em romano.
7 Prefixo de pr[illegible]o. Chefe etíope. Averigu[illegible]
8 Irmã da mãe. [illegible]ão que designa afastamento. Preposição e artigo (pl.).
9 Mediana. Irmã da mãe. Nosso Senhor.
10 Irmão de Moisés. Irmão do pai.
11 Serviços.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 147



HORIZONTAIS:
1 Região da Europa antiga, ao N. da Grécia.
2 Passagem de bile para o sangue.
3 Batráquio. Invulgares. Aqui.
4 Comparei. Áridos.
5 Sugas o leite materno. Dás ouro a.
6 Gosta muito de. Agora.
7 Miriare. Antes do meio-dia. Quinto filho de Jacob. Distar.
8 Embarcação que se emprega na pesca à linha, nos bancos de bacalhau. Tempo do verbo ir.
9 Pegar. Cidade da Jugoslávia.
10 Sofres (fig.)
11 Empregam. Sufixo que designa abundância (pl.).

VERTICAIS:
1 Aguentam (pop.). Cério (s.q.).
2 Notável.
3 Antes de Cristo. Ave pernalta. Panelas.
4 Correia. Em má hora (ant.).
5 Prendeis com elos. Olham atentamente.
6 Oferecer.
7 Folhoso. Cão selvagem da Austrália.
8 Pertencente a Nisa. Cantigas.
9 Seguia. Nome de jogo. Pronome demonstrativo.
10 Filtrarias.
11 Recolher a vela do navio. Ouro (s.q.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 286

HORIZONTAIS:
1 O. CALDO. Rol.
2 Gavião. DEVE.
3 Oó. Ri Posas.
4 Possuem.
5 Agás. Ornais.
6 Bolos. AT.
7 Asas. Ases.
8 Cr. Aru.
9 Soldados. Ul.
10 Ioios. Mac.
11 Res. Aromara

VERTICAIS:
1 Ogo. Aba. SER.
2 AO. GOSTO.
3 Cv. Pala. Lis.
4 Airosos. Do.
5 Lais. Caia.
6 DO. Só. Ardor.
7 Puras. Oso.
8 DOENTE.
9 Resma. Sa. Ma.
10 Ova. Im. Ruar.
11 Leses. Sulca.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 146

HORIZONTAIS:
1 Mulher.
2 Bara. Ro. Si.
3 Lara. Errara.
4 Ore. Asa. Mal.
5 Bisa. Cada.
6 Imola. Or.
7 Areal. La.
8 Nau. Chiarão.
9 Oriá. Diz.
10 Andarias. Ir.
11 Rua. Osgas.

VERTICAIS:
1 Boba. No.
2 Bari. Aarau.
3 Marés. Ruina.
4 Ura. Aié. Ad.
5 La. Mac. Ao.
6 Escolher.
7 Erra. Io.
8 Ror. Caladas.
9 Ama. Ari.
10 Eirado. Azia.
11 Salário. Rs.

Provérbio: O CALDO, DEVE SER AO GOSTO DO DOENTE.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16 30, 18.30, 21.45 e 24
– Int. men. 13 a.
O TERRAÇO
c/ Ugo Tognazi

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
– Int. men. 13 a.
007 MISSÃO ULTRA-SECRETA

ALVALADE 897480

Av. de Roma
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
CARNAVAL SANGRENTO
c/ Paul Kelman, Lori Hallier
e Neil Affleck
Um filme de George Mihalka
Colorido

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30
e 23.30 – N. ac. men. 13 a.
VAI TRABALHAR MALANDRO
e Roger C. Carmel
Um filme de Jerry Lewis
Colorido

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
NINJA, O IMBATÍVEL
c/ Franco Nero e Susan George
1.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
c/ Harrison Ford, Karen Allen
e Paul Freeman
Um filme de Steven Spielberg
Technicolor

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
PAI PRECISA-SE
c/ Treat Williams, Lisa Eichhorn
Um filme de Larry Peerce
Metrocolor

CASTIL 530194

Rua Castilho
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
Uma sublime mensagem... um libelo contra a guerra!
VAMOS VOLTAR A VIVER
2.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
A DAMA DAS CAMELIAS
c/ Glio Goldsmith e Fernando Rey
Um filme de Mamo Bolognini
Às 24 – Int. men. 18 a.
ROMA VIOLENTA

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
DEGRADAÇÃO DE UMA MULHER CASADA
Pornográfico – Hardcore
Às 24 – Int. men. 18 a.
CARRIE

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
O DIREITO DO MAIS FORTE À LIBERDADE
Às 24 – N. ac. men. 13 a.
DUELO NO ESCURO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
Às 14.15, 16.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
TRÊS DIABOS
c/ Johnny Wilson e Dick Adair
Um filme de Boby A. Suarez

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
EU TE AMO
c/Sónia Braga
A grande revelação do Festival de Cannes de 1981

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
HÉRCULOS CONTRA OS BÁRBAROS
Um filme de Domenico Paolella
Eastmancolor

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
BOM POVO PORTUGUÊS
Um filme de Rui Simões

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B
Às 15, 17, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Ela fez dele o amante, o herói, o homem rico... e o assassino!
ATLANTIC CITY
c/ Burt Lancaster e Susan Sarandon
3.ª Seman

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
A maior aventura humana de amanhã
MALEVIL, O DIA ZERO
Um filme de Christian de Chalonge
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma 7-A
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
LILI MARLEEN
c/ Giancarlo Giannini e Mel Ferrer
Filme de qualidade
4.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av Pedro Alvares Cabral, 37
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 18 a.
A FRONTEIRA USA
c/ Telly Savalas, Danny de la Paz
e Eddie Albert

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a.
EXCALIBUR
c/ Nigel Terry e Helen Mirren
Filme de qualidade
4.ª semana

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
C Harrison Ford, Karen Allen
e Paul Freeman
Um filme de Steven Spielberg
5.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
N. ac. m/18 anos
EU TE AMO
c/Sonia Braga e Paulo Pereio
Um filme de Arnaldo Jabor

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Int. men. 13 anos
A artes marciais em toda a sua violência
O DRAGÃO INVENCÍVEL
Colorido

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
Às 14, 16, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A MÚSICA NÃO PODE PARAR
c/ Vilage People. Valene Perrine
e Bruce Genner
Colorido

Burt Lancaster e Susan Saraton numa cena do filme **Atlantic City,** Grande Prémio do Festival de Veneza — **Leão d'Ouro** Em exibição no Estúdio 444

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
– M. 18 a.
AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT
Realização de R. W. Fassbinder
Filme de qualidade

SALA 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.45
– M. 18 a.
O BOM POVO PORTUGUÊS
Realização de Rui Simões

SALA 3
Às 14, 16.30, 19 e 21.45
– N. ac. men. 13 a.
MISTÉRIO D'OBERWALD
Realização de M. Antonioni
Filme de qualidade

SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
– Int. men. 18 a.
CRÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO
Realização de Daniel Duval

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N
Às 14.15, 17, 19.15 e 21.30
Int. men. 13 anos
O EXTERMINADOR
Projectado no mais moderno sistema Dolby Stereo

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
Às 14, 16, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
Uma sublime mensagem... um libelo contra a guerra!
VAMOS VOLTAR A VIVER

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O BURACO DA AGULHA
c/ Donald Sotherland e Kate Nellingan
3.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
– Int. men. 13 a.
007 MISSÃO ULTRA-SECRETA
c/ Roger Moore e Carole Bouquet
9.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Sessões diárias às 14, 16.30, 19 e 21.15
Inter. men. de 13 anos
Robert de Niro, Robert Duvall
A ABSOLVIÇÃO
9.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A FILHA DO MINEIRO
30.ª Semana

7.ª ARTE CINEMA 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos
Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24
– N. ac. men. 13 a.
O BURACO DA AGULHA
Domingo às 11.15 – Para Todos
BUGS BUNNY E SEUS AMIGOS

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 15, 18.15 e 21.30
A MAIS BELA HISTÓRIA DE AMOR (SUZANNE)
– Int. men. 13 a.
4.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
Às 10.30, 13.15, 16.30, 19.30, 21.30 e 24
– Int. men. 13 a.
Uma espada forjada por um Deus semente do fogo, a força viva de um rei
EXCALIBUR
3.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Colorido
NÃO AC. M/18 anos
O CARTEIRO TOCA SEMPRE DUAS VEZES
Um filme de Bob Rafelson
4.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lotg 879
Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a.
Uma epopeia sem paralelo na história do cinema
ARMADILHA INTERNACIONAL
c/ Roger Moore e Lee Marvin
4.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O filme de maior «suspense» de John Carpenter
O NEVOEIRO
3.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 – «Vai Trabalhar Malandro», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 – «O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes», às 21.15 (18 anos)
POLITEAMA – «Ninja, o Imbatível», às 21.30 (18 anos)
CITY CINE – «O Mistério de Oberwald», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «Elas, Eles e o Sexo», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLÍMPIA – «A Massagista Sexual», sessões permanentes (18 anos)
2000 – «O Sacrifício da Vida», às 21.30 (13 anos)
EUROPA – «Aventura nas Caraíbas», às 21.30 (18 anos)
RESTELO – «Os Cinco Ailbis», às 21.30 (18 anos)
LUMIAR – «24 Horas de Pavor», às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «Os Boinas Verdes», às 21.30 (13 anos)
CINEARTE – «O Borrachinho», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «Alamedas da Noite», às 21.30 (18 anos)

Outra banda

ALMADA – Incrível – «Barry Lyndon», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «O Leão do Deserto», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Cinestúdio – «Lili Marleen», às 21.30 (13 anos)
COSTA DA CAPARICA – Silcine – «Os Sobreviventes do Fim do Mundo», às 21.45 (18 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «O Leão do Deserto», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «A Cidade das Mulheres», às 21.30 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Amores Meus», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Os Miseráveis», às 21.15 (13 anos)
PAREDE – Royal-Cine – «O Arrependimento», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «7 Mulheres ao Ouro», às 21.30 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «Os Miseráveis», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «A Divina Loura», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «Um Homem a Mais», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cine Plaza – «Malucos em Espanha», às 21.30 (6 anos)
AMADORA – Lido – «A Médica do Coronel», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine Estúdio – «Rali Infernal», às 21.30 (13 anos)
CACÉM – Estúdio Flores – «Trinitá Cowboy Insolente», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS – Cine Chaby – «Só se Salvam os Valentes», às 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Pede Perdão a Deus», às 21.30 (13 anos)

SACAVÉM – S. José – «A Lenda de um Herói», às 21.30 (13 anos)
ALHANDRA – Salvador Marques – «Falcões em Duelo», às 21.30 (13 anos)
MOSCAVIDE – Stop – «Bramincan», às 21.30 (18 anos)
MAFRA – Cine-Teatro – «Rocky I», às 21.30 (18 anos)

Porto

PASSOS MANUEL – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «O Violento Mister Mean», às 21.30 (13 anos)
BEBE – «Crónica da Mais Velha Profissão do Mundo», às 21.45 (18 anos)
S. JOÃO – «Gente Vulgar», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO – «A Luta de um Homem», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Amor de Mãe», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «A Absolvição», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «Uma Criada das Boas», às 21.30 (18 anos)
COLISEU – «Os Salteadores do Templo», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA – «Os Antagonistas», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «O Meu Tio da América», às 21 30 (13 anos)
CHARLOT – «Eu Te Amo», às 21.30 (18 anos)
FOCO – «O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes», às 21.30 (18 anos)
RIVOLI – «Eu Te Amo», às 21.30 (18 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ARNALI, R. Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **TAPADA**, C. da Tapada, 83-A (T. 634721); **BELO**, Av. de Roma, 53-A (T. 776314); **PROGRESSO**, E. A-da-Maia, 64-C (T. 702226); **NEOTERÁPIA**, Campo Grande, 138-140 (T. 774682); **FINDOR**, R. D. Maria Pia, 514-516 (T. 687949); **VITALIS**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **JANEIRO**, Av. Álvares Cabral, 96-100 (T. 661453); **ANTUNES ROSAS**, P. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); **SOCIEDADE HIGILUX**, R. Pedrouços, 50-52 (T. 610280); **ESTÁCIO**, Rossio, 60-63 (T. 327667); **MIRAMAR**, R. Ernesto da Silva, 83 (T. 2112048); **GONÇALVES**, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 915662); **PONTINHA**, E. St. Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO

PINTO, R. de Campolide, 11 (T. 682610); **IDEAL**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **ALVES DE CARVALHO**, R. Vale de St. António, 7-9 (T. 840125); **TANARA**, R. Rodrigo Reinel, 3-A (T. 61181r); **INFANTE SANTO**, R. Olival, 290 (T. 661003); **MARLUZ**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SALDANHA**, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 43938); **ROMANO BAPTISTA**, R. Passos Manuel, 6-10 (T. 570593); **SÃO BENTO**, R. Poiais de S. Bento, 73 (T. 601673); **CANTO**, E. das Laranjeiras, 202-B (T. 780841); **BRITO**, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **NOVA**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **MATOS**, T. Prioras, Vivenda Morgadinho (T. 2519939).

teatros

Lisboa

BARRACA – «Jorge», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – Circo Wonderlan», às 21.30 (6 anos)
CASA DA COMÉDIA – «Seis Aparições de Lenine Sobre um Piano», às 21.45
MARIA VITÓRIA – «Não Há Nada para Ninguém», às 20 30 e 22.45 (18 anos)
MONUMENTAL – «Não Há Nada que Me Escape», às 21.30 (13 anos)
ABC – «O Escabeche», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
D. MARIA II – «Rómulo o Grande», às 21.30 (13 anos)
TEATRO DO BAIRRO ALTO – «Não Se Paga. Não Se Paga», às 21.30 (13 anos)

Porto

SEIVA TRUPE – «A Dama de Copas», às 21.45 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Há Petróleo no Beato», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA: Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019). Permanente; **Nova**, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123); **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 94 (T 2518726); **CACÉM: Guerra Rico**, entre lotes 6 e 7, Freixo Capitão (T. 2944002); **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato**, R. dos Morés, 1 (T. 2912038). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Das 9 às 23 horas; **SINTRA: Gomes da Silva**, Portela. Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 299088).

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A-r/c (T. 2441616). Até às 21 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 21 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 21 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 21 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. de Moçambique, 18-C (T. 2437196). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta das Palmeiras, lote 24-r/c (T. 2478737). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 21 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87 (T. 2471204). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**. Até às 21 horas; **S. JOÃO DO ESTORIL: S. João**, Quinta da Carreira, lote 29-A (T. 2681186). Até às 21 horas; **AMOREIRA: Amoreira** (T. 262313/267314). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Até às 21 horas; **Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Outra banda

ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565); **COVA DA PIEDADE: Atlântico**, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466); **LARANJEIRO: Almeida Araújo**, R. D. Duarte, 7-B (T. 2493224); **COSTA DA CAPARICA: Chal**, Av. General Humberto Delgado, 7-C (T. 2403218); **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **BARREIRO: Piçarra**, Av. do Bocage, 65-A (T. 2074771); **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 31-A (T. 2212923); **SEIXAL: Soromenho**, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560); **MONTIJO: Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156); **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). **SETÚBAL: Bairros**, R. Rodrigues F. da Costa, 27; **Bocageana**, R. do Romeu, 2.

LOURES: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 2531240). Até às 22 horas; **MOSCAVIDE: Pedro Gomes**. Até às 22 horas; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Permanente.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

CORREIA DE ARAÚJO, R. de Santa Catarina, 259 (T. 25644); **NOVA AVENIDA**, Av. Fernão de Magalhães, 392 (T. 52225); **PINHEIRO MANSO**, R. São João de Brito, 25-29 (T 60692); **SANTA TERESA**, P. Guilherme Gomes Fernandes, 200 (T. 315713); **SILVA PEREIRA**, R. de Costa Cabral, 293 (T. 480781); **BOA-HORA**, R. da Boa-Hora, 80 (T 28783); **TERREIRO**. R. da Reboleira, 21 (T. 23576).

DE DIA E TODA A NOITE

GONDARÉM, R. de Gondarém, 350, Foz; **ALVES**, P. do Exército Libertador, 62 (T. 60002); **BARROS**, R. do Loureiro, 104 (T. 215075); **CAMEIRA**, R. do Heroísmo, 90 (T. 52583).

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

DONAO, R. Ferreira Borges, 2-6 (T. 22603).

DL

PORTE PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.° – 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção. 320271/2/3
Mensagens gravadas 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto.
Rua do Almada, 30-2.° – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

1.34 **3,9 m** 7.15 **1,3 m**
13.52 **3,9 m** 19.33 **1,3 m**
Dia 25
2.11 **3,9 m** 7.48 **1,2 m**
14.29 **3,9 m** 20.03 **1,2 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	11°
BRAGANÇA	7°
VILA REAL	9°
PORTO	14°
P. DOURADAS	11°
COIMBRA	16°
C. CARVOEIRO	17°
PORTALEGRE	16°
LISBOA	16°
ÉVORA	15°
SINES	17°
BEJA	15
SAGRES	19°
FARO	15°
P. DELGADA	16°
FUNCHAL	20°

últimas

ARRUMOU A PISTOLA E AS ALGEMAS um subinspector da Polícia Judiciária que atingiu o limite de idade (60) ocasião aproveitada pelos colegas dos vários departamentos e postos para o homenagearem com um jantar a realizar hoje no Restaurante «Roda» na Feira Popular. Joaquim Francisco, ingressou na corporação em 1953 e ao longo da sua brilhante carreira foi por diversas vezes louvado, tendo nestes últimos anos chefiado a Brigada de Investigação de Furto de Obras de Arte onde realizou apreciável trabalho. Manteve sempre com os jornalistas. que fazem a cobertura de casos policiais, compreensíveis relações. exemplo que vai escasseando.

VINTE E DOIS ASSALTOS foram imputados a um grupo de quatro indivíduos agora detidos e enviados a Tribunal. Actuavam habitualmente nas zonas de Alvalade, Alameda Afonso Henriques e Baixa lisboeta, bem como uma outra operação em Barcelos, em estabelecimentos comerciais. Foram também identificados os receptadores que escoavam os artigos furtados, mas dos três apenas um se mantém preso a aguardar julgamento.

DOIS OPERÁRIOS FORAM ESMAGADOS por uma máquina de tear que estavam a descarregar de um vagão de mercadorias, na Estação de Trofa. A identidade das vítimas: Jorge Alexandre Teixeira da Rocha, de 26 anos, natural de Campanhã; e Joaquim Sousa Mendes, de 40, nascido em Vila Nova de Famalicão.

UM SILO DE CIMENTO, com o peso de 22 toneladas, caiu sobre um dos passeios da Rua Serpa Pinto, no Porto. O «monstro» de cimento só não esmagou quaisquer transeuntes, devido ao alarme lançado por operários que se encontravam no local.

UMA BOMBA DEFLAGROU na madrugada de hoje junto ao consulado-geral britânico em Hamburgo, numa altura em que ali se encontrava o embaixador britânico em Bona, «sir» John Taylor – anunciaram as autoridades.

O edifício do consulado sofreu estragos ligeiros e ninguém ficou ferido.

A bomba, com cerca de 10 quilogramas, estava colocada dentro de uma mala castanha e explodiu às 3 e 25 horas locais (2 e 24 horas em Lisboa).

O atentado não foi reivindicado.

DOIS AUTOMÓVEIS da embaixada soviética em Paris foram hoje de madrugada danificados pela deflagração de um engenho explosivo junto à embaixada – anunciou a Polícia.

Um telefonema anónimo para a Agência France Presse indicou que o atentado foi cometido para que se recorde o «renascimento da Ucrânia».

Maria Pia contra Casa de Bragança:

Querem-me roubar os títulos

«Conheci os quatro ditadores (sou uma mulher velha, sei o que é o mundo). De todos eles, Salazar foi o único que não se atreveu a enfrentar-me. Achou que era mais fácil propagar calúnias».

Palavras de D. Maria Pia de Saxe-Coburgo, duquesa de Bragança, princesa real de Portugal, «herdeira da Coroa e legítima pretendente ao Trono de Portugal,», proferidas no decorrer de uma conferência de Imprensa ontem realizada ao fim da tarde em Lisboa.

Quem tem direito aos bens da Casa de Bragança, «único morgado ainda em vigor em Portugal»? O continuador do ramo legítimo de D. Maria II, ou o «descendente do usurpador e segundo génito D. Miguel»?

Em torno desta questão se desenvolve há anos um pleito judicial.

Para Maria Pia de Bragança, «é inconstitucional na monarquia portuguesa eleger um rei por «aclamação», quando existem netos e bisnetos de el-rei D. Carlos, meu pai, neto ele mesmo de D. Maria II».

Foi-nos apresentado um documento autenticado, que prova a relação de sangue entre D. Carlos e a pretendente aos bens da Casa de Bragança. No entanto. Salazar, não hesitou em distribuir o património «a seu capricho».

«Agora, querem-me roubar os títulos. Escreva que não há um Governo, nem um chefe de Estado que encare o problema da Casa de Bragança».

A linha colateral do ex-Infante D. Miguel e toda a sua descendência é perpetuamente excluída da Sucessão», estabeleceu a Constituição da Monarquia Portuguesa de 1838. Maria Pia apoia-se nesta disposição para acusar os actuais executores testamentários da Casa de Bragança, Taborda Ferreira e duque de Palmela, de «passarem cada mês, desde 1968, após a morte da viúva de D. Manuel II, as rendas de muitos prédios do morgado, dinheiro essencialmente português, para a Alemanha».

«Isto não é evasão fiscal? Pergunta. Pus um processo no tempo do dr. Mário Soares. Agora, respondem-me: não, minha senhora, tiramos-lhe os nomes, não tem que receber nada!...»

Em 1925, os rendimentos da Casa de Bragança rondavam as 350 mil libras esterlinas por ano, o que dá uma ideia da dimensão dos bens em causa, hoje em dia.

Mas, para Maria Pia, a defesa dos seus direitos não é apenas uma questão de dinheiro. «Eu não vou consentir que se use a Coroa como um brinquedo no jogo partidário. Defendo os meus direitos é certo mas sempre pensei que a República era irreversível em Portugal».

Concluiu:

«Os que rodeiam D. Duarte Nuno são uns sem-vergonha muito grandes. E não lhe digo o que eles fazem, ou teria que andar sempre de guarda-costas».

Comissão mista luso-francesa reunida desde hoje

Secretários de Estado dos dois países debatem questões da emigração

A comissão mista luso-francesa iniciou hoje de manhã os seus trabalhos no Ministério dos Negócios Estrangeiros, com intervenções sobre as grandes linhas das políticas de emigração de cada um dos países, a cargo dos secretários de Estado da Emigração de Portugal e da França, respectivamente José Vitorino e François Autan.

Os trabalhos da comissão prolongar-seão até sexta-feira, devendo ser debatidas questões relativas ao ensino, cultura, informação, reagrupamento familiar, direitos sociais, assistência médica e formação profissional.

O programa da visita daquele político francês prevê nomeadamente um encontro com o secretário de Estado do Ensino Superior ao começo da tarde de hoje, seguindo-se um jantar oferecido por François Autan ao seu colega português, na embaixada de França.

No dia 25, Autan avistar-se-á com o secretário de Estado do Emprego, finalizando a visita com uma conferência de Imprensa conjunta dos dois secretários de Estado.

Governo português marginaliza representantes do Conselho das Comunidades

«O Conselho das Comunidades Portuguesas em França tem sido e continua mais uma vez a ser marginalizado pelo Governo em todos os assuntos de importância vital para a comunidade portuguesa», consideram os três elementos daquele organismo presentes em Lisboa para seguir os trabalhos da Comissão Mista Luso-Francesa, que se prolongam até ao próximo dia 27 deste mês.

«Os três conselheiros, na qualidade de emigrantes e legítimos defensores dos mesmos, informam que ao CCPF não têm sido dados os meios necessários ao seu funcionamento», acrescentam.

Acusam ainda o Governo português de não ter contactado «com a antecedência que se impunha o CCPF», vincando o carácter de secretismo que tem rodeado as negociações.

Por estas razões, «protestam pela maneira como o sr. eng. José Vitorino, secretário de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas, continua a desacreditar o Conselho das Comunidades, não lhe dando o apoio que necessita, e pelo atropelo que tem feito às recomendações gerais do Primeiro Conselho das Comunidades, colocando-o agora numa Comissão Técnica em que os seus três membros são apenas três figurantes postos numa sala de espera, aguardando apenas que o Governo decida o que a nós também diz respeito.

Timor continua em questão

A FRETILIN espera que Portugal dirija uma campanha internacional contra a Indonésia e que consiga reunir um consenso nacional sobre a questão de Timor-Leste, foi hoje afirmado no Maputo por Mari Alkatiri.

É desejável um consenso a nível dos diversos órgãos de soberania e no dia 27 a Frente indicará no Maputo, numa conferência de Imprensa, a sua opinião sobre qual deverá ser o papel português na resolução do caso de Timor-Leste – afirmou Mari Alkatiri, responsável pelos Assuntos Externos no Governo proclamado pelos combatentes mauberes.

Antes da conferência, porém, Alkatiri tenciona solicitar audiência ao Presidente Ramalho Eanes e ao ministro André Gonçalves Pereira, para lhes apresentar em primeira mão o plano da FRETILIN.

Interrogado acerca de algumas ideias básicas de um tal plano, o ministro timorense dos Negócios Estrangeiros declarou que preconiza o apoio internacional a uma iniciativa que Portugal já começou a tomar e que visa isolar internacionalmente a Indonésia e obrigá-la a retirar-se do território ocupado.

Mari Alkatiri disse não acreditar que «os Estados Unidos sejam fanaticamente contrários à independência de Timor-Leste»

PCP do Porto alerta contra "manif. unitária" no 25 de Novembro

A direcção regional do Porto do PCP tornou pública uma nota alertando contra o anúncio de uma «manifestação unitária» convocada para amanhã naquela cidade, «à revelia de quaisquer órgãos representativos dos sindicatos, comissões de trabalhadores ou outras organizações do movimento operário e popular do Porto».

A nota considera «pouco claros» os objectivos desta «manobra política levada a cabo pela UDP» e lembra a grande manifestação prevista para 12 de Dezembro organizada pelo movimento sindical unitário e outras acções laborais em perspectiva contra a política da AD.

Finalmente a DORP do PCP «alerta os trabalhadores e os democratas do Porto para os perigos da provocação política em torno do próximo 25 de Novembro, em que aparecem empenhados conhecidos sectores de direita e do Governo da AD».

GITUS

ESPECIAL FIM DE ANO 1981 / 82

NOITE S. SILVESTRE NA HUNGRIA
DE 26 DEZ. A 4 JAN.

Tudo (incluindo um espectacular reveillon) - 35 640 esc. p/pessoa

ALGARVE - PASSAGEM DE ANO
De 30/12 a 3/1 com alojamento e p/almoço - Desde 1760. esc.

Suplemento p/reveillon - 2000. esc.

CONSULTE-NOS:
GITUS GRUPO INTERSINDICAL DE TURISMO SOCIAL
Av da Liberdade, 73-3°-Dt° 1200 Lisboa • Tel: 32 00 70-32 05 56-36 43 03

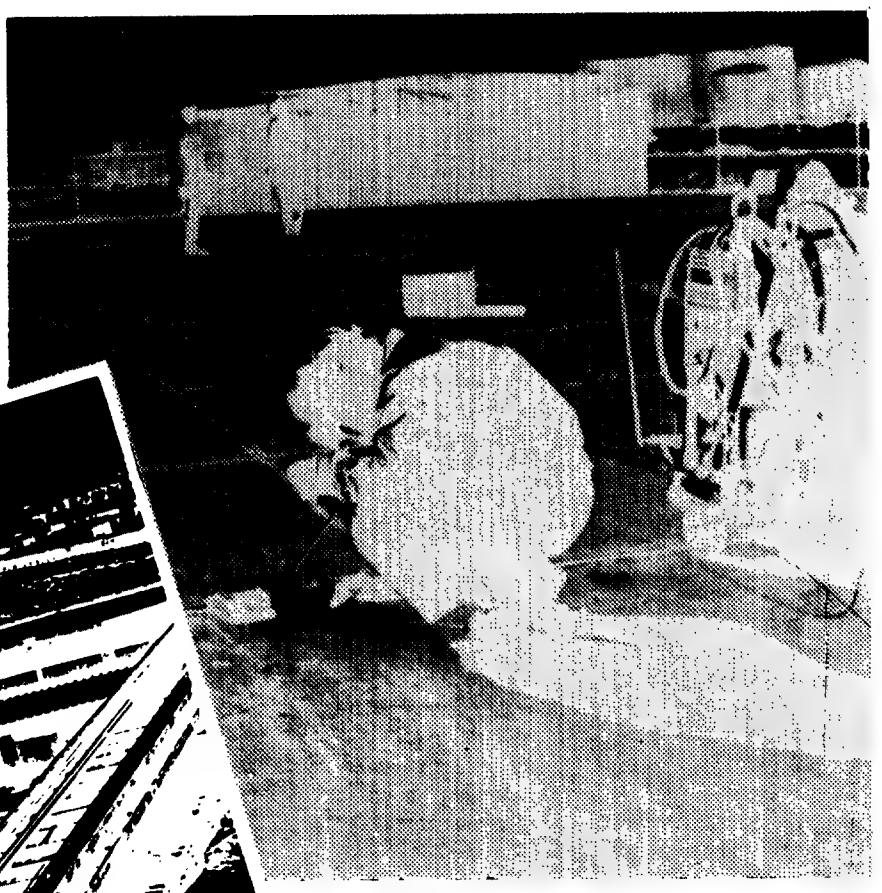
ANGOLA
Estamos juntos?

A revolução angolana está a atravessar os seus primeiros anos como as suas primeiras sementeiras atravessaram a seca, a falta de adubos, a falta de agrónomos nos campos.

Escarnecendo embora do modo como ela foi resolvendo os seus problemas, os seus opositores do interior e do exterior encontram-se hoje perante um Estado consolidado e de um poder que, apesar das suas eventuais fraquezas, sabe exactamente para onde quer ir, mesmo se por vezes interrompe a caminhada para discutir se vale a pena abrir uma estrada ou se é preferível aproveitar a antiga picada.

«Estamos juntos?» Talvez. Tudo depende de saber se o Estado português, e sobretudo o seu Governo, está à altura de se erguer como interlocutor válido perante o jovem gigante africano, ou se só consegue situar-se no campo da relação ou da ausência de relação entre partidos.

(Textos de João Mendes)



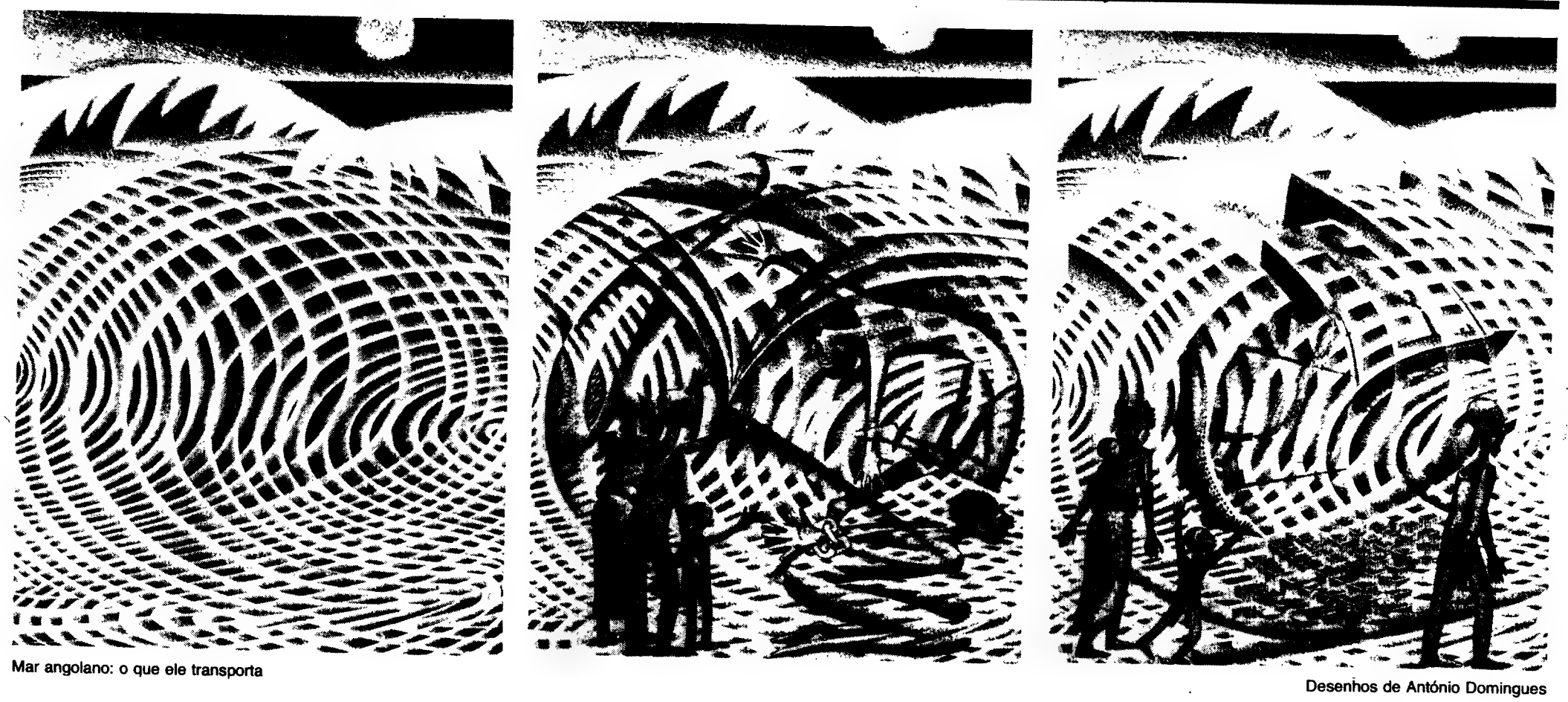
INSTITUTO DE SOLDADURA

O Instituto de Soldadura é uma instituição privada sem fins lucrativos criada em 1965 para o Progresso da Tecnologia da Soldadura. O acompanhamento de grandes projectos industriais e a obtenção de conhecimentos através de ligações internacionais, proporcionaram ao Instituto de Soldadura, alargar as suas actividades aos campos do CONTROLE DE QUALIDADE, ASSISTÊNCIA TÉCNICA, FORMAÇÃO E INVESTIGAÇÃO. No seu quadro técnico figuram 50 Engenheiros dos quais 12 pós-graduados em Universidades e Institutos estrangeiros, nos vários campos técnicos relacionados com a Indústria Metalo-Mecânica.

A Indústria pode contar com o total apoio do Instituto de Soldadura, nos seus esforços de evolução tecnológica e de promoção de qualidade.

INSTITUTO DE SOLDADURA Rua Tomás de Figueiredo, 16-A - 1500 LISBOA - Telef. 70 75 82 - 70 57 85 - 70 37 88

Estamos juntos?



Mar angolano: o que ele transporta

Desenhos de António Domingues

Quando os ananazes crescem demais

Na ananaseira do Bungo: uma empresa mal nascida anima a região, alfabetiza e põe em prática princípios de hierarquia na comunidade

Cumpridas as formalidades — autorização do Partido, carta para o comissário municipal local, carta para o director da empresa — partimos com destino ao Dondo, no Quanza Norte, 180 quilómetros abaixo de Luanda. O nosso objectivo é conhecer uma plantação de ananases, a do Bungo, que desde Julho passado é gerida apenas por angolanos, na sequência de uma má experiência com cooperantes italianos. Em princípio, são 1500 hectares «criados a partir do nada» e destinados a alimentar uma fábrica próxima que produz sumos, conservas e álcoois a partir do fruto.

Em Lisboa tinham-me falado do Bungo como «uma interessante experiência com italianos». Afinal, a experiência faliu, e no Ministério da Agricultura, em Luanda, traçaram-me um perfil realista da situação:

«A empresa projectada fracassou por falta de mecanização, de apoio nosso, de movimentação adequada de meios... Não podemos culpar só os italianos. Tivemos, de alterar os objectivos de produção, e ao entusiasmo inicial sucedeu mesmo uma espécie de descrédito do projecto. Mas não se admire de ir encontrar lá sangue ao rubro pelo ananás...».

Somos outra vez três no Land Rover: o motorista, a minha guia, que desta vez é Efigénia, uma farta angolana de 42 anos com muita família, e eu. Saímos da capital por Viana, um subúrbio industrial cheio de novas casas térreas construídas para habitação por regressados do Zaire.

Antes, atravessamos o bairro operário, conjunto de prédios do fim da época colonial, vizinho do que resta do antigo muceque Buritin, onde Efigénia deixa dois filhos, e que dantes dominava toda a zona. Ela trouxe uma cafeteira de água com gelo, que vamos bebendo enquando saímos da cidade para lutarmos contra os 30 graus com 70 ou mais por cento de humidade.

O embondeiro, «essa árvore fofa», de cuja madeira nada se faz, domina a paisagem mal ela deixa de ser urbana. É um mastodonte vegetal com ar de palhaço pobre, cujo tronco pode medir na base quatro ou mais metros de diâmetro e que partilha a mata com a pitela, a mangueira e a mulembeira, e uma ou outra árvore de pau-ferro, com as copas inteiramente floridas a vermelhão. Passada Catete e as suas novas sementeiras de algodão, aparecem-nos os primeiros «pequenos especuladores», que vêm à estrada vender tomate.

Ao longo de todo o caminho, pelas bermas e as ribanceiras, carcassas de veículos que por ali foram morrendo, desde o recentíssimo Peugeot da Polícia até à camioneta destruída na segunda guerra de libertação e ao autocarro de passageiros despistado ou incendiado. Alguns deles enferrujaram integralmente depois de uma avaria irreparável. Parecem carros afundados em águas fundas.

Maria Teresa, zona de macaco: entrevemos um saltando entre duas árvores. Uma cobra prateada ficou para trás sob o rodado do jeep. Muitos ninhos de celestes e de pica-pau no arvoredo. Milhares de múcuas (fruto do embondeiro) pendentes como enforcados dos ramos altos. São como sacos de café oblongos, impecavelmente pendurados de lianas que podem ter mais de um metro.

Cassoalala. Descemos para comprar fruta a uma dezena de mulheres de todas as idades e várias dezenas de crianças que exibem um longo estendal de bagre seco e fumado, de cheiro intensíssimo, além de tomate, cebola, banana, beringela e... mangas. O motorista compra 1000 kwanzas de mangas (35 frutos), a 100 cada montinho de três ou quatro. «Daqui a menos de um mês, comenta Efigénia, o montinho chegará a não custar mais de 10 kwanzas». Mas como a moeda «não tem valor...» Ela trouxe aliás um pacote de cigarros para a troca, caso os agricultores não quisessem dinheiro.

Junto à ponte sobre o Lucala: um soberbo palmar geométrico, limoeiro, laranjeira. E pouco depois, passado o Mucozo, são já as harmoniosas colinas do Dondo, avermelhadas e redondas. Estamos diante do grande Quanza, cheio de caprichos e generoso ou cruel, conforme as estações.

O comissário municipal está ausente porque foi acompanhar um ministro cubano às culturas do Mucozo. A sua negríssima mulher, de lenço e túnica vermelhas, dá-nos pouca atenção e olha-me com desdém. Um FAPLA que ela trata como ordenança acompanha-nos a casa do director dos ananases do Bungo. Ele está na plantação, que fica longe. Bebemos abundantes Ekas e água castanha, argilosa, porque não há outra. Efigénia encontra o camarada Ferreira, de Malanje, um angolano que se formou em agronomia em Londres e que agora se sente desterrado no Dondo.

Já não se viam desde o «maquis», têm a mesma idade e viveram as mesmas vidas. Bebemos muitas Ekas mais. Ferreira conduzir-nos-à aos ananases, guiando o seu jeep à nossa frente.

Saímos do alcatrão e entramos pela picada de 40 quilómetros que nos separa da plantação. Os dois jeeps devoram-na saltando a cinco metros um do outro, a 60

Continua na pág. 4

PUB

ORVEG

exportação e importação, Id.ª

Representante exclusivo da

STANKOIMPORT MOSKVA · SSSR

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 69-2.º Dt. 1100 LISBOA
Tel. 53 53 35 – Telex 13736 ORVEG P

Representante exclusivo para os motores marítimos e motores «out-board», da

V/O SUDOIMPORT

Temos para entrega imediata – stocks de armazéns:

TORNOS, TORNOS COMBINADOS MULTI-OPERACIONAIS (de fresar rectificar furar escatelar, tornear), FRESADORAS; RECTIFICADORAS CILÍNDRICAS, RECTIFICADORAS SEM CENTROS (centerless), ENGENHOS DE FURAR.

Motores marítimos de 25 HP, 90 HP 300 HP, e motores fora de borda de 8 HP e 12 HP

Assistência tecnica apos-venda **DURMETAL – COLDWELDING**

Representantes e vendedores para Portugal do SYSTEM solda a frio por reacção molecular

Representantes e vendedores para Portugal de estações de tratamento de aguas **COMPACT WATER TREATMENT – UNIT**

Estamos juntos?

Continuação da pág 3

quilómetros à hora. No nosso jeep tudo pula e dança: os corpos, a cafeteira de Efigénia, as mangas e as Ekas, os maços de cigarros. A nossa passagem levanta uma imensa nuvem de poeira. O motorista, sem nunca reduzir a velocidade, ri como se estivesse no castelo fantasma.

Subitamente, três quartos de hora depois, a picada aplana e alarga-se: dois ODPs armados levantam para nós uma improvisada passagem de nível, a nuvem de poeira desvanece-se e entramos, devagar, numa formosa planície levemente em declive e quase totalmente cercada de montanhas — as alturas de Lemba, Kitala, Camongue e Sala. É a ananaseira do Bungo que está diante de nós.

Estacionamos diante de um longo bungalow prefabricado onde o director, camarada Domingos, nos recebe. É um homem que mal deve ter ultrapassado os 40 anos, como grande número de quadros do MPLA vindos da «primeira hora», formado em agronomia nos EUA e quê, sem dúvida por essa razão, fala português com sotaque britânico, rolando mal os «rr».

Demoradamente, como quem recebe raramente visitas, narra-nos a sua odisseia, e desde as primeiras palavras reconheço o «sangue ao rubro pelo ananás» que me tinham anunciado no ministério:

Em 1978 foi encarregado de vir para ali com cooperantes italianos da Cisic, uma empresa especializada, com o objectivo de criar, a partir do nada, uma plantação-piloto de que nascesse a Empresa Estatal do Ananás do Bungo. A plantação deveria passar a fornecer matéria-prima à fábrica Vinel, também uma UEE (Unidade Económica Estatal), no Dondo, que produz sumos, enlata rodelas, faz vinho «Bavi» e outras bebidas fermentadas, tudo a partir do ananás.

Quase um ano depois, apesar das grandes dificuldades por falta de meios humanos e de maquinaria apropriada, a equipa tinha-se alargado, mão-de-obra tinha começado a ser contratada nos kimbos e aldeias vizinhas, o mato e arvoredo tinham sido derrubados em 1200 hectares de planície.

Começavam a surgir as primeiras instalações para trabalhadores e cooperantes, montava-se aquele bungalow (previsto para durar dois anos, com nove habitações servidas de água corrente e ar condicionado) e chegavam, com muito atraso, os primeiros camiões e instrumentos de trabalho. O então ministro da agricultura, Pacavira, hoje secretário do CC do partido para a Produção, veio plantar o primeiro ananás e nasceu a empresa. Mandaram-se vir os primeiros rebentos de Kibala, onde há uma cultura tradicional. Kibala fica perto a voo de pássaro, mas por estrada são 180 quilómetros. Os camiões avariavam, as encomendas demoravam a ser carregadas, e cada trajecto chegava a durar dois, três dias.

Pau-a-pique

O primeiro escritório do director foi uma cubata de colmo montada sobre pau-a-pique, e as primeiras escolas para alfabetização dos trabalhadores e dos seus filhos foram as sombras das duas maiores árvores do campo. Ainda lá estão, como a cubata, com a sua mesa rudimentar e o banco de madeira.

Nem os trabalhadores nem os quadros angolanos tinham experiência de ananás, e a história da falência da cooperação com a Cisic é feita de inadaptação a condições de trabalho equivalentes às do «maquis», de lentidões desesperantes no fornecimento dos meios de produção, do arrastamento da «arrancada» nos primeiros tempos.

Finalmente, os angolanos ficaram sós no Bungo, mas entretanto o trabalho dera frutos e a empresa tinha pés para andar.

Visitámo-la detalhadamente. É composta de três unidades: a planície ananaseira, com 375 trabalhadores, uma unidade de culturas diversificadas na Baixa do Quanza, com 100 trabalhadores, e outra de pecuária, a Cunhangue Yapep, com 24.

Para dar cumprimento ao Plano que a criou, devia dispor de 1500 hectares. Já dispõe de 1.200, 900 dos quais preparados para plantação. De momento tem 175 hectares plantados, 70 dos quais em produção. Plantaram mais de 8 milhões de plantas... Ao ouvirmos o «retrato pelos números» é impossível não recordar o entusiasmo com que, no Alentejo, os homens das UCPs descrevem geralmente a passagem do regime de coutada ou de mato ao regime de produção.

A natureza é uma «boa mãe», no Bungo como em muitos outros pontos de Angola: um ananás demora normalmente de 18 a 22 meses a produzir, desde que é plantado, mas aqui demora apenas 14. A empresa deveria fornecer à Vinel frutos de 1,5 quilos, mas entrega-lhos com 3 ou 5, porque eles «crescem assim».

Descemos a planície a pé por entre os ananases, em direcção ao braço (um dos sete) do Quanza, que corre ao fundo. Os progressos foram de facto rapidíssimos: a empresa passou a fabricar os seus viveiros, irrigou apenas com duas Typhon e sem motobombas o que devia ter irrigado com 6 Typhon e 8 motobombas (e isto durante anos de seca, porque só há pouco começou a chover), obteve bons resultados com a indução floral à base de carburo de cálcio e especializou-se nos tipos Cayenne Lisse e Smoth Cayenne, de muito boa qualidade. A Vinel compra-lhos a 13 kwanzas o quilo. Em Luanda, um ananás de três quilos pode custar mais de 500!

Boa parte da zona de produção está pronta para as colheitas de Dezembro, que serão como sempre feitas à mão nua (e ao pé descalço) porque o Estado ainda não forneceu, até agora, as indispensáveis luvas e botas de borracha. O ananás é uma planta agreste, que se protege com espinhos como o sisal.

Além do ananás

Mais abaixo, depois da zona de ananás, a empresa entregou terras de autoconsumo aos trabalhadores: atravessamos sobretudo lavras de trigo e milho e pequenas hortas onde, a esta hora da tarde, os operários do Bungo trabalham por conta própria, com apoio técnico do Estado empregador.

A seguir fica a aldeia, de mais de 600 pessoas, feita em colmo e pau-a-pique.

Estão-lhe agora a crescer dentro as primeiras casas de cimento. E para lá das cubatas, mais em baixo, dorme o rio, onde uma pequena multidão de mulheres e crianças se está lavando. São todas do Sul, só falam umbundo e o seu conhecimento do português é estritamente passivo, quando existe. Efigénia esboça uma saudação em nome do grupo visitante.

Regressamos ao topo da instalação quando as montanhas circundantes já enegreceram e a planície está rubra ao pôr-do-sol. Em torno do bungalow prefabricado foi construída uma escola com três salas (as carteiras também são feitas aqui), um centro de saúde, um armazém e está em acabamento um refeitório para 350 pessoas.

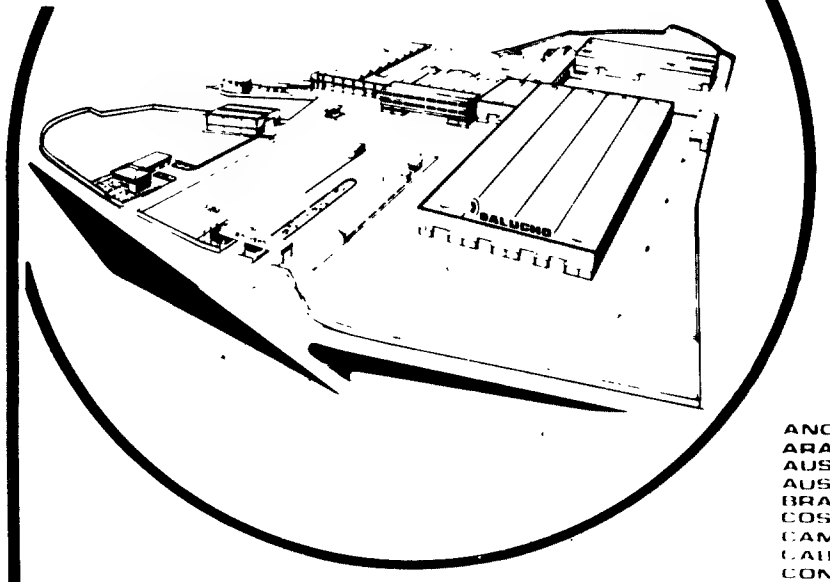
Durante o dia de trabalho, (das 7 às 13 e 30, sem interrupção), a escola é das 345 crianças «da empresa». às 14 começa a alfabetização — obrigatória — dos adultos.

Quando, a meio da tarde, os adultos partem para as suas

Continua na pág. 5

GALUCHO

FÁBRICA DE ALFAIAS AGRÍCOLAS, REBOQUES, SEMI-REBOQUES, BASCULANTES E CARROÇARIAS PARA CAMIÕES



AO LONGO DE 60 ANOS A GALUCHO TEM VINDO A DIMENSIONAR-SE, SENDO HOJE UMA EMPRESA A NÍVEL MUNDIAL, COBRINDO A MAIORIA DO MERCADO NACIONAL E EXPORTANDO PARA OS CINCO CONTINENTES TENDO SIDO GALARDOADA COM OS PRÉMIOS:

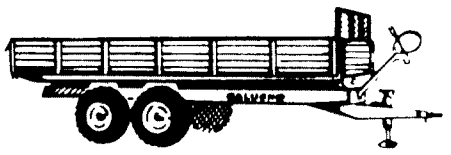
EXPORTAMOS PARA:

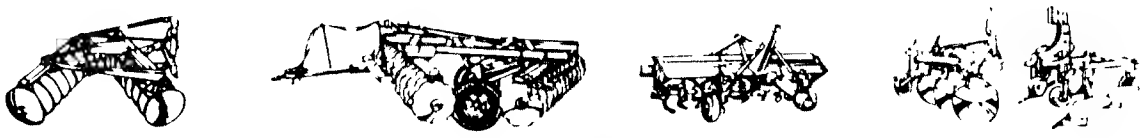
ANGOLA
ARABIA SAUDITA
AUSTRALIA
AUSTRIA
BRASIL
COSTA DO MARFIM
CAMAROES
CABO VERDE
CONGO
ESPANHA
FRANÇA
GHANA
GUINE BISSAU
GUINE CONAKRY
GUINE EQUATORIAL
HONDURAS
INDONESIA
JAMAICA
JORDANIA
KENYA
MARROCOS
MEXICO
MOÇAMBIQUE
NIGÉRIA
S TOME E PRINCIPE
SENEGAL
SUDAO
TUNISIA
VIETNAME
ZAIRE

«CARAVELA PORTUGUESA 79»
«TROFEO INTERNACIONAL A LA CALIDAD-1980»
«TROFEO INTERNACIONAL A LA EXPORTACION 1981»
«PHOENICIA 1981»

E VENCEDORA DOS PRÉMIOS:

«EPA 80» REGIONAL DE LISBOA E NACIONAL





JOSE FRANCISCO JUSTINO (HERD.), LDA.

APARTADO 3 S JOAO DAS LAMPAS 2711 SINTRA CODEX PORTUGAL
TELEFS 248 01 85 6 7 8 9 END TELEG GALUCHO - TELEX 13858 GALUXO P

Estamos juntos?

Continuação da pág. 4

hortas e lavras, a escola passa a ser de quadros rurais, até à noite.

O «centro de saúde», com farmácia própria e dois enfermeiros permanentes, assiste também as aldeias da região.

Quanto ao refeitório, encontramos nele algo que ainda não tínhamos cruzado na Angola independente, mas que não deixa de ser um pormenor significativo em matéria de hierarquização da produção e dos modelos de vida, mesmo no «grande interior»:

O edifício contém uma grande sala com mesas e bancos de cimento que nascem do chão e com ele fazem corpo, «para evitar roubos e actos de vandalismo» — explica o director. Mas a copa, que fica ao lado, serve uma outra sala, mais pequena, destinada aos quadros e seus convidados. «Aqui, explica limpidamente o director, poderemos estar e conversar sem que os trabalhadores nos vejam e nos oiçam».

Fez-se tarde e vamos partir já noite. Ainda entrevemos, num gabinete do prefabricado, o organigrama da empresa, em que um Conselho Político, um Conselho Disciplinar e um Conselheiro

Continua na pág. 11

"Como vê não paralisámos"

A Cimangol produz a 20% dos seus índices de 1973, mas conta expandir-se em breve apesar das dificuldades actuais

A Cimangol, primeira cimenteira angolana, antiga Cimianto, é um exemplo das dificuldades do arranque da produção na indústria pesada. Trabalha a 20 % dos índices atingidos em 1973, não consegue cumprir os seus planos mas mantém-se em actividade, embora dependendo totalmente de importações dinamarquesas para a manutenção do seu equipamento, que tem vinte anos. A construção civil, que ainda não deu o «salto» que se espera em Angola, precisará de muito mais cimento do que o produzido por ela e pela Encime, do Lobito, quando, por sua vez, «arrancar».

A visita à fábrica foi muito cuidadosamente preparada: encontro, na véspera, com o director-geral João Henriques (Cabelo Branco, como é conhecido), membro do Comité Central do MPLA, no seu gabinete da marginal 4 de Fevereiro. Exige-nos que estejamos na fábrica, 12 quilómetros a norte de Luanda, às 9 em ponto da manhã seguinte.

Lá estamos como combinado e somos recebidos, o meu guia e eu, pelo director fabril adjunto, um jovem angolano que aparenta não ter ainda 30 anos. Manuel Pacavira Júnior.

Breve conversa sobre o perfil da empresa: constituída em 1977, é uma empresa mista angolana-dinamarquesa. Angola nacionalizou a antiga parte portuguesa e ficou assim com 57 % do capital.

Produz sobretudo Portland por via húmida. As pedreiras de areia, argila e calcário estão ao lado, diante do mar. O gesso, vão buscá-lo a 80 quilómetros de distância.

O director fabril e alguns técnicos são dinamarqueses, mas a Cimangol é uma das fábricas onde a «bazação» dos portugueses foi total em 1978: partiram todos. Desde essa data, a empresa fez um esforço enorme para formar os seus próprios quadros, e actualmente já há angolanos com cursos profissionais médios, e até engenheiros, a trabalhar em todos os sectores, desde a direcção técnica à manutenção, aos laboratórios, etc. Emprega 600 operários que trabalham em três turnos consecutivos de oito horas e tem enfrentado, quer por causa do porto de Luanda quer por outras deficiências na importação de acessórios, graves problemas de produção, embora sem paralisar.

O plano de produção, porém, não é cumprido. Até Setembro passado, a fábrica deveria ter produzido, desde o princípio do ano, 245 000 toneladas de clinquer e 237 000 de cimento. Só produziu 63 a 69 % desses valores, respectivamente.

Pergunto ao jovem director-adjunto como se articulam a direcção fabril, o partido e a UNTA na vida da fábrica. Pergunto-lhe igualmente se é verdade que a direcção fabril tem encontrado dificuldades na execução dos planos de produção devido à eventual sobreposição de cargos de decisão envolvendo a gestão, o partido e a estrutura sindical. Pergunto-lhe, finalmente, se há acumulação de tarefas políticas e de gestão por falta de quadros, e se esse facto não acarreta como consequência a obrigação de prestar contas a duas entidades diferentes, o partido e o ministério de tutela.

Ele responde-me como um manual: que «não há contradições antagónicas entre essas estruturas, que antes agem de mãos dadas para cumprirem os seus objectivos comuns». Concede que há acumulação de funções de gestão e de partido, mas sublinha que não existe inconveniente nesse facto porque a direcção da empresa liga as estruturas sindical e partidária, que reunem periodicamente.

Visitámos a fábrica: 4 moinhos de cimento, 4 moinhos de pasta, três fornos. Um dos fornos está parado, outro está em reparação (o seu túnel de 150 metros está a ser revestido de novos tijolos refractários importados da Dinamarca) e o terceiro está a funcionar normalmente. Espreitámos para o seu «inferno» através das aberturas: um operário sorri, orgulhoso, para nós.

Os novos aparelhos electrónicos que testam a qualidade dos produtos da fábrica não funcionam, mas foi possível manter os anteriores em funcionamento, e o laboratório também.

No fim da visita, diante das pedreiras e do mar, o director-adjunto recorda certo gerador que foi integralmente reparado por angolanos, quando avariou, e faz questão em acrescentar, à guisa de despedida: «Vê? Estamos a trabalhar, não paralisámos».

Sinto-me um pouco Tintim no País dos Sovietes e esboço um protesto: «Eu não duvidava de que estivessem a trabalhar...»

Apesar das suas dificuldades, a Cimangol projecta expandir-se, montando uma quarta linha de produção e construindo uma ponte-cais junto das pedreiras, para fazer sair o seu clinquer e o seu Portland para o mar. Esse projecto mostra que Angola não está «esmagada» pelos graves problemas deste período — diz-me o meu guia. Estamos, evidentemente, de acordo.

Estamos juntos?

Apontamentos sem calma

No Museu das Faplas, o passado parece «ready to use»

Estou sentado diante da maré baixa da baía de Luanda, no terraço do hotel da ilha, que por vezes é uma prisão doirada por causa da falta de transportes. É muito cedo na manhã e a dança das lâminas de água nácar, verde esmeralda, rosa, quase me cega tanto mais que eu fixo o meu olhar nas dezenas de clandestinos que apanham à mão a mabanga ou quitela, um grande bivalve que se vende para aperitivo no mercado negro. De pé ou curvados parecem cristos andando sobre um Tiberíades austral. Na maré cheia pescam de piroga e de vez em quando morre um: há fundões perigosos na baía, muito lodo, e eles raramente sabem nadar. Uma pequena vedeta encalhada que para ali ficou a apodrecer vigia-os de longe como um mau presságio, com a proa apontada para o céu.

Do outro lado da ilha, no mar aberto, a cem metros da costa, apareceram as barbatanas dorsais de três tubarões. Uma dezena de curiosos comenta a aparição, que não é frequente ali, e há quem sugira tratar-se de golfinhos. Finalmente todos estão de acordo, são esqualos. Oiço a história bárbara de um nadador devorado cujos restos irreconhecíveis, deram à costa dois dias depois.

Passam machibombos incrivelmente apinhados, em direcção à cidade. Eu continuo à espera que o «meu» jeep me venha buscar. Só de tarde haverá cigarros e eu fumo beatas recolhidas nos cinzeiros do hall sob o olhar reprovador dos camaradas da recepção.

Farto-me de esperar e, correndo o risco de provocar um desencontro, parto a pé em direcção à ponta da ilha. Logo a duzentos metros, junto de um grupo de pescadores artesanais, mulheres decapitam e esventram na praia enormes peixes que me parecem garoupas e corvinas. Uma barraca de artesanato acaba de abrir a sua porta. Entro para saber o preço de pequenos objectos de marfim e de colares em missanga. São caríssimos. O proprietário avisa-me de que nada daquilo poderá sair do país sem o selo do Partido, «a não ser que o camarada faça patifaria na fronteira».

Volto ao hotel e confirmo que o «jeep» ainda não chegou. O céu toldou-se entretanto e Luanda mudou de cor, acinzentou-se. Ontem ao jantar, um diplomata europeu que se sentou à minha mesa admirava as luzes da capital e dizia-me, irónico:

— Vê? Têm ali uma cidade belíssima e não sabem o que fazer com ela.

Esta nostalgia da Luanda colonial é comum a muitos brancos que aqui se vêem de passagem: a cidade teria, em números redondos, pouco mais de meio milhão de habitantes, metade dos quais europeus, no fim da dominação colonialista. Estes «bazaram» praticamente todos mas, apesar de falta de novas habitações (salvo as «selvagens», que multiplicam os musseques), em Luanda vive hoje um milhão de pessoas, o que agravou os seus problemas. Como se diz aqui, Luanda come depressa mas passa metade do dia preocupada com o que vai comer.

A antiga cidade colonial ainda mantém a sua máscara, em «trompe l'oeil»: os néons e anúncios de antigas firmas decoram inutilmente fachadas e telhados, mas no «Cantinho da Mala» ou na «Ourivesaria Fulano» há agora quaisquer serviços públicos ou nada. Apagou-se o «spleen» da metrópole colonial, e é necessário aprender a distinguir o que, nela, designa alguma coisa ou apenas espera por mão-de-obra disponível para levar até aos símbolos gráficos a abolição da velha dependência.

Uma guerra antiquíssima

Quem espera desespera: faço saltar os compromissos desta manhã e marcho para a cidade. Aproveitarei para visitar, na antiga fortaleza de Loanda, o novo Museu Central das Forças Armadas. Nos paredões que sustêm o seu morro, à entrada da cidade, António Domingues, o cooperante quase português, quase angolano, pintará ainda e normes murais mas actualmente debate-se com a escolha de tintas: quais suportarão uma atmosfera em que a humidade chega a atingir os noventa por cento?

Recomeçou a chover e subo as imensas escadarias que trepam um flanco do morro sob uma bátega morna e muito intensa. Chego ensopado diante do Fapla sorridente que monta guarda à entrada. Ali estao as árvores de pau-ferro com as suas copas floridas de vermelho, a ilha, a baixa da cidade, a

Desenho de An

O NOSSO OBJECTIVO É A COOPERAÇÃO...

SOMOS FABRICANTES DE COMPONENTES PARA CALÇADO DOS QUAIS DESTACAMOS:

- **TELAS (PARA TESTEIRAS E CONTRAFORTES)**
- **CORTANTES (PARA UTILIZAÇÃO EM PRENSAS DE CORTE)**
- **SOLAS DE MADEIRA OU CORTIÇA**
- **SOLAS PREFABRICADAS EM MATERIAIS SINTÉTICOS**

A VOSSA CONSULTA DEMONSTRA A AMIZADE QUE AUGURAMOS SEJA CADA VEZ MAIOR.

SEDAICA, LD.ª

RUA DO CAVACO 96 — VERMOIM — 4470 MAIA — TELEX 24251

PORTUGAL

W&R

Presentes Construindo

A NOSSA EMPRESA ESTÁ DANDO APOIO TÉCNICO À "CONSTROI", UNIDADE ECONÓMICA ESTATAL, POSSUINDO A RESPONSABILIDADE TÉCNICA, ENTRE OUTRAS, DA CONSTRUÇÃO DE:

— CIDADELA DESPORTIVA DE LUANDA (TORRES E ESTÁDIO)
— CASA DO DESPORTISTA
— ESTALEIROS CENTRAIS
— EMBAIXADA DA URSS

EMPREITADA DA BASE DE TRANSPORTES DA SONANGOL — LUANDA.

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES **SOARES DA COSTA** SARL

António Domingues

es floresta do porto, e do outro
as lado o paraíso do Mussulo, a
o, costa incerta que vai des-
a cendo até à belíssima barra
do Quanza, onde quase não
há jacaré «porque o tubarão
não deixa».

Fora do muro da fortaleza e no seu primeiro pátio interior, o espectáculo inaudito dos grandes bronzes colonialistas que foram apeados dos seus pedestais pela independência e pela revolução. Um deles, mitificado descobridor que ergue um braço para qualquer ex-horizonte português, está virado contra a parede com um garoto mal comportodado numa velha escolha primária. Outros (Vasco da Gama, Camões, Afonso Henriques), cada um deles medindo mais de dois metros de altura e pesando toneladas, foram alinhados no descampado interior como bonecos de um museu de cera que tivessem feito a sua época e já não prestassem para exposição. Na realidade, essas figuras estão ali por terem sido transformados em símbolos de poder da potência colonial, derrotada e expulsa.

Entro nas primeiras salas: são uma amálgama de objectos que vão desde a enxó de pedra e das zagaias Kwanhama até às Luger 9 mm e aos ninhos de rockets de fabrico EUA que os «tugas» usaram em Angola, passando pelos despojos da sepultura de Paulo Dia de Novais, fundador da capital.

Mas sobretudo, para além das adagas Tchokwe e dos machados N'Ganguel, para além das espadas portuguesas e das pistolas metralhadoras Stenko e UZI, emerge de tudo aquilo um céu de história angolana, essa que os portugueses nunca conheceram:

As primeiras lutas contra o poder colonial datam de 1575, com a resistência de N'gola Kiluange. A rainha N'Zinga, ou Jinga, morta em 1663, e que sucedeu a Mabandi, herdou e assumiu a guerra contra os portugueses durante 26 anos... Para constituir o seu exército, que chegou a ser numeroso e muito temido, concedia asilo a todos os escravos fugidos das zonas sob controlo colonial e persuadia os empacasseiros, soldados angolanos recrutados à força e treinados pelos portugueses, a juntarem-se a si, prometendo-lhes terras e recompensas...

Em 1590 tinha-se formado a primeira coligação anticolonialista, presidida pelo citado Kiluange, e dez anos depois os portugueses tinham recuado para Loanda e outras praças fortificadas da costa. Mas a coligação não sobreviveu a sucessivas crises políticas internas e os senhores nela associados acabaram por preferir envolver-se nas chamadas «guerras de Kwata-Kwata»: caça a escravos para o mercado dos «descobridores» portugueses...

N'Gola Kanini «inventou» a guerra de desgaste contra as primeiras instalações economicamente importantes dos invasores. Os Jagas tornaram-se mestres na guerrilha. Kuikui II, no Bailundo, tentou criar infra-estruturas económicas que funcionassem como alternativas ao poder colonial em expansão. Mutu Ya Kevala e Tulante Buta nunca aceitaram a escravatura e conduziram rebeliões contra a opressão.

Em 1683, a rainha Victoria, da Matamba, era derrotada e impedida de defender o caminho para a Lunda...

Eis algumas das razões porque a alfabetização e a instrução primária são hoje «outras», em Angola, e não podiam deixar de estar apeados, no Museu das Faplas, os colossos de bronze da mitologia colonial.

Asfixiado por este inesperado mergulho num desconhecido traumático e hiperculpabilizante, saio para a chuvada morna do exterior: no meio de jovens varredoras com um filho às costas e outro aos pés, deparam-se me sucessivamente uma Panhard de pneus furados recuperada à FNLA em Kifangondo, os restos de um jacto não-identificado, metralhadoras pesadas, enormes canhões, jeeps, blindados e carros de combate alguns como novos, como um transporte soviético que parece acabado de sair da linha de montagem. Um soldado tão negro que são azuis e esverdeados os reflexos da sua pele, olha de longe, irónico, o meu espanto por o passado estar tão próximo, tão «pronto a usar».

Chove cada vez mais. Quando saio, um destacamento de cubanos, de camuflados, acaba de saltar de dois velhos autocarros civis e prepara-se para iniciar uma visita ao Museu. Um pequeno grupo escarnece do descobridor que aponta para a parede. Um oficial olha-me prudentemente e esboça, em surdina, um «buenos tardes compañero».

Desço, pela antiga calçada de D. Simão de Mascarenhas, bispo-governador de Loanda (oh Luuanda, Luuanda) entre 1625 e 1627, para a baixa da cidade.

No Baleizão, onde de semana se amontoavam as temíveis multidões que esperam o machibombo, há uma geladaria que já conheço e onde, apesar das constantes bátegas, alguns homens ainda novos comem gelados em grandes copos de plástico, comprados aos dois. O suor e a chuva misturam-se nos corpos. Muitas inscrições murais pelas paredes das avenidas: «Racha-o!» diz uma, mais enigmática e mais primordial que as outras. Eu sou um branco inabitual, na minha deriva sob a chuva, e os olhares que sinto sobre mim acentuam o sabor ácido deste deambular.

Lembro-me de que no hotel apareceram as primeiras acções de agit-prop em preparação do Congresso da Jota (Juventude do MPLA), «Viveiro do Partido», que está iminente. O herói Hoji Ya Henda e o dizer «a Juventude deve integrar-se mais totalmente no seio do povo» dominam as construções de papelão. Resolvo voltar para lá, de machibombo. É sábado à tarde e ele vai quase vazio. Pago os três kwanzas de tarifa única, e quando desço diante do edifício, o meu guia habitual está à minha espera no hall, apreensivo.

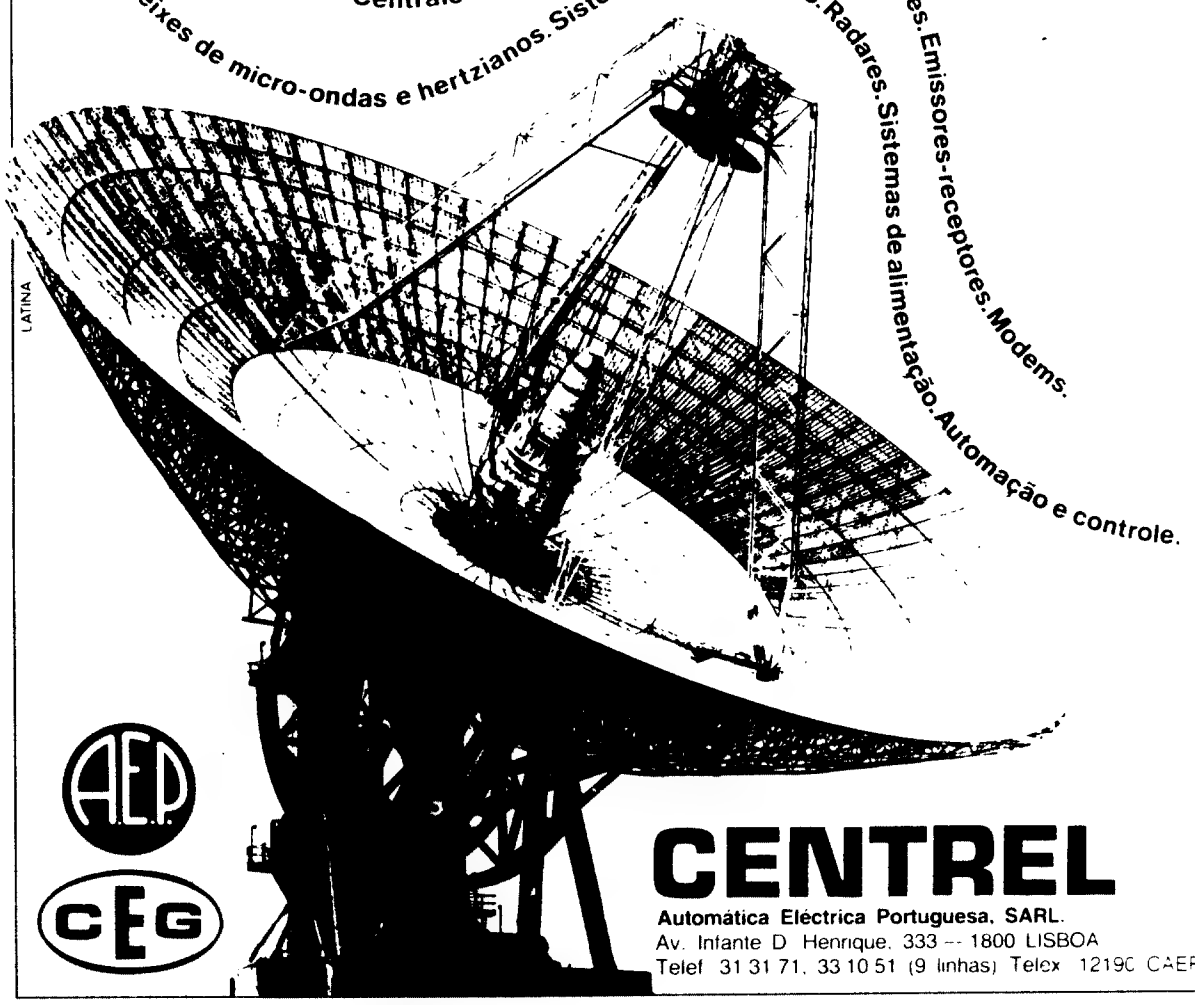
Pede-me desculpa do atraso mas insiste em que nunca um atraso seu deve motivar o meu desaparecimento. Eu estou encharcado até aos ossos e a rainha N'Zinga e o Camões apeado ainda me ofuscam a consciência. O meui guia comove-se e convida-me para uma bebida no bar do hotel. Sentam-nos e eu sonho com um bom «Havana Club», mas ele e abstemio e encomenda duas grandes garrafas de refrigerante. Eu comovo-me, ele olha com comiseração para o meu estado e há um momento de grande calor entre nós. Ele encomenda mais refrigerante.

Quando por fim nos despedimos e eu vou recolher ao quarto para tomar um gigantesco duche frio e descansar, um hóspede que observou toda a cena pergunta-me, com um sorriso trocista ao canto da boca, se não irei com ele, logo à noite, a certo musseque que ele conhece beber um «caporroto», álcool terrível destilado «em negro», que pode ter 80 ou mais graus e que custa 200 kwanzas o calicezinho. Por vezes, chegam a juntar-lhe o conteúdo de pilhas eléctricas para lhe dar «espírito». Eu, evidentemente, digo-lhe que sim.

CENTREL saúda ANGOLA pelo 6.º aniversário da sua independência

Somos a **CENTREL** - Automática Eléctrica Portuguesa – uma organização 100% nacional.
Estamos presentes em ANGOLA.
E muitos outros países dos cinco continentes já conhecem a nossa tecnologia: Moçambique, Zimbabwe, Nova Guiné Reino Unido, Irlanda, Venezuela, Malta, Hong Kong e Iraque
Trabalho • Qualidade • Futuro

Centrais telefónicas públicas e privadas. Telefones. Emissores-receptores. Modems.
Feixes de micro-ondas e hertzianos. Sistemas de teleponto. Radares. Sistemas de alimentação. Automação e controle.



LATINA

AEP CEG

CENTREL
Automática Eléctrica Portuguesa, SARL.
Av. Infante D. Henrique, 333 – 1800 LISBOA
Telef. 31 31 71, 33 10 51 (9 linhas) Telex 12190 CAEPCR P

Estamos juntos?

Partido, Governo, Estado: o MPLA já não é "o Povo"

Nascidos do mesmo movimento de libertação, o Partido, o Governo e o Estado angolanos repartem entre si as tarefas e as responsabilidades da revolução. Mas esta divisão de tarefas não é simples nem «transparente»

Partido, Governo, Estado: no organigrama das instituições tudo é relativamente simples. O partido dirige e decide; o Governo executa a política decidida pelo partido e o conjunto do aparelho de Estado, em sintonia com ambos, assegura que a revolução avança. No aparelho de Estado, uma instituição assume, também no organigrama, papel de relevo: trata-se da Assembleia do Povo, o grande «fiscal» popular da política seguida pelo partido, que discute da sua boa execução e faz respeitar o texto constitucional.

Dadas, porém, as caracterís cas do Estado angolano, comum às de outros Estados nascidos do combate de um movimento de libertação, as coisas não são, na prática, tão simples, a começar pela inevitável acumulação de tarefas nos vários escalões. Ainda neste particular, a falta de quadros é o «motor» da acumulação, mas por outro lado, a «acumulação», a «mistura» de funções é uma opção política.

José Eduardo dos Santos, por exemplo, é a um tempo chefe do Estado, presidente do partido, chefe do Governo, presidente da Assembleia do Povo e comandante em chefe das FAPLA.

Isto quer dizer que quando ele faz um gesto, tem de resultar claro para a população em que qualidade o faz, sob pena de, por exemplo, as relações exteriores do partido e do Estado angolano se verem confundidas como se fossem uma e a mesma coisa, o que nem sempre é verdade.

Em numerosos contactos com quadros do partido, animadores sindicais, dirigentes de empresas, apercebi-me de que a mistura de funções produz dif culdades, seja porque frequentemente se reúnem no mesmo indivíduo poderes que em princípio deveriam ser relativamente autónomos — o que «abrevia» em excesso o circuito da tomada de decisão — seja porque, dada a sintonia de princípio entre as diversas instâncias, é frequentemente vivida como indício de «crise» a existência de pontos de vista diversos entre o partido e o Governo ou entre algum destes e uma direcção empresarial, por exemplo.

A relação, frequentemente complexa e inibitória de algumas tomadas de decisão, entre o partido, o Governo e a direcção de grandes unidades económicas de Estado tem levado, por vezes, a «crises» de sector, de que é exemplo a recente demissão do ministro dos Petróleos, Monty. O comunicado oficial a este respeito apontava como causas da demissão a incapacidade de levar a cabo, no sector dos petróleos, as decisões do congresso do partido.

(Vale a pena recordar, a este respeito, que alguma Imprensa Ocidental justificou a demissão de Monty pelo inêxito da luta deste contra alguns funcionários superiores da Sonangol que estariam envolvidos em casos de corrupção. Claro que, também em nossa opinião, as empresas estatais de Angola não estão «vacinadas» contra as «luvas», os favoritismos e outras perversões da actividade económica; mas o exemplo citado, em que se atribui a Monty a denúncia, ineficaz, de dois funcionários que teriam recebido 10 mil dólares de «luvas», testemunha, no mínimo, uma ignorância profunda da escala de valores praticados no mundo do petróleo. É preciso desconhecer totalmente o valor das «luvas» neste sector, e o valor actual de 10 mil dólares (300 mil kwanzas ao câmbio oficial) na sociedade angolana, para se pensar que um funcionário superior se deixaria «corromper» por tal quantia).

O modelo irrequieto

Independentemente das dificuldades provocadas pela «transversalidade» das funções dirigentes e que perturba mais directamente o sector empresarial, existe uma outra característica, também comum a outros Estados saídos da luta de movimentos de libertação, que atribui a estas revoluções um perfil «sui generis», pondo em causa a vulgata dos manuais:

Com efeito, em Angola como noutras experiências revolucionárias recentes, o partido só nasce depois da conquista do Poder (aqui, dois anos depois), por metamorfose do próprio movimento de libertação e sem que a população compreenda com clareza que este «terminou a sua função histórica».

Assim, por exemplo, o Partido do Trabalho, definido como «vanguarda» operária e camponesa na luta revolucionária, deixou para trás a vontade de identificação com o conjunto da população testemunhada pela época do «slogan»: «O MPLA é o Povo e o Povo é o MPLA.» Mas no imaginário das bases, a época marcada por este «slogan» está longe de ter morrido: o movimento de libertação, para quem a luta de classes não era a luta fundamental, «recusa-se» a morrer para dar à luz o partido, para quem a luta de classes é decisiva.

Curiosamente, é no sector militar que a «transformação» está, porventura, mais realizada. As FAPLA, originalmente identificadas como expressão armada do MPLA, são hoje geralmente entendidas como «forças armadas do Estado angolano», o que representa um importante salto qualitativo na compreensão da função militar no nascimento da nação. As FAPLA organizaram-se como um verdadeiro Exército e é evidente para qualquer visitante que estão, hoje, incomparavelmente mais disciplinadas e mais conscientes do seu papel do que durante a fase da «segunda guerra de libertação», sem prejuízo das opções militantes que continuam a informá-las decisivamente. As cooperações cubana e soviética neste domínio não são, decerto, alheias a esta transformação.

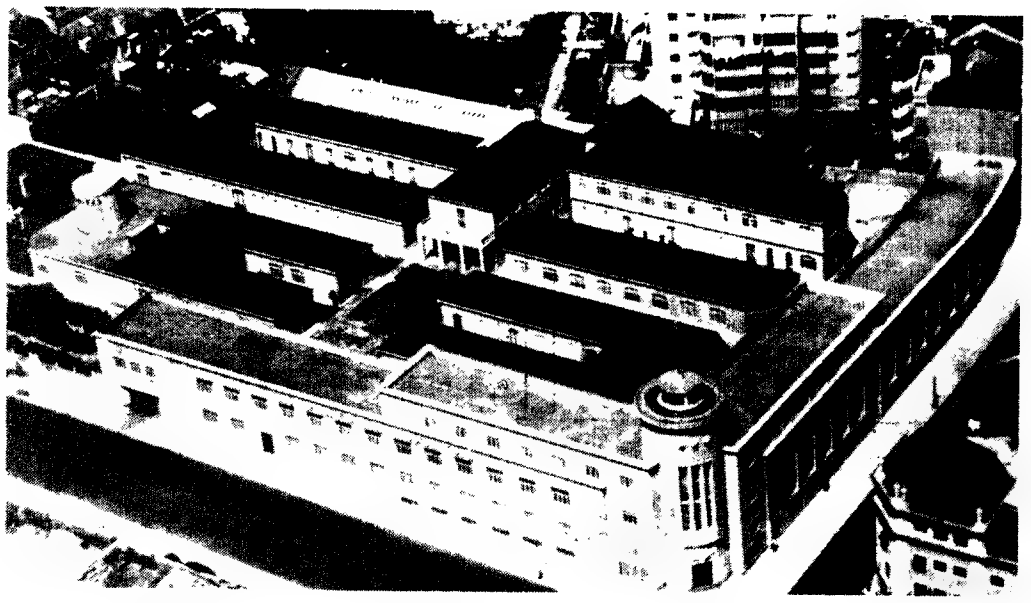
Novos e velhos

O guerrilheiro que andou 14 anos no mato contra os portugueses mantendo-se jovem, o sábio de aldeia que nunca foi à escola mas que é portador de uma milenária sabedoria africana, o desgastado homem de aparelho que largou a «Kalash» para dirigir um Ministério todos têm a mesma idade em Angola, por mais contraditório que pareça. São os da «geração do presidente», homens que passaram há pouco os trinta e

Continua na pág 9

CORTEZ PINTO & PIMENTEL, Ld.ª
— Rua D. João V, 24 — 1100 Lisboa

sanitas



Fundado há mais de 70 anos, por força de uma dinâmica própria, mantém-se perfeitamente actualizado, rivalizando com os melhores.

Os seus produtos obedecem às mais rigorosas normas de qualidade, internacionalmente estabelecidas.

Exporta cerca de 40% da sua produção, prestando, deste modo, o seu contributo para os mais altos interesses do País.

É um laboratório totalmente português, labutando, corajosamente, para poder corresponder aos altos objectivos nacionais, contribuindo, assim, decisivamente, para a melhoria da Saúde Pública.

SOC. COM. COTANDRE, LDA.

AGENTES DE NAVEGAÇÃO
ESTIVADORES

SERVIÇOS REGULARES PARA OS PORTOS DE:

ANGOLA
S. TOMÉ
CUBA
INGLATERRA
HOLANDA
BÉLGICA

ESCRITÓRIOS:

SEDE
Av. 24 Julho, 126-3.º
Telef. 66 61 83
Tlx 12577 Cotas P
Lisboa

FILIAL
Rua Mouzinho da Silveira, 62-2.º
Telef. 25656
Tlx 22532 Cotas P
Porto

Estamos juntos?

Continuação da pág. 8

cinco anos e ainda não atingiram os quarenta e cinco. São desta fornada os actuais dirigentes angolanos em todos os sectores da vida nacional, a começar pela alma do país independente, alvo privilegiado de todos os seus inimigos confessados: o MPLA-Partido do Trabalho desde Dezembro de 1977.

Uma grande distância separa o partido actual do Movimento de Libertação fundado em finais de 1956. Nessa altura, viajando no vento da rebelião que percorria a África colonizada, o seu manifesto fundador afirmava nomeadamente:

«O colonialismo português não cairá sem luta. Deste modo só há um caminho para o povo angolano se libertar: o da luta revolucionária. Esta luta no entanto só alcançará a vitória através de uma frente única de todas as forças anti-imperialistas de Angola, sem ligar às cores políticas, à situação social dos indivíduos, às suas crenças religiosas e tendências filosóficas, através portanto do mais amplo Movimento Popular de Libertação de Angola.»

Como se sabe, o início da luta armada só viria a verificar-se um pouco mais de quatro anos depois, em 4 de Fevereiro de 1961, quando centenas de jovens assaltaram as cadeias de Luanda para libertarem presos políticos.

Está por fazer a história do Movimento durante os 14 anos de guerra que seguiram. E não nos referimos à história dos apoios internacionais que ele foi conquistando ou atraindo, nem àquela outra, sintética e oficial, que se conta em duas ou três etapas, a última das quais seria a sua transformação em «Partido do Trabalho».

Referimo-nos, sim, à história interna do Movimento, a das contradições que foi ultrapassando, a das tendências que foi sendo capaz de integrar até ter alcançado uma imagem de unidade cada vez mais precisa, contornos cada vez mais definidos.

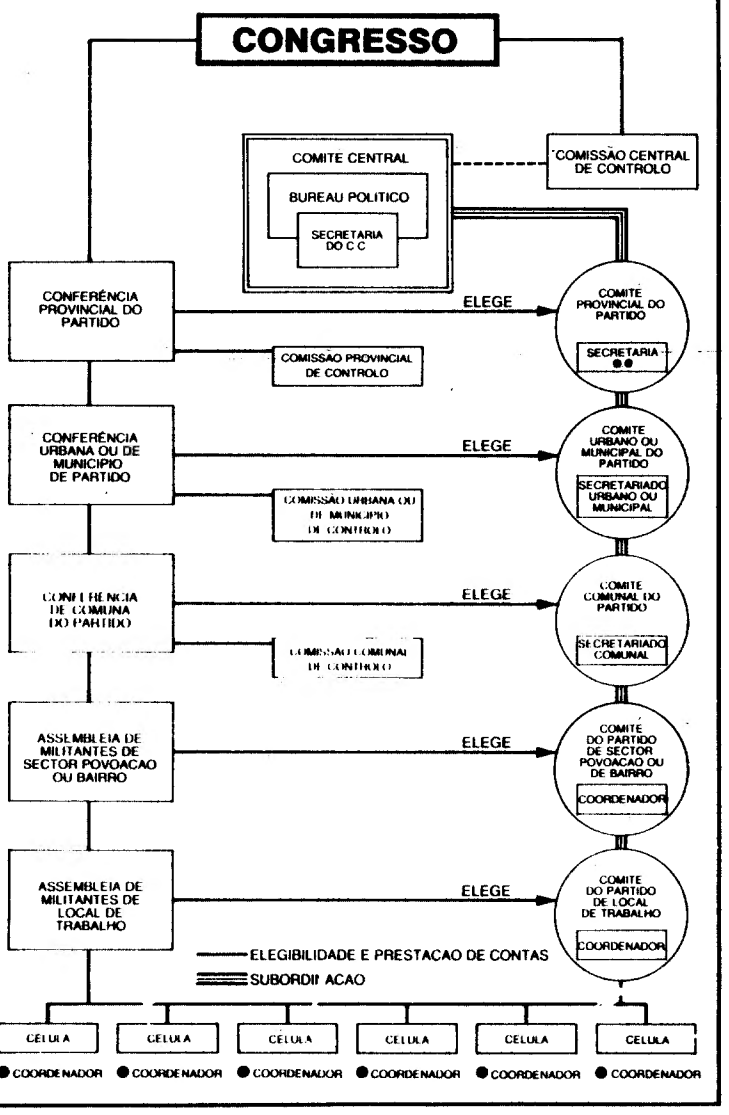
Por outro lado, o MPLA lutou e luta (ao contrário do que sempre fez a UNITA) contra a fortíssima tradição tribalista, que separava e ainda separa populações umas das outras no país, dificultando o fortalecimento da ideia de unidade nacional. Esta dificuldade é solidária (e em grande parte apoia-se) na existência de variados dialectos através do território, de entre os quais emergem sobretudo seis línguas: o Kikoongo, o Kimbundo, o Cokwe, o Umbundo, o Mbunda e o Kwanyama.

Continua na pág. 10

LISTA DOS MEMBROS DO COMITE CENTRAL

JOSE EDUARDO DOS SANTOS (PRESIDENTE)
JOÃO LUIS NETO (XIETU)
PEDRO MARIA TONHA (PEDALE)
ANTONIO DOS SANTOS FRANÇA (NDALU)
LUDY KISSASSUNDA
LUCIO LARA (TCHIWEKA)
HENRIQUE TELES CARREIRA (IKO)
FRANCISCO MAGALHAES PAIVA (NVUNDA)
PASCOAL LUVUALU
EVARISTO DOMINGOS (KIMBA)
HENRIQUE DE CARVALHO SANTOS (ONAMBWE)
MANUEL LOPES MARIA (XI-MUTU)
MANUEL FRANCISCO TUTA (BATALHA DE ANGOLA)
LOPO DO NASCIMENTO
DAVID MOISES (NDOZI)
JOÃO BAPTISTA (JAMBA YA MINA)
JOSE CESAR AUGUSTO (KILUANGE)
JORGE TCHIMPUATI
MANUEL ALEXANDRE RODRIGUES (KITO)
ARMANDO DEMBO
ZACARIAS PINTO (BOUNGO)
JULIÃO MATEUS PAULO (DINO MATROSSE)
CELESTINO BERNARDO (TCHIZAINGA)
JAAO ERNESTO DOS SANTOS (LIBERDADE)
MANUEL QUARTA (PUNZA)
ANTONIO BERNARDO (MANHINGA)
AFONSO VAN-DUNEM (MBINDA)
PAIVA DOMINGOS DA SILVA
RODETH GIL
ILIDO MACHADO
ANTÓNIO JACINTO
AMBROSIO (Ilegível)
MARIA MAMBO CAFE
DELFIM DE CASTRO
MANUEL AUGUSTO ALFREDO ORLOG
LOURENÇO FERREIRA DIANDENGUE
MIGUEL LUIS (VADI)
MARIANO PUKU
MANUEL PEDRO PACAVIRA
BERNARDO DE SOUSA
RUTH NETO
MARQUES MONAKAPUI (BASSOVAVA)
KUNDI PAYAMA
ROBERTO DE ALMEIDA
PAULO TEIXEIRA JORGE
RAFAEL SAPILINHA (SAMBALANGA)
SANTANA ANDRE PITRA (PETROFF)
AGOSTINHO MENDES DE CARVALHO
DOMINGOS AFONSO (KOTA NETO)
JERONIMO SINEDIMA
CELESTINO CHINHAMA (FAISCA)
HERMINIO ESCORCIO
JOSE CARLOS (LENGA
JOAO BAPTISTA PANZO
FILIPE QUINGUENGO (MABIOLA)
ARTUR VIDAL GOMES (KUNDIDIEZABO)
LUCRECIA ALFREDO ANTONIO DOMINGOS
JACINTO JOAO ANTONIO (TONENO)
JOAO HENRIQUES (CABELO BRANCO)
DOMINGOS FRANCISCO BARTOLOMEU
LUIS SEBASTIAO MATEUS (VOZ DO POVO)
CARLOS KANGULU DOMINGOS
PAULO MASSENGO (SENTIR)
THICASSA (KASSUMBI WAFA MESO)

ESTRUTURA DO PARTIDO



Materiais descritivos sobre o MPLA-PT, editado pelo respectivo Departamento de Informação e Propaganda

PUB.

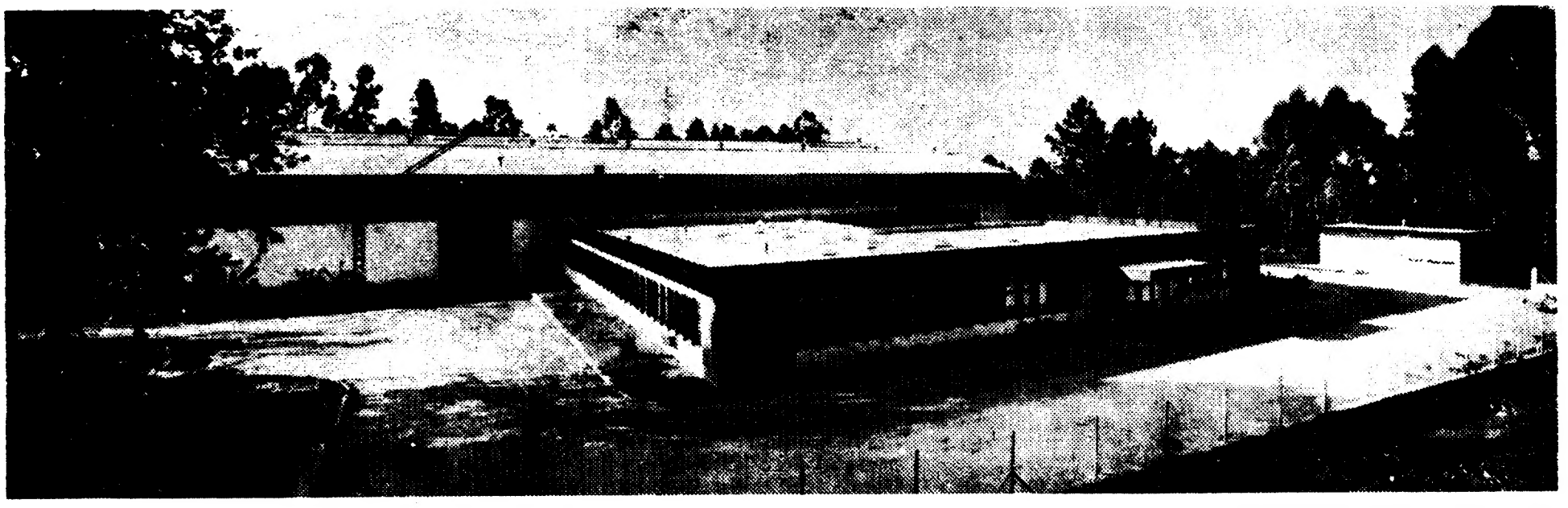
SECCA

construções metálicas s.a.r.l.

- Caixilharias e divisórias de alumínio
- Coberturas industriais
- Estruturas metálicas ligeiras e semipesadas
- Construções diversas em perfis e chapa de aço

FÁBRICA E ESCRITÓRIOS:
RECHOUSA/V. N. GAIA
TELEFONES 911463-912793-914501
TELEX 22826 P
APARTADO 6 - CANELAS
4415 CARVALHOS

DELEGAÇÃO:
TELEFONE 577036
RUA PASCOAL DE MELO, 135-4.º-D.
1000 LISBOA



Estamos juntos?

JÁ NOS CONHECE?

Começámos há 36 anos com 3 pessoas.
Hoje somos 154.
Continuamos a mesma empresa
jovem e dinâmica.

Existimos para o servir.
Uma parte de nós contacta directamente
com o público através das nossas
11 lojas e discotecas.
Os restantes colaboram nos sectores
editorial, comercial e de distribuição.

Este ano publicámos
cerca de 200 novos títulos
que vão desde o manual universitário
à ficção científica,
da novela aos livros técnicos,
dos manuais de enfermagem
ao romance policial ou de aventuras,
passando por livros de História,
Pedagogia, Teatro, Pintura e Desporto.

Naturalmente que os pequeninos
e os jovens leitores
também não são esquecidos.
Para eles existem 180 títulos.

Somos uma editora privada, portuguesa,
mas de dimensão europeia.
Os nossos livros chegam também
ao Brasil, a Cabo Verde,
a S. Tomé e Príncipe, ao Canadá,
à Alemanha e à França.
Em Angola e Moçambique
também não somos desconhecidos.

Tem acesso aos nossos livros?

Já nos conhece?

Somos

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8 2726 MEM MARTINS CODEX

Continuação da pág. 9

Foi o próprio Agostinho Neto quem reconheceu, contra um parecer subsistente em numerosos quadros políticos, que «o uso exclusivo da língua portuguesa como língua oficial não resolve os nosso problemas. Tanto no nosso ensino primário como no médio será preciso utilizar as nossas línguas. E dada a sua diversidade no país, mais tarde ou mais cedo deveremos tender para a aglutinação de alguns dialectos, para facilitar o contacto».

Um livro escrito em 1971 mas apenas editado em Luanda e Lisboa em 1980, o «Mayombe» de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, dito Pepetela, levanta o véu que até agora cobria a história das contradições, do tribalismo e das dificuldades na relação com algumas populações encontradas pelo MPLA durante a longa guerra de libertação. Em parte, essa dificuldade vivida pelo Movimento até à independência foi herdada pelo Partido no poder e pelas FAPLAS, que se defrontam com ela ainda hoje. A UNITA, exactamente, tem tentado jogar a fundo na separação tradicional das populações angolanas, fomentando tribalismos quer para se infiltar em certas regiões, quer para tentar aproveitar alguma reactividade contra as FAPLAS e contra o Partido de que elas são o braço armado.

Unificar a consciência nacional de kikongos, kimbundos, tchokués, ovinbundus, ngangelas, tjihereros, nyanekas, vaambos, oshindongas, cuissis e bochimanes, povos e culturas devoradas pelo subdesenvolvimento imposto, e de alguns dos quais já pouco resta, não é uma das tarefas mais fáceis do poder revolucionário.

Por outro lado, dadas as condições em que se verificou a conquista da independência (em plena guerra aberta contra a FNLA e a UNITA) e em que o país vive ainda hoje (alvo de sucessivos ataques no flanco Sul, depois de consolidado o flanco Norte), a problemática das diferenças culturais e das dificuldades com as línguas ainda não se exprimiu totalmente, sendo possível que continue a ser adiada porque a defesa nacional a dilui quase totalmente.

Forte e frágil

Forte e frágil, como já dissemos, nos apareceu o partido nascido do MPLA. Forte porque concretizou a independência depois de quase década e meia de guerra, resolvendo no seu seio todas as contradições que ao longo desse período nele se desenvolveram. Forte também depois do fracasso do «golpe fraccionista» de 1977 e do desaparecimento da OCA, tendência organizada que, hoje, não tem qualquer expressão política.

Frágil porque, tendo agora atingido os 25 mil membros e exprimindo-se igualmente nele a enorme falta de quadros que caracteriza a sociedade angolana, está face a uma luta decisiva contra um poderoso inimigo exterior e contra uma reacção interna desorganizada mas actuante, num território de enormes proporções, onde qualquer pequeno grupo armado pode pretender controlar, por períodos relativamente breves, algumas zonas de proporções consideráveis.

Agostinho Neto desenhado por António Domingues

Frágil também porque o MPLA enfrenta, depois da consolidação da independência, a tentação de se «ossificar» enquanto aparelho político: muitos dos seus quadros são acusados de fazerem sobretudo «trabalho de gabinete». A burocratização e o autoritarismo, ou o «síndroma da hierarquia», espreitam como se constituíssem uma merecida recompensa, e, como reconheceu o presidente no aniversário da independência, no dia 11, tornou-se urgente lutar contra quem se serve do partido para satisfazer meros interesses pessoais.

Os angolanos não reconhecem oficialmente o que diferentes observadores descrevem como «a emergência de uma buerguesia nacional», mas a sua existência é um facto e, se pensarmos que o MPLA deixou muito recentemente de ser «um amplo movimento de unidade nacional», aceitaremos como inevitável que também no seu seio se albergaram interesses e hábitos de vida divergentes, com expressões sociais que testemunham novas contradições.

A juventude

Por tudo isto, os «velhos sábios de quarenta anos» depositam uma grande esperança na «Jota», a organização de juventude do partido, que realizou o seu primeiro congresso em Luanda nas vésperas do 11 de Novembro. Todo o aparelho do partido, apoiado na Imprensa, na rádio e na televisão nacionais, se mobilizou, a começar pelo próprio José Eduardo dos Santos, para sublinhar a importância da organização e a precaver contra os riscos da sua crescente expansão:

«Crescer é importante, mas não basta crescer. É necessário garantir a operancionalidade das estruturas (...). Não alcançaremos esse objectivo se, em vez do trabalho político, priorizarmos o trabalho burocrático. Se em vez de trabalharmos no seio da juventude nas fábricas, nos campos, nas escolas, nos quartéis e nos bairros, priorizarmos o trabalho de gabinete (...). Quem tem o cartão de membro deve demonstrar que o merece pelo seu trabalho, pelo seu comportamento de vanguarda (...). Deve ser o admirador e o defensor da política do partido e do Estado; deve fazer as críticas nos organismos apropriados e combater as manifestações pequeno-burguesas...»

Considerada por muitos uma organização ainda incipiente, a «Jota», que ultrapassou os 70 000 membros, tem participado em frentes decisivas da «reconstrução nacional», sobretudo na alfabetização, no lançamento da experiência dos mercados rurais, que pretende monetarizar o pequeno comércio agrícola, suprimindo progressivamente a troca de produtos e na reorganização do ensino.

Os quadros do actual MPLA, desgastados pela longa guerra de libertação, pelas tarefas de consolidação do Estado, de defesa e de reconstrução económica, apostam forte nos seus «sucessores» ou «herdeiros políticos» — os jovens camisas vermelhas que, rodados na «Jota», cedo entram para o aparelho do partido, povoando a zona pobre de quadros, animadores políticos e dirigentes.

Discussão

Apresentar, porém, o aparelho do MPLA como tendendo sobretudo para a ossificação e a burocracia, está longe de corresponder aos factos e de transmitir a imagem múltipla, plural da sua vida e actividade.

Na palestra-debate que já

Continua na pág. 11

Estamos juntos?

Continuação da pág. 10

citámos, realizada numa fábrica da zona de Luanda com a participação do secretário do CC para as Relações Exteriores, Afonso Van Dunen, a vivacidade das intervenções dos trabalhadores e o tipo de questões colocadas ao dirigente do partido testemunham um tipo de relações com as bases que só um cego caracterizaria como «burocráticas».

Van Dunen foi insistentemente convidado a esclarecer como se articulam o partido e o Governo, bem como o papel da Assembleia do Povo, através de perguntas como estas:

— Afinal, camarada, quem manda nas Relações Exteriores é o Ministério ou o departamento do partido que trata delas?

— E porque é que não compete à Assembleia do Povo decidir das Relações Exteriores de Angola?

Van Dunen explicava que quem define a política exterior de Angola é o Comité Central do partido, devendo a Assembleia do Povo vigiar e controlar a sua boa execução pelo Governo.

Sessões como esta multiplicaram-se ao longo de todo o mês de Novembro, abrangendo temas tão diversos como o «cancro» do porto de Luanda e o «caos» dos abastecimentos geridos pelo Comércio Interno, as principais opções da política agrícola e a atitude a tomar face às empresas deficitárias.

Também em relação ao engajamento angolano na questão namibiana e às relações (comerciais) que a RPA mantém com os Estados Unidos foram colocadas questões a Van Dunen, de modo muito frontal e directo. Em relação à Namíbia, trabalhadores quiseram saber como evolui politicamente a SWAPO, que vantagens advêm para Angola do esforço de guerra que é obrigado a fazer no Sul... O dirigente invocou a solidariedade internacional prestada a Angola antes da declaração de independência, os deveres internacionalistas e os compromissos morais da RPA com a luta anti-imperialista e contra a África do Sul.

Este clima de discussão aberta, e por vezes apaixonada, entre o partido e os trabalhadores, prevalece sem dúvida na Angola actual e constitui um indício indesmentível de que boa parte das tomadas de decisões passam por um amplo esclarecimento exigido pelas próprias bases, e geralmente transmitido, na íntegra, pelo que é provavelmente o mais popular dos meios de Comunicação Social — a rádio. ■

Ilustração de António Domingues

É um pouco assim, a aldeia de trabalhadores da ananaseira do Bungo. Por algum tempo mais, o colmo será «mais forte» que o cimento

Continuação da pág. 5

Sindical dependem directamente da Direcção. Ao lado está pendurado um plano de irrigações redigido em caracteres cirílicos: os soviéticos «estão lá» Devoramos a primeira refeição do dia já a correr, porque a viagem é longa e o motorista não trouxe livre-trânsito para circular no recolher obrigatório. É uma óptima funjada: o molho de bagre fumado e a bola de mandioca sabem-me como mel.

Durante os abraços de despedida, ao luco-fusco, um lagarto róseo, de 30 cm, semelhante à salamandra, com grandes olhos assustados e sarapintado de verde e laranja, corre-nos debaixo dos pés. Efigénia fica convidada a voltar ao Bungo com a família: «Matamos um veado e assamo-lo à noite», promete, tentador, o camarada Domingos. Efigénia e o motorista trazem do armazém sacas de carvão e óleo de palma, e estão felizes.

Na estrada, de noite, tudo mudou: uma dessas trovoadas longínquas, silenciosas, rasga terrivelmente o céu do Quanza Norte, que passou a ser a ameaçadora morada de deuses em cólera.

Começa a chover. O motorista acelera sempre. Morcegos espavoridos vêm, de tempos a tempos, quase esmagar-se contra os nossos faróis. Camiões fora de mão, em correria louca, alguns deles militares, cruzam-se perigosamente connosco. E Efigénia teme os assaltantes de estrada, quer voltar depressa para o pé do Buritin.

De certo modo, penso durante este regresso de pesadelo, os ananases do Bungo cresceram demais. O ministério vê-os com cepticismo, deseja que o centro da empresa passe para a Baixa do Quanza e quer diversificar-lhe mais as culturas, já que o projecto inicial não se cumpriu.

Mas como travar o ímpeto dos que os cultivam? Como travar a natureza fertilíssima? Como interromper o curso de uma empresa que passou a animar, mesmo se mal dimensionada e fugindo ao que esperavam dela, toda uma região?

Os ananases do Bungo são provavelmente um exemplo rico do modo como, a partir do nada, angolanos partiram, depois da independência, para a reconstrução. E o ministério terá, como noutros casos, de adaptar-se a eles.

João Mendes

Hedla
PORTUGAL
49.39
Hedla
PORTUGAL
43.39
Hedla
PORTUGAL
37.38
ARMAÇÕES PARA ÓPTICA OCULAR
FRAMES OCULAR OPTICAL
MONTURES POUR OPTIQUE OCULAIRE
SEDE
Escritórios
Largo da Portagem, 27-3.º
Sales B/D Telef. 20971
3000 COIMBRA

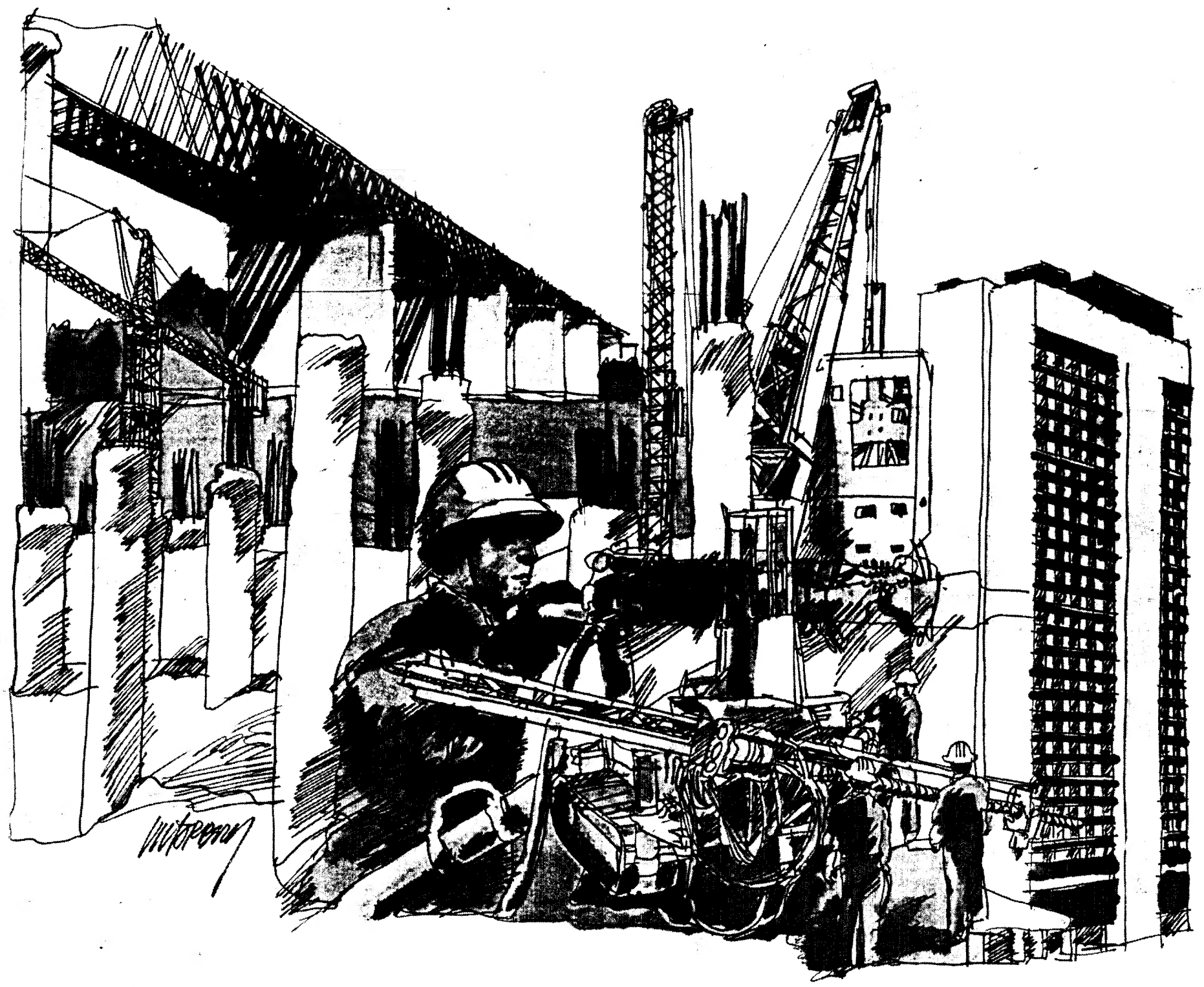
• O PAINEL REVESTIDO PARA TODOS OS ESPAÇOS
um PRODUTO HB
europlac
A SOLUÇÃO PARA:
MOBILIÁRIO · PAREDES · DIVISÓRIAS
H. BREHM
EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS, S.A.R.L.
HB
AO SERVIÇO DA INDUSTRIA DA MADEIRA
PROJECTOS • MÁQUINAS • FERRAMENTAS DE CORTE
SEDE EM LISBOA
R. Marquês de Soveral, 5A e 5C - 1799 Lisboa Codex.
Tels. 898041/2/3/4/5- Teleg. BRESTUMA. Lisboa.
Telex 16589 HBREHM-P.
DELEGAÇÃO NO PORTO
R. Eng. Ferreira Dias, 415 - 4100 Porto.
Tels. 673004/11/74-Teleg. BRESTUMA. Porto.
Telex 22119 HBREHM-P.
INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS
Quinta de Pau Varais - Azinhaga dos Fetais - Fetais.
CAMARATE - 2685 Sacavém - Tels. 2515192 - 2515512 - 2515963

TEIXEIRA DUARTE, LDA.

CONSTRUÇÃO CIVIL E INDUSTRIAL

OBRAS PÚBLICAS

ENGENHARIA DE FUNDAÇÕES



A TECNOLOGIA E O TRABALHO
À DISPOSIÇÃO DOS POVOS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA

Av. da República, 42 Telef. 733086 Telex 18548 TEDEX P
1094 LISBOA Codex